

Pa  
h

H.S.  

---

4970

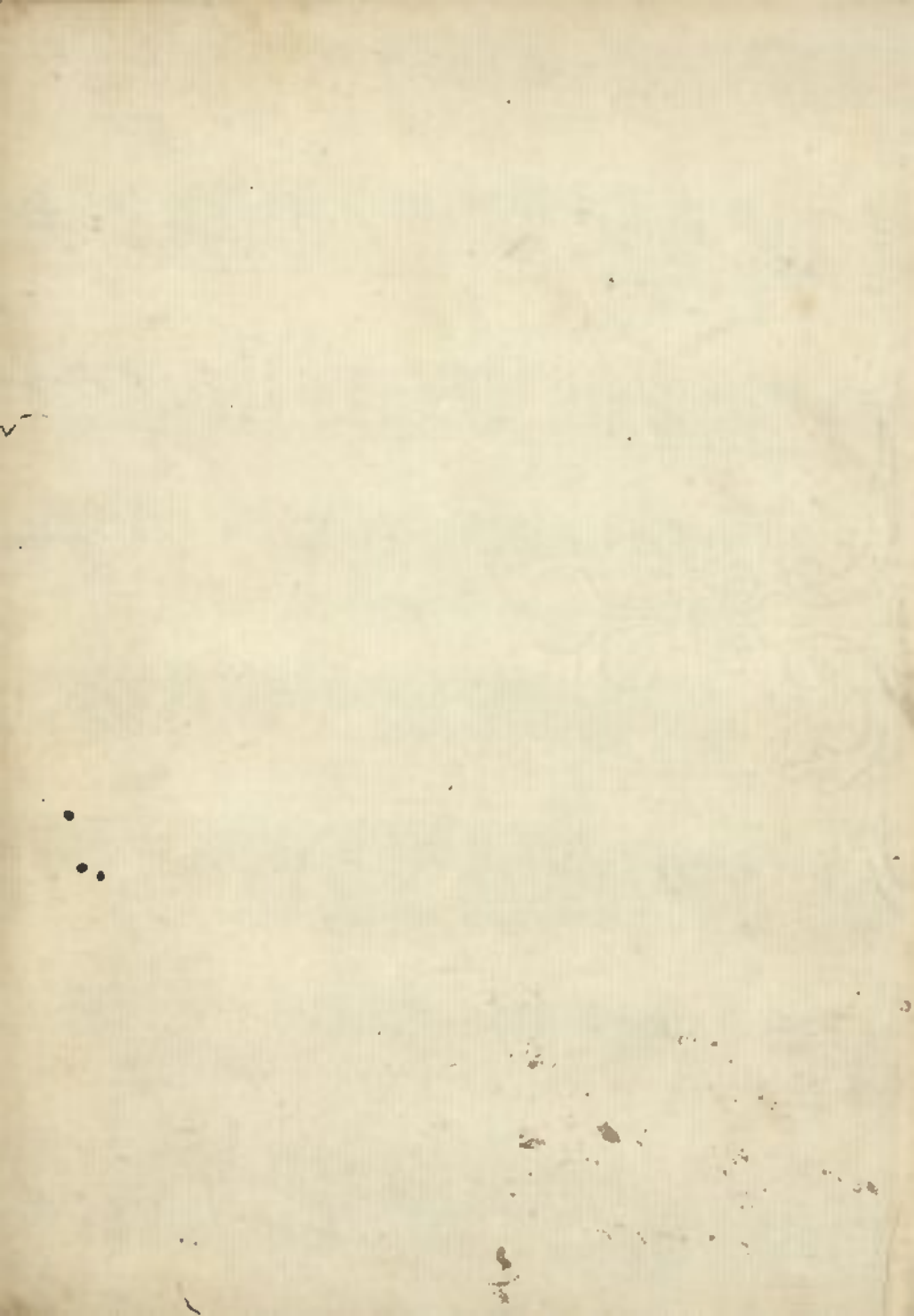
Σ  

---

12  

---

19



H.S.  
4970

EXEMPLAR

DA

SURPRES,

DEDICADO

SANTA CELERINA,

PORTUGUEZA

MINHO DE LIS VELHO.

LISBOA

1893

1893

E X E M P L A R

D A

CONSTANCIA DOS MARTYRES

EM A VIDA DO GLORIOSO

S. T O ' R P E S ,

MORDOMO, E VAL'IDO DE NERO,

NA QUAL SE EXPÕE DESDE O SEU NASCIMENTO  
atè o seu glorioso triunfo , e se relata a vinda prodigiosa do seu  
sagrado corpo a este Reino à Villa de Sines , onde Santa Cele-  
rina , conhecendo-o por especial revelação de Deos , lhe deo de-  
cente sepultura , construindo-lhe hum magnifico Templo , que  
foy o primeiro da Europa , e segundo da Christandade , o que se  
justifica com indubitaveis fundamentos , deduzidos dos mais an-  
tigos , e veridicos Escritores , com dissertações , e noticias muito  
curiosas sobre o mais , que contém a mesma Hittoria ,

D E D I C A D O

A' M. ILLUSTRE, E ESCLARECIDA MARTYR

SANTA CELERINA,  
P O R T U G U E Z A .

ESCRITO POR

ESTEVIÃO DE LIS VELHO.



L I S B O A ,



Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,  
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. XLVI.

*Com todas as licenças necessarias.*

# EXEMPLOS DA CONSTANCIA DOS MARTIRES

EM A VIDA DO GLORIOSO

# S. TORRES

MODOMO, E VALLE DO MEIRO.

EM QUAL SE VEJO DEPOZ O MEU NACIMENTO  
e a minha vida até ao presente, e a vida e virtudes do glorioso  
S. Torres, e a vida de S. Paulo, e de S. Pedro, e de S. Mateus,  
e de S. Marcos, e de S. João, e de S. Baptista, e de S. Agostinho,  
e de S. Hieronymo, e de S. Gregorio, e de S. Isidoro, e de S. Leandro,  
e de S. Ambrosio, e de S. Basilio, e de S. Chrysostomo, e de S. Cyrillo,  
e de S. Methodio, e de S. Ignacio, e de S. Nicolau, e de S. Eligio,  
e de S. Valente, e de S. Simão, e de S. Iudeo, e de S. Thome,  
e de S. Matheo, e de S. Jacinto, e de S. Eusebio, e de S. Valerio,  
e de S. Sabino, e de S. Felice, e de S. Hippolito, e de S. Marcellino,  
e de S. Pedro e S. Paulo, e de S. Agostinho, e de S. Hieronymo,  
e de S. Gregorio, e de S. Isidoro, e de S. Leandro, e de S. Ambrosio,  
e de S. Basilio, e de S. Chrysostomo, e de S. Cyrillo, e de S. Methodio,  
e de S. Ignacio, e de S. Nicolau, e de S. Eligio, e de S. Valente,  
e de S. Simão, e de S. Iudeo, e de S. Thome, e de S. Matheo,  
e de S. Jacinto, e de S. Eusebio, e de S. Valerio, e de S. Sabino,  
e de S. Felice, e de S. Hippolito, e de S. Marcellino, e de S. Pedro  
e S. Paulo.

DEDICADO

A S. MARIA DA CONCEICAO DE LISBOA

SANTA CELINA  
PORTUGUESA

ESCRITO POR

ESTEVÃO DE LIS VALHO.



LISBOA

EM ORDEN DE MICHEL MARCHEZEL, BARRONETE  
Impresso na Officina de S. Pedro

Continua no livro seguinte.





A MUITO ESCLARECIDA,  
E  
GLORIOSA MARTYR  
SANTA CELERINA,  
PORTUGUEZA.



*OY o corpo de S. Torpes,  
ò inçlyta Santa, e illustre Lusitana, divinamente conduzido em huma barca velha, e rota a buscar-vos na Villa de*

*Sines para o receberes , e lhe dares nobre jazigo ;  
vay agora tambem á buscar-vos a barca des-  
troncada deste Livro com o mesmo triunfante  
Martyr para o receberes , ficando assim livre  
de todo o naufragio em seguro porto. Collocas-  
tes o corpo deste glorioso Santo em hum sum-  
ptuoso Templo , que foy o primeiro de Europa ;  
espera o corpo deste volume , levando o vosso es-  
clarecido Nome , ser collocado no primeiro Tem-  
plo da fama. A idéa desta combinação. de ob-  
jectos , e aquella grande veneração , com que  
Vos adoro , me fez determinar desde o princi-  
pio , que a minha grande devoção intentou esta  
Obra , de vo-la-dedicar , por entender que a alta  
materia , que contém , só a Vós se devia offere-  
cer ; porque se este grande Santo veyo de Pisa  
a buscar-vos em Sines por ordem de Deos , pa-  
ra dares ao seu sagrado corpo os devidos cul-  
tos ; eu , que de Sines o tirey da sepultura do  
esquecimento , só a Vós. o devia offerecer o meu  
obsequio , fazendo-vos assim huma justa resti-  
tuição do que era vosso. He vosso este Santo ,  
porque o Ceo Vos. deo nelle o mais precioso the-  
souro , e depois de descoberto Vos devia ser en-  
tregue , como a legitima possuidora. He tam-  
bem vosso pelo amor ; porque se este com singu-  
lar união identifica os sujeitos , fazendo em Vós  
es-*

estes effeitos, ficastes parte daquelle todo, ou o todo daquelle parte. Como nunca fostes inseparavel deste prodigioso Santo, a quem me tenho tambem unido pelo affecto, me não podia apartar de Vós, pois nelle Vos achava; e se em nada he diverso o objecto, justo he seja igual a devoção, e o sacrificio. Para tão alto assumpto quizera ter a penna de Aguia, para descrever em rasgos o que examinou em luzes; mas como a minha não pôde remontar os voos por humilde, não servirá a minha eloquencia de igual panegyrico a tão eminente materia. Nas ruinas do Templo, que erigistes para perpetua memoria de tanto prodigio, edifiquey esta minha Obra, que para lhe segurar melhor a sua duração, fostes tambem nella o fundamento. Neste edificio, fabricado pela minha penna, me atrevi a lavrar este pequeno Throno, onde com o Nome de S. Torpes se collocasse o vosso glorioso Nome. Quiz fazer publicas ao Mundo as heroicas virtudes, que em Vós se vivão sempre triumphantes com as do vosso inchyto Martyr; e ainda que dignamente não as escreva com a elegancia, com que merecem ser acclamadas, acenay do meu pequeno alento a desfalecida voz, com que as prego: Nesta breve historia, a que reduzi, como em succinto mappa, a grandeza,

deza, é multiplicidade das vossas gloriosas acções, me não foy possível cabalmente louvallas; porque a sua eminencia me perturbava com a admiração, e a multidão me embaraçava na escolha. Não ponderey, como devia, o ingresso da nova Religião, que professastes, que foy a primeira porta, que o Ceo Vos abriu, para teres nelle tão feliz entrada. Não expuz, como pedia a materia, aquelle especial favor, com que Deos depositou nas vossas mãos o estimavel, e sagrado thesouro do corpo do seu triunfante Martyr, cuja mercê Vos mandou annunciar por hum Anjo, sendo outro o conductor da barca, que o transportou. Não disse, como merecia, a Catholica acção da construcção do Templo, em que tiverão mais gloriosos exercicios vossas virtudes, dedicando-vos perpetuamente ao Salvador do Mundo; e escolhendo para Director Espiritual o Prelado Diecesano, para Vos reger, e ensinar o caminho mais perfeito. Finalmente não escrevi, como desejava, a mayor finenza do vosso amor em dares a vida por Christo, constante no martyrio, pelo qual subio vossa alma gloriosa, e triunfante a gozar nesse Empyreo a mayor de todas as felicidades. Nessa Celestial morada, onde Vos invoco, ò gloriosa Santa, para que nella sejais minha advogada,

gada , Vos peço tambem Vos digneis de receber  
esta pequena offerta por tributo da minha ve-  
neração , amparando-me com o vosso favor ,  
para que os erros da minha penna se não co-  
nheção à sombra do vosso patrocínio , &c.

Vosso humilde servo , e affectuoso devoto

Estevão de Liz Velho.

PRO-

# PROLOGO.

**A**MIGO, inimigo, ou indifferente Leitor, que hum destes trez affectos has de praticar comigo; se amigo, fazes-me muito favor; se inimigo, faltas à caridade; e se indifferente, tambem te fico agradecido, pois nem approvas, nem condemnas, que na politica do Mundo he este termo hum genero de approvação. Esta indifferença quero da tua benevolencia, que não approves o estylo, porque o não mereço, nem condemnes a devoção, porque he acção, que se não reprova; e assim, sem me baptizares, estarey sem nome, e sem padrinhõs, ficando a minha Obra no limbo da fama sem pena, nem gloria; mas não me podes tirar a que tive accidental em entrar nesta empreza, buscando para meu Heroe o mais valeroso soldado de Christo, o glorioso, e insigne Martyr S. Torpes, que nas batalhas, em que singularizou o seu valor, conseguiu mais triunfos, que todos os da sua nobre nação, vindo parar a este Reino, para ser collocado no primeiro Templo de Europa  
por

por trofeo do seu vencimento: em memòria de  
suas finaladas victorias, que lhe derão na terra  
o throno mais superior, e no Ceo o eleva-  
do folio de Bemaventurado, ultimo termo da  
mayor felicidade. *ob obagido naq obagido*  
-*not* Merecia este grande Santo outra melhor  
penna: Estes instrumentos da escrita, que mu-  
damente explicão os conceitos humanos, pa-  
ra fazerem os seus rasgos mais finos, neces-  
sitão de ser subtilmente aparados. A mim me  
faltou esta essencial circumstancia, pois apa-  
rèy a penna com a minha espada, iinstrumen-  
to grosseiro, e improprio para esta perfeita  
operação, pois como as espadas não podem  
cortar as pennas, ainda que estas muito bem  
cortão pelas espadas, ficou a minha penna tão  
mal aparada, que em lugar de rasgos pro-  
duzio borrões. Este defeito me não foy pos-  
sivel remediar, mas como vejo que muitas  
pennas mal aparadas escrevem, e andão nas  
azas da fama, me resolvi a escrever tambem,  
mas com o sentimento de não ser a minha pen-  
na a mais bem aparada, para delinear com  
finos rasgos a vida de hum Santo, que he to-  
do assombros, a quem o nosso Portugal deve  
o mayor affecto, pois o buscou para patria na  
habitação memoravel de seu sagrado corpo.

so Confessor ingenuamente; que não tinha noticia deste grande Santo; mas depois que vim para esta praça de Sines, de cujo governo estou encarregado ha sete annos, e sendo preciso, por obrigação do meu posto, ir visitar as fortalezas de Villa-Nova de mil fontes, e Ilha do Pessegueiro da repartição da mesma praça, e fizesse caminho pela foz da Junqueira, me advertirão os que me acompanhavão, que naquelle lugar estava a sepultura de S. Torpes, contando-me o successo miraculoso da vinda do seu corpo àquelle sitio. Fuy logo veneralla; e quando esperava achar hum obelisco, ou monumento famoso para memoria daquelle prodigio, não encontrei mais; que duas pedras toscas, que levantadas finalavão o comprimento da dita sepultura com humã pequena Cruz de páo, como aquellas, que nas estradas denotão a morte de alguma pessoa; que por algum successo acabára alli violentamente a vida.

Esta Cruz faz naquelle memoravel lugar a mesma demonstração, pois dá a conhecer que alli tambem acabára a violencia do esquecimento a veneração de hum lugar, que fora 1527. annos deposito sagrado, e miraculoso do mais prödigiOSO Martyr do primei-



ro seculo. Esta vista, que foy para mim a mais penosa, levado de hum zelo, e affecto Catholico, me comimoveo a mayor devoção deste Santo, e buscando os Authores, que succintamente escreverão d'elle, achey mais do que me relatárão as tradições destes moradores; e conhecendo que a vida, e morte deste illustre Martyr foy a mais portentosa em milagres, e huma continuada maravilha da Omnipotencia Divina, me obrigou a minha fervorosa devoção a fazella publica nesta breve Historia, só a fim de mover os affectos Catholicos à devoção de hum tão grande Santo, conhecido muito pouco do commum deste Reino.

Estes serão os motivos, que me obrigárão a pegar nesta mal aparada penna, para relatar em grosseiros rasgos as grandes virtudes de S. Torpes, e de Santa Celerina, ambos Portuguezes, esta pelo nascimento, e aquelle pela posse de suas sagradas Reliquias, resultando ao nosso Portugal, não só o credito de as possuir, por especial determinação do Altissimo, mas tambem a gloria de se guardarem no primeiro Templo, que na Europa se edificou expressamente para culto de Deos, e de seu invicto Martyr.

Seja o mesmo Senhor servido que chegue a noticia do nosso grande Monarca o presente estado, em que se achia aquelle lugar, que por mais de quinze seculos foy deposito veneravel do mais illustre Santo, e o esquecimento, em que estão as Reliquias de seu sagrado corpo na Matriz de Sinés, para onde forão trasladadas; para que, pondo-lhe os olhos da sua Catholica, e Regia piedade, exercite o grande zelo, com que se emprega no culto de Deos, e de seus Santos; pois se com magestosa grandeza tem dado o primeiro Templo ao Mundo na magnificencia, constituindo-se hum novo Salãmão da Ley da Graça, renove agora o segundo, que houve na Christandade, accrescentando com acções tão herpicas novos padrões ao seu grande nome, dobradas glórias aos seus Catholicos triunfos, e perpetua fama a suas preclaras virtudes.

Foy aquelle memoravel lugar por dilatados seculos reverenciado, e buscado dos Fieis, obrando Deos innumeraveis milagres por intercessão deste glorioso Santo, que ainda que presentemente esteja tão esquecido, não deixa de se lembrar, de quem devotamente o busca, como se faz notorio a todos, que invocão a sua protecção, que he especial aos

navegantes, e enfermos de sezões, aleançando hums o desejado porto, outros a appetecida faude.

Em trez Livros divido esta verdadeira Historia. No primeiro exponho a vida do Santo desde o seu nascimento até o seu glorioso triumpho. No segundo relato o prodigio de vir o seu sagrado corpo a este Reino, onde Santa Celerina, por ordem de Deos, lhe deu decente sepultura, construindo-lhe hum famoso Templo, dedicado ao seu nome. No terceiro mostro, como pela invasão dos Mouros foy destruido o Templo, ficando sepultado nas suas ruinas o corpo do mesmo Santo, que no anno de 1591. foy descoberto por ordem do Papá Xisto V. na foz da Junqueira, destriçto da Villa de Sines, e trasladado para a Igreja Matriz, onde presentemente se venera com repetidos milagres.

Esta Obra assim dividida vay, Leitor, à tua censura, que, se a quizeres emendar, terás hum grande trabalho; pois acharás hum errata em cada ponto, e em cada periodo hum desconcerto. Vay despida de todo o ornato rhetorico, sem tropos, nem figuras, sentindo o pudor de apparecer núa ao theatro do Mundo; mas podes desculpalla, porque

que sempre a verdade faz assim melhor o seu papel. Se não agradar aos Leitores, não desagradará às Leitoras; que as mulheres, como sexo mais devoto, sempre estimarão ler a vida de hum Santo, e sem reparo nos defeitos do Author, só attendem à narração dos successos, e egregias virtudes daquelles Heroes fâmosos, cujos merecimentos lhes derão o diadema de Bemaventurados, commovendo-as à piedade semelhantes exemplares, com que se aviva nellas mais a fé, e a devoção. Desejára que todos a tivessem grande a este glorioso Santo; pois só para esse effeito escrevi a sua prodigiosa vida, para que, imitando as suas heroicas virtudes, o possamos acompañar, quando nos virmos fóra das lagrimas deste

Vale.

Meu

## CARTA LAUDATORIA.

**M**Eu Amigo, e Senhor. Invejou Alexandre a Aquilles, que tivesse sido seu Panegyrista Homero, e assim succedêra hoje a ser praticavel a inveja nos Alexandres do Empyreo. Foy S. Torpes, impedindo Nero, Aquilles da Christandade. He V. M. no tempo de hoje Homero da erudição; só V. M. devia ser, quem no prélo lhe estampasse a vida illuminada nas tintas de tão discreta penna.

As acções perdem o ser, que grangearão obradas, se não renascem escritas. O que permanece, sempre he mais estimavel, que o que finaliza. A Historia parece divindade; porque mortas as mesmas acções nas memorias do mundo, encontram novo ser nas excellencias do prélo. Neste Livro, que he para S. Torpes da vida, canonizadas as suas acções, principião as mesmas, resuscitando novamente para o elevarem no paraíso da terra a ser hum dos primeiros Heroes, predestinados da fama.

Superior impulso o conduzio a V. M. para essa Praça; e parece que não a outro  
fim

fim mais , do que para escrever a vida deste Santo. A crueldade cançou-se no seu martyrio , e no seu Panegyrista tambem a natureza quiz cançar-se. Produzio muitos Oradores ; mas para as acções de S. Torpes todos imperfeitos. Empenhou de huma só vez toda a idéa ; e sendo V. M. o seu defempenho , se multiplicarão os prodigios. Vive V. M. a quem venera o mundo por pasmo da erudição , e vive por V. M. S. Torpes , a quem admira o mundo como milagre da Fé.

Não deixe V. M. ociosa a nossa esperança ; porque o prélo com justa razão só gerará de sentido , se V. M. se negar ao exercicio de lhe permittir semelhante vaidade. Deos guarde a V. M. Lisboa , 10. de Dezembro de 1745.

De V. M.

Senhor Estevão de Liz Velho ,

Muito A. V. e C.

*Jacinto da Silva de Miranda.*

Re-

*Reverendissimi Patris Emmanuelis Monteiro ,  
Congregationis Oratorii Ulysbonensis , Trium  
Ordinum Militarium Examinatoris ,  
Regiæ Academiæ , & Arcadum  
Socii emeritissimi ,*

Præclarissimo Domino , præstantissimo Histo-  
riographo , Sancti Torpis vitæ Scriptori.

## EPIGRAMMA.

**A**Cta licet Torpis fuerint jam tradita  
chærtis ,

Illaque condiderit sat bene docta manus :  
Nulla quidem simili calamo , similive decore

Condidit ; aut posset , si tamen ulla velit.  
Hæc erat à Superis post tot longissima sæcla

Asservata uni gloria sola tibi ;  
Namque Heros , Scriptorque simul sic præ-

stat , ut ambo  
Virtute , ingenio par , sine , sunt , pari.

*In laudem Operis, & Auctoris.*

EPIGRAMMA.

**S**I latuit quondam Torpetis gloria clari,  
Jam modò Torpetis gloria clara patet.  
Torpeti præscripta foret, data gloria mundo,  
Si data non Orbi per tua scripta foret.  
Torpetis sic crescit honos, sic gloria crescit,  
Crescit & Auctoris gloria, crescit honos.

Aliud.

Christiadum primam Lysiae das Lisius aram;  
Sic Famæ in templo, Lisiæ, primus eris.

Offert

Amicus observantissimus

*Joannes à Deo & Silva.*



*In laudem Præclarissimi Historiographi Domini  
Stephani Lisi Velbo vitam Sancti  
Torpis egregiè exarantis.*

EPIGRAMMA.

Quam pia marmoream Celerina sacra-  
verat ædem

Torpeti , hæc tandem tempore lapsa fuit.  
Tu tamen aurato calamo gesta inclyta Torpis  
Dum scribis , præstas amplius obsequium.  
Nam tot templa paras , quot facta illustria  
cantas ;

Solaque non poterunt hæc monumenta mori.

Aliud.

Inclyta Torpetis dum Lisius exarat acta ,  
Maxima Lisiadum gloria semper erit.

Aliud.

Et Mars , & Pallas certabant lite in alumno ,  
Tanto cui maior gloria danda foret.

Lis litem dirimit , dum gesta illustria Torpis  
Mirifico sapiens exarat ingenio.

Nam Mars victus abit , Pallasque armata  
triumphat

Laudibus extollens nomen ad astra tuum.

*Josephi Pinto.*

§§§ ii

Do

*Do Doutor Clemente Rodrigues Montanha,  
Freire Conventual da Ordem de Sant-lago,  
Juiz da Ordem da Comarca de Setuval,  
e Prior da Matriz de N. Senhora da  
Annunciada da mesma Villa.*

In laudem Domini Stephani Lisi Velho, His-  
toriam de Sancto Torpete accuratè  
lucubrantis.

E P I G R A M M A.

**Q**Uam Nero Torpeti vitam, dum favit,  
ense  
Sustulerat, calamo restituit Lisius.

E P I T A P H I U M.

**H**ic jacet: hîc Torpes minimè jacet, imò  
superstes  
Jam sibi post cineres hîc redivivus adest:  
Non finit hoc Lisius, jaceant Torpetis ut ossa,  
Insuper & nomen, condita sub cinere:  
Hîc CINIS, aut cinerum sedes: hîc ossa quies-  
cunt;  
Exhumet, ut nomen, ne cinerescat, ait.

A O T A U T H O R.

*De Luiz Soeiro Salvado.*

E P I G R A M M A.

**U**T vidi , ut legi , manibusque , & cor-  
de recepi

Hunc librum , ingenii pignus , Amice , tui :  
Illius in titulo duplex confurgit imago ,

Auctores referens utraque rite suos :

Torpius hinc Martyr , quo non præstantior  
alter ,

Illinc tanti operis Scriptor , & Auctor adest.  
Ille inter Christi Athletas Exemplar habetur ,

Teque inter Doctos quis neget esse viros ?

A O R A T O R.

*De Mattheus da Silva Cabral.*

S O N E T O.

**R**oubou do tempo o curso arrebatado  
Nessa de Sines praya venturosa  
O que là Celerina affectuosa  
Erigio Templo a Torpes dedicado  
Vós hoje com estylo levantado  
A vida lhe escreveis em douta prosa,  
Onde a pezar da roda presurosa  
Do tempo ha de ficar sempre lembrado.  
E se daquelle o tempo liouve a victoria  
E no que vossa erudição lhe ordena  
Ha de ficar eterno na memoria,  
Bem se vê que na troca desta scena,  
Só porque Torpes tenha eterna gloria,  
Melhor Templo lhe erige a vossa penna.

Do Capitão Manoel Duarte Xavier.

SONETO.

**R** Algo subtil, idéa peregrina,  
 Son de tu plumã tan sagradõs buelos,  
 Y como se arrebatan hasta los Cielõs,  
 Si de Aguila nõ es, toda es Divina.  
 Antes que en bronze en tabla diamantina  
 Debían ser impressos tus disvelos,  
 Porque fuessen constantes paralelos  
 De tanta discrecion, copia tan digna.  
 Solo tu ingenio en tan sagrada Historia  
 Contra el tiempo hallaria el beneficio  
 De eternizar de Torpes la memoria.  
 Mas de tu pluma unida al exercicio  
 Un padron viene a ser para tu gloria  
 De Torpes Santo el proprio sacrificio.

A O A U T H O R,

Governando a Praça de Sines, e escrevendo  
a vida do glorioso S. Torpes.

*De Aniceto Ferreira Branco.*

S O N E T O.

**N**essa Cefarea occupação louvada  
Pela vida, que o genio vos ordena,  
Não sey se afia a vossa espada a penna,  
Ou se a penna he que aparará a vossa espada  
Pois andando esta àquella vinculada,  
Voa, e cõrta huma, e outra tão serena,  
Que he da fama o clarim tuba pequena,  
Para ser vossa gloria acreditada.  
Vosso exercicio o diga, e esta historia;  
Onde se vê a impulsos do concêito,  
Como o valor, a discrição notoria.  
Vindo pelo caminho mais perfeito  
Torpes por vossa penna a ter mais gloria,  
Sines por vossa espada a ter respeito.

*De João Peres de Macedo e Sousa de Tavares.*

## S O N E T O.

**P** Or milagre do Ceo, da Fé a indulto,  
 Erige Altar a Torpes Celerina;  
 Mas o tempo veloz, que tudo arruina,  
 A cinzas reduzio tão sacro culto.  
 Este Livro porém, da sciencia vulto,  
 Duração mais constante vaticina,  
 Que impresso na memoria se destina  
 A não temer nunca da idade o insulto.  
 Neste, evidente do discurso empreza,  
 Tão feliz; como douto vos contemplo;  
 Pois domais pelo engenho a natureza,  
 Quando, excedendo aquelle pio exemplo,  
 Nos solidos quilates da agudeza  
 A Torpes construis immortal Templo.

## ID Y L L I O .

**Q**uem não dirá, vendo tão douta escrita,  
 O fabio Cesar, fer como portento,  
 Aguiã do Sado, o vosso entendimento,  
 Supposto que do Sol a esfera habita?  
 Tanto vos remontais, que na evidência  
 Do mais fino conceito a razão julga,  
 Que, quando a fama douto vós divulga,  
 Escurecê dos Tassos a sciencia.  
 Este volume a toda a idéa altivo,  
 Pelo estylo elevado objecto fãto,  
 Dá glória ao Ceo, tormento a Rhadamanto,  
 Deixa a Igreja triunfante, a Torpes vivo.  
 Mostra discreto na razão precisa,  
 Da yerdade feliz, sagrada historia,  
 Do vosso nome a merecida gloria  
 O bem de Sines, o laurel de Pifa.  
 Mostra com propriedade, e valentia,  
 Ser a impulsos do zelo, e da arrogancia,  
 Exemplar Torpes da mayor constancia,  
 Exemplo vós da mais alta energia.  
 Mostra em frase discreta, e na verdade  
 Que nasceo Torpes, para com prodigio



Ser assombro de Italia, horror do Estygio,  
 Por Gigante mayor da santidade.  
 Mostra pelo elevado estylo, e modo, (te,  
 Que o Ceo com Torpes tanto os bens repar-  
 Que da virtude a mais pequena parte,  
 Da santidade sua impéra o todo.  
 Mostra, que vindo ao Mundo, proprietario  
 Da idolatria, maximo despreza,  
 Por ser mayor, que a natural grandeza,  
 O sangue, que foy nelle hereditario.  
 Mostra, que, quando idolatra se acclama,  
 Foy a luz Evangelica no excesso  
 Infundida em sua alma o sacro apreço,  
 Que nome lle adquirio de eterna fama.  
 Mostra, que, abrindo os olhos à cegueira,  
 Foy tão constante nelle o vencimento,  
 Que desprezou do throno o valimento,  
 Para seguir a Ley só verdadeira.  
 Mostra, que de tal sorte se persuade,  
 Na predestinação do Ceo devoto,  
 Que, quando a Christo se consagra em voto,  
 Não teme, nem de Nero ainda a impiedade.  
 Mostra, que contra as Leys deste Monarca,  
 Horror do Mundo, pôde Torpes tanto,  
 Que, quando Nero prende a Paulo Santo,  
 Solta elle a Paulo, e a Ley sua abarca.

Mostra nesta razão com subtileza,  
 Que a voz de Paulo, que a virtude estima,  
 Foy de Torpes ouvida furda lima,  
 Que lhe gastou dos erros a dureza.  
 Mostra subtil, que a alma de Torpes, quando  
 Pelos grãos da virtude hia subindo,  
 Por ir com Paulo a Christo postuindo,  
 Hia ao favor de Nero desprezando.  
 Mostra em fim, que, abjurando a idolatria,  
 Por merecer de Martyr nome santo,  
 Nem lhe causa o rigor de Nero espanto,  
 Nem receya do Inferno a tyrannia.  
 Esta he da vossa idéa a frase pura,  
 Mas tão subtil, que póde o vosso zelo  
 Servir aos Escritores de modelo,  
 Se he da verdade a mais propria figura.  
 Bem mostra a mesma idéa de elevada,  
 Que, quando o genio a escrita vos ordena,  
 Deve na paz temer-se a vossa penna  
 Tanto, como na guerra a vossa espada.  
 A de Nero deveo Torpes a gloria,  
 Como instrumento da infernal Alecto;  
 Porém a vossa penna deveo affecto  
 Da canonização pela memoria.  
 A Sines deo a Providencia a dita  
 De dar a Torpes justo monumento;

Mas desta gloria o seu conhecimento  
Sómente o deve à vossa douta Historia.  
De forte, que pela ansia no disvélo,  
Que em hum affombrio em outro se figura,  
Quando recordar Sines tal ventura,  
Ao Ceo deve o milagre, a vós o zelo.  
Se não he, que o fervor; que em vós domina,  
Parecendo do affecto só vestigio,  
Venha do Ceo a ser raro prodigio,  
Para dar successor a Celerina.  
Assim o julga a fé do obsequio sacro,  
Com que os passos seguis de tal Matrona,  
Quando o fervor, que o vosso zelo abona,  
Lhe dá na escrita eterno simulacro.  
Na foz do mar a Torpes monumento  
Celerina erigio, do Ceo vontade,  
Porém como arruina a tudo a idade,  
Hoje não ha, nem cinza do portento.  
Mas quando o fervor vosso pela escrita  
As memorias de Torpes sabio ordena,  
Em cada rasgo lhe ergue a vossa penna  
Hum padrão, que na idade ao évo imita.  
Não póde o Ceo, não póde Torpes Santo,  
Conhecendo qual he o vosso zelo,  
Deixar de agradecer tanto disvélo,  
Negar premio immortal a obsequio tanto.

E bem se vê, que , ainda que na terra  
Seja a eloquência em vós neste volume,  
Supposta a elevação, que se presume,  
Soberana se crê tanta agudeza.  
Vossa intensão, para que o Mundo estime  
De Torpes a virtude, ao prélo inflamma;  
Mas, quando os seus prodigios nelle acclama,  
O vosso nome justamente imprime.  
Porque sábia a razão se considera,  
Neste volume vê que a qualquer hora,  
Se a pia fé a Torpes Santo adora,  
O entendimento a elevação venera.  
Sendo assim sem inveja aos Escretores,  
Day ao prélo esses tropos singulares,  
E vereis que de Torpes nos altares  
Grava a fama subtil vossos louvores.  
Premio devido à douta propriedade,  
Com que agudo escreveis tão sacra Historia;  
Porque impressa no bronze a vossa gloria  
Dispute a duração à eternidade.

Em cada linha he o que a vossa pena  
Luz e brilho ao mundo dá, e ao  
Do Torpes o nome ao mundo dá,  
E o vosso nome ao mundo dá,  
Deixar de agradecer tanto do vobis  
Meu prazer e immortal a obediencia

D. O M. E. S. M. O.

E S T R O F E M

**A**O vosso entendimento,  
Inclyto affombro, máximo portento;  
Louvar quizerá, nias não tem a idéa  
Tão alto pensamento,  
Com que penetre agudo  
Deste volume a frase, que recrea  
Ao mesmo tempo, que pela harmonia  
De tão suave estudo  
Gloria he da Fé, horror da idolatria;  
Pois de sorte de Torpes o martyrio  
A vossa penna o conta,  
Que a devoção nos voos se remonta  
Subita idéa ao intimo do Emyreoo,  
Sem que tema no arrojo, que a destina,  
Dezastre, ou delirio,  
Quéda, ou ruina.  
Sóbe até onde assiste o Sacro Objecto:  
Só vossa discrição a tanta altura  
Se elevára  
Pela ventura,  
E fineza rara

De

De venerar, como na sepultura,  
A Torpes là na Gloria,  
Por meyo de tão douta, e sacra Historia;  
Màs consequência  
Do discurso, e memoria,  
Outra cousa não he mais que a eloquencia,  
Para que deste Mundo no theatro  
Em bronze dê à fama a vossa sciencia  
Por premio da elegancia  
Sólida base, rigida constancia.

Pela ventura,  
E gloria tua

DO

## SONETO.

**B**Uela tu pluma à la sagrada esféra,  
 Porque el nombre de Torpes siempre viva;  
 Y es tan singular tu pluma àtiva,  
 Que más bolára, si más Cielo huviera.  
 La crueldad de Nero por tan fiera  
 Aun del sepulcro humilde a Torpes priva;  
 Mas tu ingenio a su gloria tanto aviva,  
 Como si su virtud tu pluma fuera.  
 Solo la discrecion, la relevancia  
 De tu agudeza heroicamente summa  
 Por Torpes viera en una otra distancia,  
 Haziendo, sin que el tiempo le consuma,  
 Venturosa su muerte en su cõstancia,  
 Su gloria eternizada por tu pluma.

A O LA SU T HOOR.

*De Filippe Neri Xavier.*

**A** Impulsos do Ceo edificado  
A Torpes Templo Celerina ostenta,  
Cujó assombro o destino o representa  
O primeiro na Europa acreditado.  
Segundo do Universo, mas formado  
Do vaticinio a effeitos tanto augmenta  
O valor seu, que a ruina, em que se alenta,  
Tira o nome ao primeiro de elevado.  
Porém vós, quando douto vos contemplo,  
Neste volume maximo, e profundo;  
A Torpes erigis mais nobre Templo;  
Se voando a vossa fama pelo Mundo  
Vos constitue por sagrado exemplo  
Primeiro em tudo; e em tudo sem seguido.



De Sebastião Luiz de Liz Velho Mascarenhas.

I D Y L L I O.

**E**ste volume; ò Escriitor discreto,  
 Pela elegancia; pelo Sacro Objecto,  
 Outra cousa não he por frase pura  
 Mais do que, na eleição da intelligência,  
 Da vossa devoção justá evidencia,  
 Do vosso entendimento alma em figura;  
 Porque, sendo verdade a mais notoria,  
 Desfortera repetis pela energia,  
 Que na douta harmonia  
 De tão Sagrada Historia  
 Bem mostrais que só vosso entendimento  
 Era capaz de descrever o alentô,  
 Com que Torpes da Fé na relevância,  
 Sem padecer por Christo algum delirio,  
 Tolerou o martyrio  
 Com tão feliz constancia,  
 Que empenhado por elle: ò Sacro Empyreo  
 Fez, porque em seu louvor se lhe confagre,  
 Que fosse a sua morte por milagre  
 Ventura do Arno, dita do Oceano,

De Sines gloria, exaltação de Pisa,  
Completo bem do Imperio Lusitano,  
Quando esse soberano  
Cadaver, onde affombro se divisa,  
Junto à praya aportou Sacro, mostrando  
Que os mares dominando  
Sem temor do destino,  
Mais, que humano, o poder era Divino.  
De donde a vossa penna,  
Quando de Torpes trata;  
De tal forte subindo se arrebatá,  
Que pela devoção, que vos ordena,  
Nos laços, que defata,  
Sempre Aguia no conceito,  
Toda a esféra estrellada he campo estreito.  
Mas como o vosso juizo,  
E a vossa devoção quer que à luz sayá  
Este volume em tudo acreditado,  
Nos discursos limite não diviso,  
Nem na devoção raya,  
Quando vosso cuidado  
Por Torpes elevado,  
Descrevendo o que a pia affeição pede,  
Por não ter semelhante a tudo excede.  
E sé a volatill fama  
Toda a grandeza acclama,  
Aos tropos, de que se orna a vossa escrita

Pela esfera, em que habita, A  
Pregoe attenciosa de maneira,  
Que do tempo a carreira,  
Ainda que por voraz tudo limita,  
Por dar ao vosso nome eterno culto,  
Veja que a vossa discrição de indulto  
Vos serve para ter gloria infinita,  
Não sendo este volume mais, que hum yulto,  
Que visto nos persuade,  
Ser vossa sciencia a Fenix desta idade.

*De Dona Violante Joanna Mascarenhas.*

## ROMANCE.

**E**ste fábrio volume, esta elegancia,  
De que o compõe o vosso douto estylo,  
Incentivo do gosto, e do discurso,  
Serve às vozes da fama de incentivo.

O martyrio escreveis de Torpes Santo;  
Mas contém vossa escrita em si tal mimo,  
Que a fer, como o descreve a vossa penna,  
Atè o nome perdêra de martyrio.

Vivo retrato está do vosso genio  
Este mudo volume; pois no vivo  
Discurso, com que escreve a sacra Historia,  
Estampa as perfeições do vosso juizo.

Exemplar da constancia se intitula,  
Qual Torpes foy, que, venerando a Christo,  
Não receou pelo bem da eternidade  
Ao flagello, ao rigor, ao sacrificio.

Feliz na vida foy, feliz na morte;  
Porque abjurando da cegueira os vicios  
Todo fé. todo ardor, constancia todo,  
Viveo justo, foy Martyr, morreo pio.

Porém, quando no brônze se eterniza  
 Vossa fé, vosso engenho, vosso arbitrio,  
 Opposto o tempo à duração, a idade  
 Sempre vive, não morre, e he infinito.  
 Fenix dura, e vo existe, alma se adora  
 Por fama, por memoria, e por destino,  
 Sendo a frase, a elegancia, o entendimento,  
 Soberana, immortal, e discursivo!  
 Vossa idéa, o Escritor, vossa elegancia  
 Assim o mostra na agudeza em visos,  
 É tanto, que usurpais pelos conceitos  
 O nome aos Tassos, o louvor aos Titos.  
 Só vossa devoção, só vossa penna  
 Tropos formando, idéas descobrindo,  
 Pasmô do entendimento, alma do assombro  
 Fará alento do estrago, à morte alivio.  
 Recrea ao gosto, aos olhos suaviza  
 Tal furor, taes noticias, taes avisos,  
 Deste volume escrita historia, frase (vo.  
 No assumpto, idéa, objecto, alvo, e moti-  
 Devo Torpes a Nero, idolatrando,  
 A estimação Cesarea de válido;  
 Mas sendo o sacro Empyreo opposto a Nero,  
 Pode mais, do que Nero, o sacro Empyreo.  
 O amor Divino preservava a Torpes;  
 E preservado Torpes do Divino,

De Nero o benefício que importava,  
Opposto o Ceo de Nero ao benefício?  
Mas de Torpes por vós a vida ouvida  
Tão suave he, que fica o damno digno;  
E quanto a vossa peña firma, fórma  
A fama em vosso applauso em gratos gritos.  
Isto obra o Mundo, e o Ceo a toda a hora  
Ara levante ao zelo, que por lizo  
Luso he, onde a vaidade não se paga  
Se paga he, que Deos dá premio condigno.

A O A U T H O R.

*De Dona Flavia Domitilla da Conceição  
Mascarenhas.*

M O T E.

**V**ossa subtil agudeza,  
A impulsos da devoção,  
He Aguia na elevação,  
He Anjo na subtileza.

G L O S S A:

**S**enhor, a razão prefume,  
Que deve por justo apreço  
Ser mais, que no bronze, impresso  
Na memoria este volume,  
Porque, como em si resume  
Da discrição a pureza,  
Só fora premio a certeza  
Da sua immortalidade,  
Por ter da alma a propriedade  
Vossa subtil agudeza.

§§§§§§

Mas

Mãe já vejo que lucráis O A

No preço este dom feliz,

Pois se a Torpes applaudis,

A vós vos eternizais.

A elle, quando lhe louvais

A effeitos da discrição

Da vida qualquer acção;

E a vós, discreto Escritor,

Supposto o vosso fervor

A impulsos da devoção.

A vossa penna veloz

Em qualquer arrojado feuto,

Quando a Torpes põe no Ceo,

Tambem vós eleva al vós.

De forte, que o tempo atroz

Não póde na duração

Manchar vossa discrição;

Que, não havendo outra igual

Contra a razão natural,

He Aguiã na elevação.

Vosso entendimento agudo

Com discreta confiança

Por discursão tudo alcança,

Por lynce penetra tudo.

Não ha de eloquencia estudo,

Que



Que deste Livro a agudeza  
Não exponha com clareza,  
Porque julgue o pensamento,  
De que o vosso entendimento  
He Anjo na subtileza.

*Offerece ao Author Fr. Antonio Mendes Curado,  
da Ordem de S. Bento de Avis.*

O I T A V A I.

**V**ossa espada, Senhor, e vossa penna,  
Tão reunidas as vejo neste passo,  
Quando assim as rege, e as ordena  
O eximio valor do vosso braço.  
Quem me dera fer doce Filomena,  
Para cantando contar no angusto laço  
Da penna os rasgos, e da espada os golpes,  
Com que fabricastes a vida de S. Torpes!

A' estampa déstes já a santa vida,  
Para que nos fique a todos estampada:  
Confesso, que em tudo he esclarecida,  
E por tudo muy digna de imitada.  
Saya pois já à luz, para ser lida,  
Que de todos ha de ser muy estimada,  
Por ser vida de luz, que nesta parte  
Deveo tanto a Pallas, como a Marte.

# LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

*Censura do M. R. P. M. Rodrigo de Sá,  
Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Trez Ordens Militares.*

EMINENTÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO SENHOR.

**P**OR ordem de V. Eminencia vi o Livro intitulado : *Exemplar da constancia dos Martyres na vida do glorioso S. Terpes*, &c. escrito por Estevão de Liz Velho; e se bem entendi ao principio que neste Livro achasse só o exemplar, que expõe o titulo, pelo discurso da lição delle me achei com dous exemplares, hum dos Martyres, outro dos Historiadores: hum exemplar dos Martyres no Santo esclarecido, que lhe serve de assumpto; outro exemplar dos Historiadores no Author, que lhe escreve a vida. Assim observa este as leys da Historia na boa digestão dos successos, na exacta averiguação da verdade, na clareza, e propriedade do estylo, e na erudição concernente aos pontos, que trata; que bem póde ser o exemplar, a quem imitem os que

to-

tomarem semelhante emprego, e com acerto  
quizerem desempenhar as obrigações delle.  
Por estas razões se faz o Author digno do ge-  
ral applauso, e agradecimento, e não-ménos  
por promover as glorias deste Reino na posse  
de tão precioso thesouro, como o das Reli-  
quias Sagradas deste inclyto Martyr, theso-  
ro até agora quasi escondido, e agora mani-  
festo à custa do incansavel zelo do Author; o  
qual, porque em tudo, o que escreve, se con-  
forma com a verdade de nossa Santa Fé, e  
bondade de costumes, he benemerito da li-  
cença, que pede a V. Eminência, que orde-  
nará o que for servido. Lisboa, e Congrê-  
gação do Oratorio, 4 de Março de 1746.

*Rodrigo de Sá.*

*Censura do M. R. P. M. Fr. Antonio de Sa-  
nta Maria, Religioso Agostinho Descalço,  
Consultor do Santo Officio; Examinador das  
Trez Ordens Militares; e do Grão Priora-  
do do Crato.*

EMINENTÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO SENHOR.

**S**E os Historiadores se fazem celebres;  
mais por apurarem a verdade de seus es-  
critos, que pela vã pompa da eloquência;  
com

com que ornão às suas obras , esta da vida ,  
e martyrio de S. Torpes , que compoz Este-  
vão de Liz Velho , tem eloquencia da pri-  
meira grandeza , e verdade irrefragavel de  
superior esfera ; por isso em nada se oppõe às  
solidas verdades de nossa Santa Fé , e em tu-  
do se conforma com as utilissimas regras dos  
bons costumes , pelo que se faz acreedora do  
prélo. V. Eminencia mandará o que for fer-  
vido. Lisboa , Convento da Boa Hora dos  
Agostinhos Descalços, 18. de Março de 1746.

*Fr. Antonio de Santa Maria.*

**V**istas as informações , póde imprimir-se  
o Livro , de que se trata ; e depois de  
impresso , tornará para se conferir , e dar li-  
cença , que corra , sem a qual não correrá.  
Lisboa , 18. de Março de 1746.

*Fr. R. de Alancastre. Silva. Soares.  
Abreu. Amaral.*

# DO ORDINARIO.

*Censura do M. R. P. M. Fr. Norberto de Santo Antonio, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, Lente de Theologia, e Definidor da Provincia de Portugal.*

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

**P**Or ordem de V. Excellencia vi o Livro intitulado: *Exemplar da constancia dos Martyres em a vida do glorioso S. Torpes*, composto por Estevão de Liz Velho; e nelle não achei cousa alguma contra a Fé, ou bons costumes; antes pela materia, de que trata, pela elegancia, com que está escrito, e pela erudição, de que está cheyo, me parece muito digno de sahir à luz. V. Excellencia Reverendissima ordenará o que for servido. Convento de nossa Senhora da Graça de Lisboa, em 20. de Mayo de 1746.

*Fr. Norberto de Santo Antonio.*

**V**ista a informação, póde-se imprimir o Livro, de que trata a petição, e depois torne conferido, para se dar licença, para que corra. Lisboa, 23. de Mayo de 1746.

*D. J. Arceb.*

DO

D O P A C O :

*Censura do M. R. P. M. Fr. José da Conceição, graduado em Canones pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, e Consultor da Bulla da Santa Cruzada.*

S E N H O R.

**V**I este Livro intitulado : *Exemplar da constancia dos Martyres em a vida do glorioso S. Torpes*, Author Estevão de Lis Velho, e me parece que em toda esta Obra não ha motivo para censura, senão para elogio: contém muitas cousas, que servem de recreação aos curiosos, muitas de admiração aos Leitores, e muitas de grande exemplo aos espirituaes, para se animarem a soffrer com constancia as mortificações, que se encontrão no exercicio das virtudes, conhecendo que o pezo da tribulação he o que faz as almas bemaventuradas: *Ecce beatificamus eos, qui sustinuerunt.* (Jacob. 5. vers. 11.) V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa, Hospicio do Real Convento da Madre de Deos, 10. de Junho de 1746.

*Fr. José da Conceição.*

§§§§§§§§

Que

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impresso, tornará à Meza, para se conferir, e taixar, e dar licença, para correr, que sem ella não correrá. Lisboa, 18. de Junho de 1746. *Almeida. Carvalho.*

**E**Stá conforme com o original. Lisboa, e Congregação do Oratorio, 8. de Novembro de 1746. *Rodrigo de Sá.*

**V**isto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa, 11. de Novembro de 1746. *Fr. R. de Alancastre. Silva. Abreu. Amaral. Almeida.*

**E**Stá conforme o seu original. Convento da Graça de Lisboa, em 13. de Novembro de 1746. *Fr. Norberto de Santo Antonio.*

**V**isto estar conforme com o seu original, póde correr. Lisboa, 14. de Novembro de 1746. *D. J. Arc.*

**T**Aixão para correr em trezentos reis. Lisboa, 16. de Novembro de 1746. *Vaz de Carvalho. Costa.*

ER-



# ERRATAS.

Fol. 33. reg. 9. *daquella hera*, lea-se *daquella hora*.

Fol. 43. reg. 21. *em o dia*, lea-se *em odio*.

Fol. 71. reg. ult. *Fito Estelario*, lea-se *Tito Estelario*.

Fol. 72. (7) *Refende Antiq. Rom.* lea-se *Rosin. Ant. Rom.*

Fol. 99. reg. 3. *Convento de Religiosos*, lea-se *Convento de Religiosas*.

Fol. 106. reg. ult. *o Abbade de Vaime*, lea-se *o Abbade Vairac*.

Fol. 113. reg. 24. *D. Rodrigo Ximenes de Navarra*, lea-se *D. Rodrigo Ximenes de Rada*.

Fol. 130. reg. 1. *que lhe não faltaõ defensores*, lea-se *ainda que lhe não faltaõ defensores*.

Fol. 135. reg. 13. *perdendo-nos*, lea-se *perdendo nós*.

Fol. 175. reg. ult. *e neste conceito hum Author moderno*, lea-se, *e neste conceito diz hum Author moderno*.

Fol. 216. reg. 13. *Costa de Italia o porto de Pisa*, lea-se *costa de Italia, e porto de Pisa*.

Fol. 226. reg. 16. *nada fez*. lea-se *nada fiz*.

No Soneto do Capitão Manoel Duarte Xavier no terceiro pé, onde diz: *y como se arrebatan*, lea-se *y como se arrebatada*.

No Soneto de João Peres de Macedo em o nono pé, onde diz: *neste evidente*, lea-se *nesta evidencia*.

No Idyllo do mesmo Author na setima quadra pé quarto, onde diz: *impéra*, lea-se *inspira*.

Na quadra dezenove pé quarto, onde diz: *historia*, lea-se *escrita*.

Na quadra vinte e seis pé primeiro, onde diz: *na terra*, lea-se *natureza*.

No Estrofe do mesmo Author falta-lhe depois do verso dezeseis, que he: *quéda*, ou *ruina* todo hum pé, que diz: *Porque guiada do affecto*.

No Romance de Dona Violante Joanna na segunda copla, quarto pé, onde diz: *Atè*, lea-se *Tè*.

Na nona copla quarto pé, onde diz: *fará o alento*, lea-se *fora alento*.

A mayor parte destes erros, se não deve attribuir à impressãõ, mas sim ao amanuense.

EX-

... of the ...  
... of the ...  
... of the ...

... of the ...  
... of the ...  
... of the ...

... of the ...  
... of the ...  
... of the ...

... of the ...  
... of the ...  
... of the ...

... of the ...  
... of the ...  
... of the ...

E X E M P L A R  
 D A  
 C O N S T A N C I A D O S M A R T Y R E S  
 E M A V I D A D O G L O R I O S O  
 S ã O T O R P E S .  
 L I V R O I .

---

S U M M A R I O .

*Pátria de Torpes. Genealogia da sua alta nobreza, e virtudes moraes. Valimento, que teve com Nero. Qualidades deste Emperador nos primeiros cinco annos do seu Imperio. Chega a Roma S. Paulo. Converte-se Torpes pela sua prégacao. Vicios detestaveis de Nero. Edifica em Pisa o sumptuoso Templo de Diana. Sabe nesta Cidade, que Torpes era Catholico. Manda prendello, e entregar a Satelicio. Perde este a vida com mais sincoenta Gentios no primeiro tormento, que dá ao invicto Martyr, com manifesto milagre. Manda seu filho Sylvino deitallo às feras, que o não offendem, cujo prodigio reduz à verdadeira Ley a Ewellino, nobre Romano,*

A

e do

## 2 *Exemplar da constancia dos Martyres*

*e do Conselho do mesmo Emperador, que logo deo a vida por Christo. He atormentado Torpes com crueis bofetadas, e depois levado ao novo Templo de Diana, para sacrificar aos falsos Deoses. Faz huma breve oração. Arruina-se o Templo com morte de innumeraveis Gentios, que a elle tinhão concorrido. He conduzido fóra da Cidade, alcançando o ultimo golpe do martyrio na foz do rio Arno, onde foy degollado. Mettem o seu sagrado corpo em huma barca velha, e rota com hum cão, e hum gallo, como fazião aos parricidas, que guiada por especial permifsão Divina chega a este Reino.*

X



ERA' esta breve historia hum mappa, ou relação succinta da vida, martyrio, e acções illustres do invicto Martyr S. Torpes, affombro de Italia, gloria da Lusitania, e credito de Sines; pois não cabendo na dilatada esfera da eloquencia a descripção dos seus portentosos prodigios, com que Deos se faz tão admiravel em seus Santos, he preciso mostrar-se o mayor Gigante da santida-

tidade por huma pequena parte do seu todo ; para que , vista por ella a sua grandeza , possa a comprehensão humana conhecer o immenso de suas heroicas virtudes.

2 Na melhor parte de Europa , onde Romulo edificou a Cidade , que , sendo cabeça do Imperio Romano , dominou por tantos seculos o Mundo conhecido , e depois passou tambem a ser cabeça do Mundo Catholico , nasceo Torpes de illustre , e nobre familia Consular , e Imperatoria , nascendo já grande em a terra ; quem havia de ser mayor em o Ceo ; pois como de illustre , e nobre sangue procedem commumente as inclinações da pessoa , podemos entender que quiz Deos sobre este fundamento edificar nelle as da alma , como mostrarão as suas obras.

3 A genealogia da sua alta nobreza refere hum Historiador grave , ( 1 ) dizendo que o seu nome era Cayo Sylvio Torpes ; filho de Cayo Sylvio , irmão consanguineo de Cayo Sylvio Otho Emperador : mas não posso deixar de dizer contra este Historiador , que esta nobilissima familia não era dos Sylvios , mas sim dos Salvios ; pois este infeliz Empe-

A ii ra-

( 1 ) Tamayo Salazar tom. 3. fol. 213.

#### 4 *Exemplar da constancia dos Martyres*

rador se chamava M. Salvio Othio , e a historia Romana lhe não dá mais irmão , que a Salvio Ticiano , que foy Consul , e governou Roma na ausencia do Emperador seu irmão ; sendo tambem seu General na batalha , que perdeu contra Vitellio. Pelo que podemos conjecturar que Torpes se chamava Salvio Torpes , filho deste Salvio Ticiano , e sobrinho do mesmo Emperador Otho , resplandecendo em ascendencia tão illustre o Regio solar da sua nobreza.

4 Recebeo Torpes nos primeiros annos da sua idade as venenosas inspiraçoẽs da idolatria , em que seus pays o criáõ , que depois de adulto soube destruir os seus perniciosos effeitos com a salutifera triaga da verdadeira Religião. He de presumir que com hum sujeito de tão nobre nascimento haveria particular cuidado na sua educaçaõ , entregando-o a Mestres doutos ; para que recebendo delles a doutrina das virtudes moraes , que constituem hum homem perfeito , servissem de luz , que o guiasse ao verdadeiro conhecimento da Ley Evangelica , sendo este o cabedal mais solido , que se não extingue com a morte , por estar unido à alma para  
me-

melhor vida, e à memória para immortal fama.

5 Foy crescendo Torpes, e com mais pressa, que os dias, se augmentavão nelle as virtudes, recebendo da natureza; e da arte todas as qualidades necessarias, para chegar a hum alto gráo de perfeição: e como estes nobres predicados tem tanta força nos corações humanos, que attrahem as vontades mais rebeldes, e sujeitão a mayor ferocidade, sobornou de tal sorte os affectos dos mais illustres Cidadãos de Roma, que era amado de todos com o mayor excessso, reconhecendo em Torpes, que vinculava à alta nobreza do seu sangue as virtuosas qualidades do seu génio.

6 Por morte do Emperador Claudio subio ao throno daquelle dilatado Império aquelle escandalo do Mundo, aquella humana fera, aquella execrando monstro de abominacões, e aquella horror de crueldades; que para pagar seus atrozes delictos com a vida, não achou mais infame verdugo do que a si proprio. He este o Emperador Nero, que ainda hoje conserva em seu nome as memorias das suas tyrannias. Antes que estas tivessem exercicio, reconhecendo tambem este

Prin-

## 6 *Exemplar da constancia dos Martyres*

Principe as grandes virtudes moraes , que ennobrecião a Torpes , tiverão tanta força para com elle , que escolhendo-o para seu serviço , lhe deo no seu Palacio o mais nobre exercicio de seu Mordomo. Desempenhou Torpes esta occupação com tantos acertos ; e satisfez com tanta prudencia a sua obrigação , que mereceo de Nero repetidos louvores , e mercês , que são os dous polos , com que os Principes fazem immortaes os seus Imperios , ficando Torpes premiado com a alta felicidade de seu principal valido , que he o mayor beneficio , que hum vassallo deye ao seu Soberano. Eleição geralmente louyada ; pois sendo Torpes venerado como Oraculo , lhe sacrificavão as vozes do povo Romano os vaticinios do melhor governo.

7 Obrão os Principes com o mayor acerto em honrarem os sujeitos mais dignos , e benemeritos da sua Monarquia , constituindo-os seus validos , e primeiros Ministros ; porque são elles o entendimento publico , que governão , e dirigem as acções do corpo do Estado. São os lynces mais perspicazes da Republica , que devisão os males futuros , para lhes acudirem com o remedio , e emendão os pre-



presentes. São de tanto credito , e fidelidade , que se póde depositar nelles a Monarquia , porque a guardão , sem se servirem della. São arvores de copadas ramas , cuja sombra não marcha as plantas , que cobre ; porque o Sol , que recebem , não fica nellas , chega a todos para utilidade commua , vivificando a terra , que assombrão ; ao mesmo tempo , que as mais arvores a esterilizão. Quando se achão estes predicados nos validos , e primeiros Ministros , os devẽ honrar os Principes , porque nelles descansa muita parte do pezo da sua Monarquia.

8 Governou Nero os primeiros cinco annos do seu Imperio com tanta benignidade , que lhe levantárão estatuas , protestando no principio do seu reinado , que queria imitar a Augusto. Não perdia occasião de mostrar a sua liberalidade ; e clemencia , diminuindo os tributos , e mostrando-se tão compassivo , que apresentando-se-lhe a sentença de hum homem condemnado à morte , para a assignar , disse que desejava naquella occasião não saber escrever , acção , que lhe louvou o Senado , agradecendo-lhe o acertado do seu governo , e fazendo-lhe os merecidos elogios  
das

## 8. *Exemplar da constancia dos Martyres*

das suas virtudes, a que respondeo com grande modestia, que quando o tivesse merecido, o louvarião; o que deo occasião a dizer depois Trajano, como escrevem muitos, que ao governo dos primeiros cinco annos de Nero ninguem o igualára.

9. Todas estas generosas virtudes, e acções illustres, com que Nero resplandeceo nestes primeiros cinco annos, devemos attribuir às direcções do seu valido Torpes, e às instrucções de Seneca seu Mestre; que este com o respeito da educação, aquelle com o do amor, lhe cohibião, e refreavão as desordenadas paixões, a que o seu cruel, e barbaro genio o encaminhavão, estando como fera domesticada, que se sujeita ao ensino dos seus Naires; mas vendo-se solta, renovava a fereza nativa, que lhe deo a natureza. Assim esteve este infeliz Emperador tão bem regido pelos conselhos de dous Varões tão grandes, que podia neste tempo servir de modelo aos melhores Principes do Mundo; e se continuára com tão boa harmonia o seu Imperio; segurára a sua duração, ganhando com beneficios as vontades de seus vassallos, que já lhe erigião colossos.

**IO** Mas como a piedade , e clemencia  
erão violentas acções da sua fereza , chegan-  
do à idade de vinte e cinco annos , em que  
contava pouco mais de cinco do seu reinado ,  
quando de Nero se esperavão mayores acer-  
tos no exercicio de suas virtudes , por ter che-  
gado à idade ; em que julgão as Leys a ca-  
pacidade necessaria para o bom regimen , por  
estarem já os homens sem as ignorancias das  
suas menoridades , e com a luz da razão mais  
clara , se perverteo nelle esta ordem natural ;  
( até nisto monstro da natureza ) pois despin-  
do-se de todas as virtudes , que o illustravão ,  
se entregou às desordens dos mayores vicios  
com crimes tão feyos , e acções tão abomi-  
náveis ; que o fizerão horror do genero hu-  
mano , sendo cruel verdugo de seus vassal-  
los com a espada da sua crueldade , fazendo  
o seu nome tão dissonante nas vozes da fama.

**II** Nesta rara , e nunca vista metamor-  
fose devemos capacitar-nos , que os acertos  
deste tyranno forão as virtudes de Torpes ,  
e as suas desordens as crueldades de Nero.  
Os conselhos de Torpes lhe adquirirão glo-  
riosa fama , os dictames propios lhe grangeá-  
rão geral aborrecimento ; em quanto se su-

jeitou às direcções de seu valido , governou Torpes com clemencia , e brandura ; desprezando as suas instrucções , regeo Nero com violencia , e tyrannia. Mereceo Torpes com as suas virtudes a estimavel coroa do martyrio ; os vicios de Nero lhe tirarão da cabeça com a vida a Coroa do Imperio. Ambos tiveram o merecido premio das suas acções ; porque Torpes foy mais que Senhor do mundo em ser Santo , e Nero foy menos que a mais vil creatura em ser reprobó. Hum , e outro gozarão por huma eternidade o condigno premio , que merecêrão por suas obras : as de Nero o sepultaráo no Inferno com muitos grãos de tormentos ; as de Torpes o terão no Ceo com immensos grãos de gloria.

12 Antes de Nero subir ao throno Imperial , sahio da Cidade de Tarso o acerri-  
mo perseguidor da Christandade , o flagello mayor da Igreja Catholica ; e inimigo mortal de Christo , Saulo ; que não satisfeito de apedrejar ao meu Glorioso Proto-Martyr Santo Estevão por mãos daquelles , a quem elle guardavá as capas , para que ficassem mais desembaraçados no supplicio , se offereceo ao summo Sacerdote Hebreo , para destruir , matar ,

tar, e perseguir a todos os Catholicos, mostrando na sua colera, e furor, que era pouco todo o sangue Christão, para faciar o seu ardente desejo. Conseguiu do summo Sacerdote as ordens necessarias para o que intentava; e partindo para a Cidade de Damasco com soldados, para que não lhe escapasse Christão algum, que não fosse despojo da sua aversão, e triunfo da sua tyrannia, estando neste mais alto gráo de furor, esperando que aquellas innocentes victimas fossem sacrificio sanguinolento ao seu odio, desejando com a mayor ansia beber-lhe na vida o sangue; que aborrecia; quando repentinamente (oh prodigioso assombro da omnipotencia Divina!) desce Christo do Ceo; sahe-lhe ao encontro, afombra-o com hum rãyo de luz Celestial, cahe do cavallo por terra, queixa-se-lhe o mesmo Christo, arguindo-o porque o perseguia, abre-lhe os olhos da sua cegueira, vê a verdade Euãgelica; prégada pelo mesmo Senhor; e fica tão outro, que de Saulo, perseguidor da Ley da Graça; se mudou em hum São Paulo; zelador da mesma Ley; vivo retrato do mesmo Christo, Vaso de eleição; Doutor das gentes; e Apostolo por excellência; a

12 *Exemplar da constancia dos Martyres*

quem parece que o Senhor entregou logo as chaves dos seus thesouros ; e as riquezas dos seus dons , para plantar , regar , e dilatar a sua Igreja , que tanto a fertilizou com o ardente zelo das suas pregações , até ultimamente dar a vida pelo mesmo Christo.

13 Esta admiravel conversão de S. Paulo , de que a Igreja faz huma tão especial memoria , foy o primeiro instrumento da conversão de Torpes ; pois permittio Christo que da luz da graça communicada a S. Paulo , participasse della tambem Torpes. Por quanto , sendo este Apostolo huma trombeta , e propagador incançavel da verdadeira Religião na Palestina , Arabia , Macedonia , e Chypre , e outras muitas Provincias , só Roma não tinha merecido a sua assistencia , que , como Corte do Mundo , e de vicios , necessitava de hum Prégador Euangelico , que lhe advertisse a verdadeira Ley , para lhe desterrar os erros da idolatria , annunciando a Torpes a Divina palavra para gloria do seu mayor triumpho. Foy prezo o Santo Apostolo em Jerusalem com grande ignominia , e opprobrio , que soffria constante pelo mesmo Christo , e remettido a Felis Presidente de Judéa , que o teve prezo  
dous

dous annos, e depois o entregou a Festo; seu successor no governo; que querendo continuar no processo da sua causa, o impedio o mesmo Christo com huma revelação, em a qual disse ao Santo Apostolo, que estivesse constante; porque assim como tinha dado delle testemunho em Jerusalem, era necessario que o desse tambem em Roma. (2) Obedeceu o Sagrado Apostolo ao preceito de Christo; e para conseguir a jornada a Roma, usou do privilegio, que tinha de seu Cidadão. Appel- lou para o Tribunal de Cesar, e com effeito foy remettido a Nero no segundo anno do seu Imperio, como diz Eusebio.

14 Bem se conhece nesta admiravel re- velação, que quiz o Senhor conduzir o seu Apostolo à Cabeça do Mundo; não só para sujeitar, e triunfar da grandeza, e magestade do Imperio Romano, mas tambem para glo- rificar; e exaltar o seu Santissimo nome no Paço do mesmo Emperador Nero, allumiân- do com a luz da graça ao seu valido Torpes. Para a conversão de S. Paulo prégoü o mes- mo Christo pela sua Divina bocca; para a con- versão de Torpes préga tambem o mesmo

(2) Act. 23.

#### 14 *Exemplar da constancia dos Martyres*

Senhor pela boca de S. Paulo. Para converter a este Apostolo, manda hum rayo de luz, que fechando-lhe os olhos do corpo, lhe abra os da alma; para reduzir a Torpes, lhe manda em S. Paulo hum rayo ardente do amor Divino; para que abrindo-lhe o coração, pudesse nelle ter entrada o mesmo Christo. Para ambas estas conversões vemos com admiração empenhada a sua Divina palavra: hum junto a Damasco para Saulo; outra em Jerusaleem para Torpes.

15 Chegou S. Paulo prezo a Roma no terceiro anno do Imperio de Nero; e entrando naquella Corte reo de delicto, foy mayor o seu triunfo, que o de Cesar; pois com mais razão se podia dizer delle, que chegára, vira, e vencêra, excedendo em tudo ao mesmo Cesar; porque se a este o valor dos seus soldados lhe derão com a gloria do vencimento a Coroa do Imperio, a S. Paulo lhe grangeou o seu animo invencivel com as palmas das victorias a coroa do triunfo. Cesar com muitas legiões Romanas sujeitou muitas Provincias ao seu Imperio; que lhe derão a mayor fama; S. Paulo sem mais forças, que as proprias, ajuntou ao Imperio de Christo muitos Reinos,

con-



conseguinto immortal gloria. Sendo Cesar Emperador do Mundo, necessitava da força, e da violencia, para vencer os homens; sendo São Paulo hum vassallo pobre, e de prezo, triunfava com brandura, e clemencia dos corações mais obstinados. Foy Cesar vencido na sua propria Corte, depois de conseguir tantos Marciaes triunfos; S. Paulo triunfou na mesma Roma, depois de ter vencidos tantos povos. A gloria de Cesar foy tão transitoria, que hum vassallo o despojou da vida, e da Coroa; os triunfos de S. Paulo são tão permanentes, que hum Emperador lhe deo melhor coroa, e melhor vida.

16 As bandeiras de Christo, que desde aquelle tempo vê em si arvoradas a venerada Roma, são sinaes dos triunfos, com que os seus primeiros Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, vencendo com singular valor, zelo, e doutrina a todo o Inferno; lançarão os fundamentos à nova Igreja Catholica, que, combatida de furiosas tempestades, e perseguida de horriveis furacões, sempre esteve mais firme, e se vio mais augmentada, fervindo a crescente dos mares da perseguição com as suas encrepadas ondas de elevar mais a barca de S. Pedro

## 16 Exem̃plar da constancia dos Martyres

dro ao Ceo, como a Arca no diluvió uniuersal. Dous annos esteve S. Paulo prezo em Roma; e como estava nella por ordem do mesmo Christo; accrescentou ao seu triunfo maiores glorias; pois desempedida a sua lingua; fizerão as suas vözes nos ouvidos; de quem as attendia; a mais suave consonancia; gostando da doce melodia das suas prégações, que forão os instrumentos, com que attrahio a noticia; e conhecimento do verdadeiro Deos, muito povo Gentilico, que estava sepultado nas trévas da idolatria.

17 Chegárão tambem estas vozes ao Palacio Imperial, que por especial permissão do Altissimo forão desprezadas por Nero, mas attendidas do seu vassallo; e valido Torpes; e imprimindo-se-lhe no entendimento aquelles dictames da razão natural, em que a Ley de Deos se funda, o inclinárão tanto à nova doutrina, que quiz de mais perto averiguar o soldo de seus fundamentos. Chama a S. Paulo, que lhe explica com a sua grande energia; e espirito a verdade Euangelica, conuencendo de falsos aos fingidos Deoses dos Romanos; e como Mestre espiritual, foy como lima mais bem preparada, que gastou em pou-

O tempo as durezas , que naquelle eoração podião impedir a entrada da verdadeira Ley. O que se ouve com agrado , abraça-se com gosto ; a razão commove o animo a seguir o util , o honesto , e o licito.

18 Grande impressão fizeram as palavras ditas pela sabedoria daquelle grande Apostolo , e acompanhadas com a graça Celestial , persuadirão como Divinas. Abrio Torpes os olhos da cegueira da sua idolatria , e com aquella luz da verdade vio claramente a da Religião Christã , que pela suprema qualidade de seu Author , e santidade da sua doutrina se reconhece a sua infallibilidade. Conheceo logo que esta só era a verdadeira Ley , que se devia seguir , por não ter por objecto mais , que santificar o homem , e glorificar a Deos , fazendo regular as paixões humanas , e reduzir o espirito ; e corpo a huma boa harmonia , para dar a Deos o mais perfeito eulto. Conhecêo tambem que se não podião considerar em o demonio semelhantes designios , por ser hum espirito inimigo de Deos , e dos homens , nem da carne , e sangue , porque só buscão a satisfação dos seus gostos , e appetites , nem da politica do Mundo , que não euida em

18. *Exemplar da constancia dos Martyres*

defarraigar os vicios , por não perturbar a ordem da sociedade humana.

19 Vio que a doutrina dos costumes Christãos refreava a todas as paixões , moderava o amor proprio , impedia aos gostos corporaes obrar com desordem , e que suspendia a colera e furor nas suas crueis operações. Ponderava que esta Divina Ley doma a natureza humana e a todos os sentidos , e que por ella sabem os homens estimar a pobreza , alegrarem-se com os trabalhos , amar a seus inimigos , e serem suaves , e humildes de coração. Todas estas boas qualidades tão proprias á razão natural não via nas mais Religões ; porque com caracteres bem differentes , fazião parecer que os seus dogmas forão obra dos homens , e não de Deos , principalmente a dos mesmos Romanos , que , adorando falsas Divindades , crão em tudo antipodas moraes desta verdadeira Ley , authorizando as suas idolatrias com o horroroso dos mais feyos delictos.

20 Os fundamentos de huma Ley tão fantá , e cheya de virtudes ; e communicada pela boca de hum S. Paulo fizerão abalar o coração de Torpes : mas combatido daquelles affectos dos bens temporaes , e honras do Mundo,

do, que tanto arrastrão os entendimentos, e suffocão a razão, vacillava suspenso em abraçar, e seguir huma Ley reprovada pelo Imperio, e cahir na indignação mais cruel do seu Emperador, de quem tinha recebido tantas honras, devendo à sua grandeza a mais superior em o ter escolhido por seu valido; que ir contra o seu gosto, era ser ingrato a tanto beneficio; que seguir huma nova Religião, prohibida com tantos decretos do Senado, era cahir na nota de infame, ficando deslustrado o esclarecido do seu sangue.

21. Entrou o demonio em batalha com estas ponderações dos bens mundanos, com que vence, e atropella tanto aos homens, querendo deitar novos grilhões a huma alma, que via quasi livre das prizões do Inferno, e que solta lhe havia de fazer cruel guerra a sangue, e fogo. Mas Torpes, que estava já illustrado com aquella luz do Ceo, resplandecente, e efficaz, que de S. Paulo se lhe communicou; lançou de si todas estas suggestões, que o podião embaraçar a receber a verdadeira Ley de Christo, conhecendo que se não deve fazer apreço das dignidades, e supremas honras do Mundo, por serem estes ostentosos

faustos, doces enganos, e verdadeiros embaraços do discurso, cujas apparentes, e enganofas grandezas parecem felicidades, e são penosos cuidados na ansia de adquirillas, e no temor de perdellas. Via que o Mundo era mar amargo, onde as bonanças se convertem em tormentas, e se chorão naufragios; pois apenas logradas, logo perdidas. Abonava esta verdade o mesmo Imperio Romano; pois quando os seus Monarcas se imaginavão absolutos dominantes do mundo, se virão despojados da purpura, e o seu inconstante Imperio reduzido ao limitado espaço de hum tumulto, não deixando da sua grandeza mais, que a lamentavel memoria na breve subsistencia de hum caduco senhoria.

22 Ponderava que a gloria, que acaba, não constitue grandeza, e que se não faz o homem eterno no applauso, se não exercita o caminho das virtudes, desprezando tudo por seguir a Christo, porque sem este immenso Senhor todas as cousas são nada. Que a mayor felicidade só se alcança no exercicio das boas obras, e acertos do entendimento, e que para se lograr se não deve fazer estimação do que o Mundo erradamente julga premio das

acções , que não passão de material , e exterior apparencia , que os sábios desprezão , tendo só por dignos de veneração os dotes da alma , com que se sóbe ao superior estado de Heroe. Que o ser mayor entre os homens consiste em se não fazer caso das honras , e coroas do Mundo , que como flor apparecem ; e como sombra fogem. Que o mayor bem , que se póde desejar , he o eterno descanso , onde se logra a mayor honra , e a melhor coroa ; e que para a conseguir , deve ser o homem director da sua propria vida , attendendo sempre à eterna , que o espera ; para que as suas boas obras o possão conduzir a gozar os bens Celestiaes , que são só os duraveis , e permanentes , e tudo o mais do Mundo caduco , e transitorio.

23 Com estes , ou outros semelhantes discursos , que por solidos , e verdadeiros são os que se devem seguir ; e abraçar , se resolveo Torpes a eleger à melhor parte ; e deixando tudo por seguir a Christo , abjurou a idolatria de falsas Divindades , confessando , e crendo por unico , e verdadeiro Deos aquelle Ser eterno , infinito , e incomprehensivel , que creou o Mundo pelo seu poder , que o governa pela sua

## 22 Exêmplos da constancia dos Martyres

sua sabedoria, e o conserva pela sua bondade, e que para remir o Mundo, mandou seu unigenito Filho à terra a dar a vida pelos homens.

24 Triunfou Torpes de todo o poder do Inferno com singular valor, e valentia, recebendo o Ceo mayor gozo pela sua conversão, que por noventa e nove justos. (3) Venceo S. Paulo com a sua espada ao demonio, ficando este abatido, e desprezado, e Christo exaltado, e victorioso, obrando mayor milagre em dar a vida da graça a huma alma morta pela culpa, que resuscitar hum morto à vida temporal; porque este sempre ha de morrer, e a alma ha de viver sempre. (4) He obra propria da mão de Deos a conversão de hum peccador; pois livrando-o da escravidão de Satanaz, e da condenação às chaminas infernaes, o adopta por seu filho, e o faz herdeiro do Ceo; e he tão grande, e prodigiosa esta obra, que he necessario todo o poder de Deos para fazella, mostrando-se nella mais omnipotente, e poderoso. Todas as cousas pendem sómente da vontade Divina, pois com ella

(3) Christo o disse pela boca de S. Lucas.

(4) S. Greg. lib. 3. cap. 17.



ella creou o Mundo , e o conserva , mas a redução dos peccadores pende da vontade de Deos , e da vontade do homem ; e como Deos conserva em nós os dons , que nos permittio no livre alvedrio , e vontade , que nos deo , achando no homem muitas vezes resistencia a obrar o que convem que siga , resplandece então mais o poder infinito , e summa bondade do mesmo Deos nas milagrosas conversões , que obra nos peccadores , a que não podem chegar as forças humanas , e da natureza .

25 Ha com tudo algumas conversões tão singulares , e extraordinarias , que parece emprega Deos nellas com mais força o braço poderoso da sua Omnipotencia , fazendo-as mais milagrosas , e dignas de admiração , não só pelo poder , com que as faz , senão no modo , com que as obra He exemplo desta verdade S. Paulo , tirando-o Deos extraordinariamente de hum abyfmo de maldades à luz do seu conhecimento ; e igualmente he confirmação deste poder a conversão admiravel de Torpes , que criado na adoração de falsos Deoses , e valído do Emperador mais tyranno . e inimigo de Christo , o faz Deos seu valído , enchendo-o de merecimentos , e virtudes , resplan-

## 24 Exemplar da constancia dos Martyrēs

plandecendo em seu coração com a luz da graça, para o livrar dos horrores da culpa.

26 Esta prodigiosa conversão de Torpes a attribuem alguns Authores (5) a hum Varão Apostolico chamado Antonio, que vivia retirado em hum monte junto à Cidade de Pifa; e que, quando nella estava o Emperador Nero na construcção do grande Templo, que edificou, teve communicação Torpes com elle, e que pela sua prégação se converteo à nossa Santa Fé. Mas nós, seguindo a outros muitos AA. graves, e especialmente ao mayor indagador de antiguidades, (6) dizemos com elle, e com hum grande A. (7) que esta conversão soy feita em Roma por S. Paulo; pois não podia este Sagrado Apostolo conseguir nelle tantas mercês, e graças, como se lem na sua vida, e no decurso desta historia, a não contribuir para ellas hum válido, por quem o Imperio se regia, como era Torpes. O mesmo Santo Apostolo confirma esta verdade na 4. Epistola, que de Roma escreveu aos Filippenses, dizendo: *Salutant vos omnes sancti, maximè autem, qui de Cæsaris domo sunt.*

Man-

(5) Pedro à Natalib. e o Venerav. Bed.

(6) Fr. Bernard. de Brito Monarch. Lusit. part. 2. liv. 5. cap. 6.

(7) Baron. tom. 1. ann. Christi 58. & Neronis 2. n. 9. p. 645. col 2.

Manda lembranças aos Filippenses dos Catholicos, principalmente dos que são do Paço de Cesar. :E quem podia ser o principal destes Catholicos, senão Torpes? Nem as historias dos primeiros dous annos, que S. Paulo esteve em Roma, nos declaram outra conversão dos aulicos de Nero mais, que esta. O Martyrologio Romano (8) diz tambem, que quando S. Paulo escreveu esta Epistola com estas recommendações Catholicas, e fraternas, o disse especialmente por Torpes.

27 Nem se faz verosimel, que S. Paulo mandasse lembranças de Torpes aos Filippenses, escrevendo de Roma, se desta Cidade não fora para Piza já convertido, pois nella foy martyrizado; não tornando mais a lugar, onde pudesse ver, e communicar o Santo Apostolo. Mas combinando estas opiniões, póde-se nellas discorrer com acerto, que Torpes pelas circumstancias da sua vida, e favores, que fez a S. Paulo, foy por elle convertido em Roma; e que indo para Piza com o Emperador Nero, se communicaria com aquelle Santo Varão, que vivia retirado junto da mesma Cidade, e que delle receberia as instrucções

D

Ca-

(8) A 17. de Mayo.

## 26 *Exemplar da constancia dos Martyres*

Catholicas , para o fortalecer na Fé , e dispollô para a constancia do martyrio. Parecem verdadeiras estas conjecturas , e dellas se tira o acerto para a historia.

28 Convertido Torpes em Roma por São Paulo , e instruido nos Mysterios da nossa Santa Fé , foy regenerado pela agua do Baptismo , e cheyo daquella graça , e santificação , que por elle se recebe , principiou aquella alma pura , alistada novamente nas bandeiras de Christo , a servillo com o ardente zelo da propagação da sua Santa Ley. Eraõ em Roma os dous Apostolos S. Pedro , e S. Paulo os Ministros do mesmo Christo , occupados neste alto ministerio , plantando nos corações dos convertidos a observancia dos preceitos Divinos , e profundando as raizes da Fé com o mayor zelo da Religião Catholica , contribuindo Torpes , para se dilatar a seara de Christo , que ainda que em flor , dava as melhores esperanças ; e como São Paulo tinha vindo prezo de Judéa , fez com que se dissimulasse com a sua prizão , para que livre daquelle embaraço , pudessem melhor as suas pregações colher o fruto desejado na conversão daquelles infieis.

29 E para que a verdade Evangelica ficasse mais valida, e acreditada, communicando-se aos homens mais sabios do Imperio, introduzio a S. Paulo com Seneca, Mestre de Nero, a quem este Emperador reverenciava pela educaçao, e estimava pela sua grande sciencia, e virtudes moraes, resultando desta communicacao a amizade, que este grande Filosofo Hespanhol teve com S. Paulo, o que certificao as memorias de treze Epistolas, que este Santo Apostolo lhe mandou, e as respostas, com que Seneca lhe retribuiu. E hum grande Historiador (8) confirma esta verdade, dizendo que esta amizade foy contrahida pela industria de Torpes, para acreditar, e dilatar a Fé de Christo, sendo causa esta communicacao de se persuadirem alguns AA. que Seneca abraçara a Religiao Catholica, o que elle desmentio nos ultimos instantes da sua vida, offerecendo sacrificio a Jupiter Libertador. (9)

30 He a virtude da gratidao hum habito da vontade em querer premiar o beneficio recebido ; comprehendendo trez virtualidades,  
D ii que

(8) Monarch. Lusit. part. 2. liv. 5. cap. 6.

(9) C. Tacito de Ann. liv. 15. cap. 64.

## 28. *Exemplar da constância dos Martyres*

que são o conhecimento interior do mesmo beneficio , a sua gratificação por palavras , e o seu agradecimento por obras. Esta grande virtude he mais propria nos corações illustres ; e como o de Torpes se animava de hum superior , e nobre espirito , quiz exercitar esta mesma virtude com S. Paulo , pois reconhecia dever-lhe hum novo fer com melhor alma. E depois de ver em seu coração a estimabilidade do beneficio , e a sua lingua mostrar em palavras o seu agradecimento , quiz por obras exercitar a mesma gratidão , fazendo-se fiel , e activo procurador do Santo Apostolo , para conseguir a sua liberdade. Estava o Santo ainda prezo em Roma , mas pelo respeito de Torpes , dissimulada a sua prisão ; pois entregue a hum soldado , mais lhe servia este de companhia , que de guarda. Tratava-se no Senado Romano do processo criminal , que de Judéa veyo remettido com o mesmo Santo Apostolo por appellação para o Cesar ; e pode o valimento de Torpes defender taõ bem a sua innocencia , que foy julgado livre. ( 1 ) Esta tão justa sentença poz em liberdade a S. Paulo , que , sahindo de Roma , discorreo Italia ,  
pas-

( 1 ) Chronic. de Christiano Adricomio Delfo no ann. 60. de Christ.

passou a França , e veyo à nossa Hespanha , segundo as mais certas opiniões , ( 2 ) amanehecendo nesta parte mais occidental da Europa o Sol mais brilhante da primitiva Igreja , para allumear com a luz da graça as trévas da idolatria.

31 Este nobre agradecimento , com que Torpes satisfez ao grande beneficio , que devia a S. Paulo , foy acção da sua generosidade , e affecto , querendo pagar huma liberdade com outra liberdade. A prizão de S. Paulo livrou a Torpes das cadeyas da culpa : a liberdade de Torpes soltou ao Santo Apostolo da prizão da injustiça : parece que o premio foy mayor que o beneficio , porque este consistio sómente na conversão de Torpes , e aquelle na reducção de tantas almas , quantas merecêrão o conhecimento da verdadeira Ley pela liberdade de S. Paulo. Se Torpes não fora o principal instrumento da sua soltura , não pudéra este grande Prégador das Gentes , accrescentando glorias a Deos , espalhar por tantos Reinos , e Provincias a sua Divina palavra. Bem pudéra Torpes julgar desempenhada a obrigação do beneficio com a liberdade,

( 2 ) Theodoro sobre o Pl. 116. e na Epist. a Timoth. cap. ult.

dade, que conseguiu para S. Paulo, deixando-o ficar em Roma para seu Director, e Mestre espiritual na nova Religião, que professava; mas coarctar-lhe a liberdade não era para a grandeza do seu coração, nem para o generoso do seu agradecimento. Quanto mais, que, ainda que Torpes não tivesse estímulos tão nobres, para dar inteira liberdade ao Santo Apóstolo, antepunha ao interesse proprio o bem espiritual de tantas almas, quantas se haviam de converter pela sua pregação, pois de outra sorte fora impedir os progressos do incançavel zelo deste Santo Apóstolo. Nem este havia de deixar ao seu novo convertido sem a certeza da sua constancia, e fortaleza.

32 Mayormente que estava já Torpes tão cheyo de favores Celestiaes, e da graça Divina, que o mesmo Deos se empenhou em tomallo à sua conta para o fortalecer, e animar, mandando-lhe hum Anjo, que, apparecendo-lhe, o confirmou na Fé, como diz hum grande Author; ( 3 ) sendo esta acção o premio, com que o mesmo Senhor satisfez a grande caridade, que Torpes teve em soltar ao Apóstolo,

(3) Petr. de Natal. lib. 5. de SS. in Mense Maii occurrentib. c. 8. ibi:  
*Et revertens domum ab Angelo sibi apparente in fide confirmatus est.*



tolo, e privar-se do seu magisterio para beneficio universal, querendo Deos recompensar-lha com excessivo augmento, dando-lhe hum Mestre tanto mayor, quanto vay de hum Anjo a hum homem, e de huma intelligencia Angelica à sabedoria humana. Bem pudéra Torpes com este beneficio Celestial. passar de discipulo a Mestre, e dar regras de constancia a quem lhe tinha ensinado as da Religião, pois se via illustrado pelo mesmo Ceo, mostrando Deos que era Torpes tanto do seu coração, que, quando permittia a separação de S. Paulo para promulgar a sua Divina Ley, deixava por substituto hum Anjo, credito grande para Paulo, mayor gloria para Torpes.

33 Contava Nero mais de sinco annos do seu Imperio, quando amortecidas em seu coração todas aquellas virtudes, que o illustravão, desprezando as instrucções de Seneca seu Mestre, e não attendendo aos prudentes conselhos de seu valido Torpes, se entregou a vicios tão feyos, que o fizerão escandalo universal, transformando-se em hum formidavel monstro da atrocidade, cujo irracional frenesi tinha atemorizado a natureza humana, e infamamente deslustrado o nome de Cesar Augustus.

### 32. *Exemplar da constancia dos Martyres*

gusto, continuando o mais tempo do seu imperio em dar exercicio à sua fereza com o mayor excessõ; pois cada dia, que tinha de vida, maquinava huma nova especie de tyrannia, que praticava com os miseraveis vassallos, desejando que todos tivessem huma só garganta para lha cortar de hum golpe. Não satisfeito com estas crueldades, passarão ainda ao horrivel procedimento de tirar a vida a sua propria Mãe, não perdoando a sua mulher Poppéa, a quem amava extremamente, sacrificando o mesmo amor, e o proprio sangue à sua tyrannia. Mandou escolher morte a Seneca seu Mestre, unica acção, em que pareceo menos cruel. Até o insensivel soy despojo das suas atrocidades, pois a grande Cidade de Roma, para cuja fabrica tinha corrido todo o Mundo, fez reduzir a cinzas; e, quando o horroroso das channas podia lastimar o coração mais duro, então cantava ao toque da sua cythara o incendio de Troya.

34. Esta detestavel acção attribuiu falsamente aos Christãos, contra os quaes, pelo entranhavel odio da Ley, que seguião, fez publicar crueis edictos, que executados com o mais tyranno rigor, tirarão a vida com hor-  
riveis

riveis tormentos a tantos soldados de Christo, quantos merecêrão naquella perseguição da Igreja a coroa do martyrio, que tambem alcançárão com gloriosos triunfos os Capitães daquelles Celestiaes esquadrões S. Pedro, e S. Paulo. Mereceo Torpes esta gloria, e esta coroa, logo que Nero esteve sciente da nova Religião, que seguia; porque não passava a vida dos virtuosos, e justos daquella era, em que a sua innocencia chegava à noticia deste tyranno.

35 Conquistou este a Cidade de Piza; e agradado do sitio se passou para ella com toda a sua Corte, indo tambem Torpes na mesma occupação, que exercitava; e querendo Nero ennobrecella, e levantar hum padrão do seu triumpho, dedicado à sua memoria, fez edificar hum sumptuoso Templo, não tanto para o culto dos seus Deoses, quanto para a sua adoração. Dedicou-o à Deosa Diana, e na magestade, e soberba do seu edificio quiz ostentar a sua vaidade, e grandeza, dispendendo immensas riquezas na esfranha perfeição da sua fabrica, buscando nas pedras defensão contra o tempo, para perpetuar a sua memoria, quando desta só devia sollicitar o esquecimento. Sobre o pavimento do novo

E

Tem-

Templo mandou levantar noventa columnas de precioso jaspe, que sustentavão hum Ceo de metal, que no azul celeste da sua cor imitava ao verdadeiro. Prendia-se nelle a imagem do Sol, feito de brilhante pedraria, que com tremulos resplandores representava ao Sol natural, a cuja imitação tinha o seu curso; e a Lua, que naquella fingido Ceo tinha o seu lugar, fazia o seu movimento com todos os seus aspectos. Além destes dous Planetas brilhavão naquella artificiosa esfera todos os mais, que exornão a verdadeira. Alli se vião tambem luzir as Estrellas fixas, e os doze Signos celestes com o mayor primor da arte; e para que em tudo este mentiroso Ceo se parecesse ao verdadeiro, industriosamente lhe fizeram hums aqueductos secretos, por onde subia ao alto d'elle muita copia de agua, que espalhada por muitos orificios subtilmente abertos, cahia pela parte convexa, imitando a chuva natural, e verdadeira. Formarão debaixo desta monstruosa maquina humas rodas de metal, que movidas com violencia, fazião hum horroroso estrondo semelhante aos trovões, e tremores da terra. Finalmente nada ficou, em que a industria não imitasse a natureza.

36 Em quanto Nero se occupava com o mayor cuidado na construcção deste Gentilico Templo, augmentando sacrificios à idolatria, e adorações ao demonio, se dedicava Torpes todo a Deos com o mayor disvelo, augmentando-se em seu coração aquelle incendio do amor Divino, que purifica as almas, e as faz unidas ao mesmo Deos. Communicava-se com alguns Christãos, a quem animava, e fortalecia, para que não enfraquecessem na verdadeira Ley, que professavão, dando-lhes documentos para a vida perfeita, pois com ella se alcança a eterna. Aqui pôde ter lugar o que alguns AA. dizem da communicação, que teve Torpes com aquelle Varão Santo chamado Antonio; que vivia retirado em hum monte junto da mesma Cidade, cuja vida inculpavel, e contemplativa o faria buscado de Torpes, para delle, além da doutrina, que recebeu de S. Paulo, aprender muitas lições, que o puzessem em mais alto gráo de perfeição, e o animaria para a constancia do martyrio, gloriosa coroa, com que Deos havia de premiar as suas heroicas virtudes.

37 Era a vida de Nero em tudo opposta aos costumes de Torpes; porque àquelle,

entregue a vicios detestaveis, o fazião horror da humanidade, e este pelos justos merecimentos das suas acções era venerado de todos com o mayor affecto; e como a virtude, e o vicio nunca se conformão, por serem acções entre si oppostas, forão as virtudes de Torpes, quem publicou a nova Religião Catholica, que professava; de que certificado Nero ficou tão colerico, e desgostoso, que deixando as obras do novo Templo de Diana, em que tanto se tinha empenhado o seu gosto, e a sua grandeza, se foy para Roma, ficando Torpes prezo, e entregue a Sabellico, ou Satelicio, Governador de Pisa, com ordem, que o obrigasse a sacrificar aos falsos Deoses; e quando por obstinado repugnasse a esta adoração, lhe tirasse a vida.

38 Grande affecto devemos considerar que havia de Nero para Torpes, não só pelo ter feito seu valido, e entregue o governo do seu Imperio; mas por não usar com elle daquella fereza, que praticava não só com os suppostos culpados, mas com os absolutamente innocentes; porque julgando-se Nero tão offendido de quem tinha delle recebido tantas honras, e beneficios, só as forças do amor

fariao não romper a sua crueldade em lhe tirar instantaneamente a vida , e não dilatar-lha , dando-lhe lugar para o arrependimento. Mas esta acção não foy benevolencia , nem affecto em Nero ; porque não podia elle desmentir o seu nome , nem contrafazer o feuty-ranno genio ; foy permifsão da Divina providencia , que permittio desta sorte alargar a vida a Torpes , para o fazer mais gloriofo , dando-lhe mayores merecimentos no triumpho do seu martyrio. Se Nero lhe tirasse logo a vida ; não alcançaria tantas coroas , quantas mereceo por cada tormento , que constante soffria , mostrando Deos , que lhe erão tão agradaveis , que em cada hum delles fazia hum milagre , e em cada passo de Torpes obrava hum prodigio , como veremos no decurso do seu martyrio.

39. Restituído Nero a Roma , e entregue Satelicio da pessoa de Torpes , tratou este cruel Ministro da tyrannia de cumprir as ordens do seu Emperador , executando-as com tanta fereza ; que parecia lhe deixára tambem Nero a sua crueldade no poder , que lhe tinha dado. Trez dias teve a Torpes em apertado , e escuro carcere , carregado de ferros ,  
com

38 *Exemplar da constancia dos Martyres*

com todo o máo trato , que lhe foy possível ,  
parecendo-lhe que hum homem criado em tan-  
tos mimos , e regalos não poderia com o me-  
nor destes trabalhos. Passado este tempo o  
mandou vir à sua presença ; e lhe fallou des-  
ta forte:

42. Não te repito , ó Torpes , o esclá-  
recido da tua familia ; porque tu , como in-  
teressado na tua nobreza , conhecerás me-  
lhor os illustres Progenitores , de que pro-  
cedes ; só te declaro , que , sendo o nobre  
sangue agradecido por natureza , desmente  
o teu este predicado , pois pulsa nas tuas ve-  
yas o mais ingrato , vil , e falso , que pro-  
duzio a humana natureza. Não tem havi-  
do no Mundo vassallo algum mais cheyo de  
beneficios do seu Monarca , do que tu tens  
sido do nosso Cesar ; pois além da especial  
estimação ; que fazia da tua pessoa , prefe-  
rindo-te a todos , repartio contigo em mais  
de metade o governo do seu Imperio. Tan-  
tas graças recebidas , e em ti tão mal em-  
pregadas , agradecces com a mais feya , e  
abominavel acção , qual he a do delicto ,  
por que estás prezo. Este offendeo tanto ao  
nosso Emperador , que se retirou , como fa-  
bes ,



„ bes , colerico , e desgostoso ; e he tal a sua  
„ piedade , que te não deo o castigo prompto ,  
„ que merecias , pois te dá lugar para o arre-  
„ pendimento. Elle me nomeou teu Juiz com  
„ a condição , que , se abjurares a nova Reli-  
„ gião , que professas , serás restituído à sua  
„ graça , e às honras , e mercês , que logra-  
„ vas ; e quando obstinado queiras persistir na  
„ tua teima , perderás a vida com atrozes tor-  
„ mentos. Abre os olhos do infame lethargo ,  
„ em que te tem posto a tua cegueira : vê o  
„ que deves ao nosso Cesar , e o quanto lhe  
„ tens sido ingrato : olha para o credito da tua  
„ pessoa , e o quanto fica deslustrada a tua no-  
„ breza com hum tão infame delicto : repara  
„ que nelle são os mais offendidos os nossos  
„ Deoses immortaes , conservadores deste Im-  
„ perio : deixa essa nova Ley : offerece sacri-  
„ ficios às nossas Divindades ; e quando este-  
„ jas firme nessa fantastica illusão , que apre-  
„ hendeste ; experimentarás a minha ira , a-  
„ brandando a tua pertinacia com o merecido  
„ castigo. „

41 Assim fallou aquelle cruel Ministro ,  
a que Torpes respondeo desta maneira : „ Não  
„ me admira , ò Satelicio , que reprehendas em  
„ mim

„ mim a acção, a que me conduzio a minha  
„ felicidade, quando te vejo tão cego para o  
„ seu conhecimento, que totalmente a desco-  
„ nheces; pois o demonio, a quem adoras nes-  
„ sas fingidas Divindades, que idolatras, te tem  
„ offuscado o entendimento, e entorpecido a  
„ razão, para não conheceres a meu Senhor  
„ Jesus Christo, que te remio, e me remio.  
„ Se estás com os olhos fechados, como me  
„ podes guiar, senão ao precipicio? Se pe-  
„ lejas pelo mesmo demonio, e eu, defen-  
„ do ao unico, e verdadeiro Deos, como po-  
„ derás vencer-me com armas tão desiguaes?  
„ Recorres às temporalidades, e encareces a  
„ illustre nobreza de meus ascendentes, para  
„ afeares mais a acção infame da minha in-  
„ gratidão? Se sou illustre, não me desvane-  
„ ce a minha nobreza; porque sey que a ver-  
„ dadeira he só servir com coração puro, e  
„ limpo a Jesus Christo, de quem sou escra-  
„ vo. Não fuy ingrato ao Cesar, como di-  
„ zes, pois sempre o servi com zelo, e affe-  
„ cto; e se agora não posso seguir os seus man-  
„ dados, transgredindo as suas leys, he, por-  
„ que se oppõem às de Deos verdadeiro, Em-  
„ perador do Ceo; e como manda que a elle  
„ só

„só reconheça , e sirva , como poderey com  
„ tanta offensa sua adorar outra Divindade ?  
„ A quem te parece que devemos obedecer ,  
„ quando as Leys em si são tão oppostas ? A's  
„ do Emperador do Ceo ; ou às do da terra ?  
„ A's de Deos ; ou às do homem ? Parece-me  
„ que não poderás negar , que as Leys de Deos  
„ são as que se devem inviolavelmente guar-  
„ dar ; pois se estas só se devem seguir , em que  
„ fuy ingrato ao Cesar , ou em que o offendi ? „

42 „ Se foy colerico , e apaixonado para  
„ Roma por causa da nova Ley ; que figo ,  
„ pudéra logo com a minha morte satisfazer  
„ a sua offensa , e não deixar-me a vida , e a  
„ ti por Juiz della , com a condição impossí-  
„ vel de abjurar a Religião Catholica , e ne-  
„ gar a Jesus meu Redemptor , a quem mais  
„ estimo que todas as honras do Mundo. Não  
„ te canfes comigo em persuadir-me , porque  
„ antes perderá o Sol a sua claridade , o fo-  
„ go o feu calor , a neve a sua candura ; que  
„ eu mude deste proposito ; porque estou tão  
„ constante , e firme no amor de meu Senhor  
„ Jesus Christo , que nada me deixará per-  
„ della. Se queres usar de cutello , aqui está  
„ a garganta ; se de açoutes , aqui estão as

## 42 *Exemplar da constancia dos Martyres*

„ costas : se me queres abraçar com fogo , a-  
„ qui está meu corpo : se deitar-me às feras ,  
„ aqui estão meus membros , e todos appare-  
„ lhados para os tormentos , que determina-  
„ res. Queima , ata , aperta , esfolia , fere ,  
„ quebranta , arranca , desconjunta , e mata a  
„ este corpo ; que , quanto mais cruel fores co-  
„ migo , maior bem te deverey. , para ter mais  
„ que merecer com meu Senhor Jesus Chri-  
„ stó. Que fazes , que esperas , porque tardas ?  
„ Acaba já esta vida temporal , para ir gozar  
„ da eterna. „

43. O ardor desta resposta , nascida do  
fogo do amor Diviño , que inflammava o co-  
ração de Torpes , accendeo de tal sorte a ira  
do tyranno Satelicio , que , lançando cham-  
mas pelos olhos , e embravecido como hum  
fero leão , o mandou atar a huma columna  
das suas casas , e açoutar com tanta cruelda-  
de , que em pouco espaço sahirão daquelle mi-  
moso corpo copiosos rios de sangue , e na atro-  
cidade deste martyrio se lhe não ouvia mais ,  
que louvar ao seu Redemptor , por cujo amor  
padecia , levantando os olhos ao Ceo ; e pe-  
dindo-lhe esforço , e animo em seu tormento ,  
que soffria constante , e alegre , por imitar  
nelle

nelle a Jesus Christo, pois se via atado a huma columna, e tão cruelmente açoutado.

44 Mostrou Deos com sinaes miraculosos, que lhe era agradavel este sacrificio, pois ostentando os dous attributos de misericordioso, e justiceiro, deo a Torpes a fortaleza, e constancia no soffrimento, e a Satelicio o merecido castigo; porque estando este tyranno mais senhoreado da vingança, mais cego na ira, mais arrebatado na furia, quando de repente (ò prodigio notavel!) cahe a columna, a que Torpes estava atado, arruina-se o edificio, e mata ao cruel Satelicio com mais de sincoenta Gentios, que tinham concorrido a este espectáculo, ficando livre do perigo o grande Cavalleiro de Christo com manifesto milagre, permittindo Deos, que huma causa produzisse dous effeitos tão contrarios, ambos com mysteriosos fins; pois em hum se mostra Deos de vingança, castigando com a morte ao tyranno, que em o dia do seu Santo nome atormentava tão cruelmente ao seu glorioso Confessor; e no outro, ostentando o seu amor para com Torpes, lhe reserva a vida, para alcançar mais palmas na victoria, e triumphos no vencimento.

45 Por morte do cruel Satelicio succedeo no governo de Pifa seu filho Sylvino, ou Sylvano, que não conhecendo por alto castigo da Divina providencia a perda da sua casa, a morte de seu pay, e a de sincoenta Genticos, que ficarão sepultados debaixo das suas ruinas, nem movendo-o o manifesto prodigio, com que Deos livrou a Torpes deste perigo; antes mais endurecido, e fero, o mandou novamente prender a huma mó de pedra, querendo satisfazer os estímulos da sua ira com repetidos; e crueis tormentos na pessoa de Torpes, em quem intentava vingar o desprezo dos seus Deoses, a desobediencia do seu Emperador, e a propria offensa na perda da vida de seu pay, que barbaramente attribuia a encantos magicos do inclyto Martyr, suggestão, com que o demonio enganava a cega, e torpe Gentilidade, para não conhecer por milagre os prodigios, que Deos obrava por seus Santos nos gloriosos triunfos dos seus martyrios. Nesta nova prizão gastou Torpes a noite em oração muy fervorosa, recebendo especiaes favores do Altissimo, que, confortando-o de celestiaes forças, o dispoz constante para tolerar os grandes tormentos, que

Ihe

Ihe estavam preparados para o dia seguinte.

46 Neste o mandou Sylvino buscar à sua presença, e lhe fallou desta sorte: „ Bem pudéra, ò Torpes, satisfazer à minha grande magoa com os effeitos da justa vingança, que merece o teu delicto; pois não fô tens com sacrilega offensa dos nossos Deoses immortaes, e do grande Cesar deste Imperio desprezado as mayores Magestades, mas a mim com o ultimo golpe da tua crueldade, tirando a vida a hum pay com mais sincoenta homens, que com elle perecêrão debaixo das ruinas do edificio, que tu fizeste cahir pela arte de Nigromancia, com que te pertendes ostentar fiugidamente milagroso. Pudéra logo acabar essa infame vida, que não dura mais que para atrozes delictos, tirando nella a causa de tão perniciosos effeitos; mas he tal a minha piedade, e tão generoso o meu animo., que suspendo a execução deste merecido castigo; e attendendo sómente à causa dos Deoses, e não me querendo constituir Juiz na propria, te declaro que a dilação da morte nasce da minha clemencia, e a vida conservada entre tantos trabalhos da benignidade das nossas

„ Di-

46 *Exemplar da constancia dos Martyres*

„ Divindades. Agradece-me esta commiseracion, que he o mais heroico termo, que posso usar contigo, e reconhece a ellas o beneficio, que te tem feito, aplacando a sua indignação com os devidos sacrificios, como fazem todos os Principes deste Imperio. „ Acaba já de abrir os olhos em tão louca obstinação, offerece incenso aos Deoses, que eu te perdoo a morte, que tão barbaramente deste a meu pay, e da parte do Emperador te seguro restituir-te à sua graça com todas as honras, e dignidades, que logravas no tempo do teu valimento; e quando constante permanças na Ley do Crucificado, fer-me-ha forçoso usar da violencia, excogitando os mayores tormentos, para com elles abrandar a tua contumacia. „

47 Ouvio Torpes a proposta de Sylvino, a que respondeo assim: „ Se não me attribui- ras falsamente a morte de teu pay, não te respondêra, senão com as mesmas expressões, com que a elle o defenganey, quando lhe disse o mesmo, com que agora me persuades. Mas como estás no errado conceito, de que matey a Satélicio, he preciso advertir-te que o meu Deos, e Senhor „ Om-



„ Omnipotente permittio tirar-lhe a vida por  
„ alto mysterio da sua incomprehensibilidade,  
„ e de nenhuma forte os encantos magicos,  
„ que me attribues; porque nunca tal usey, e  
„ muito menos depois de estar unido a meu  
„ Senhor Jesus Christo, a quem adoro por ver-  
„ dadeiro Deos, e não ao demonio seu ini-  
„ migo, e de todas as creaturas. Não devias  
„ lamentar tanto a falta da sua vida, quanto  
„ a perda da sua alma, porque a vida, por transf-  
„ itoria, e caduca, apenas apparece, logo  
„ acaba; mas a alma, que he eterna, só a ella  
„ se deve attender, para a livrarmos com as  
„ nossas boas obras das penas infernaes, que  
„ nunca a consomem, e atormentão eterna-  
„ mente. „

48 „ Bem pudéras tu, ò Sylvino, reco-  
„ nhecer por alto castigo do supremo Senhor  
„ a morte de teu pay, e de tantos, que com  
„ elle acabáráo a vida, confessando a meu Se-  
„ nhor Jesus Christo por verdadeiro Deos; e  
„ verdadeiro homem. Este desejo, e affecto  
„ Catholico, com que procuro ver em ti o  
„ conhecimento da verdade, me conduz só-  
„ mente ao bem espirital da tua alma, e não  
„ a outro nenhum respeito; pois bem podes  
„ ter

48. *Exemplar da constancia dos Martyres*

„ ter entendido o pouco , que póde comigo  
„ o temor dos tormentos , vendo-me buscar  
„ com gosto a morte , e desprezar honras do  
„ Mundo : e assim te torno a legurar , que a  
„ minha Ley he a de Christo , meu nome , e  
„ ser de Christão , minha confissão sempre hu-  
„ ma , e minha determinação morrer por ella.  
„ Para o que prepára os cutellos , enfurece os  
„ leões , accende o fogo , e abre , se podes ,  
„ as portas do Inferno , e tira as cadeas a to-  
„ dos os demonios contra mim , que sempre  
„ me acharás mais constante ; porque Deos ,  
„ a quem entreguey a minha alma , me de-  
„ fenderá : olha para ti , reconhece o teu Crea-  
„ dor , converte-te a Deos , : confessando-o , e  
„ adorando-o , para que te não castigue ; e se  
„ persistes na tua obstinação , vinga em mim  
„ a tua ira , e me acharás sempre firme , para  
„ dar mil vidas por meu Senhor Jesus Chri-  
„ sto , que por mim , e por ti morreo com af-  
„ fronta em huma Cruz para nos salvar.

49 Pouco fruto fizerão estas Catholicas  
admoestações em Sylvino ; antes obrando con-  
trarios effeitos , o levárão ao ultimo gráo de  
furor , querendo logo com vingativa colera  
acabar a vida de Torpes a golpes de feras.

Erão

Erão os Anfiteatros dos Romanos huns edificios publicos feitos em fórma ovada , para que com mais commodo pudesse ver todo o povo , que a elles concorria , o combate dos gladiadores , e animaes ferozes , cujos barbaros espectaculos servião de divertimento àquella nação. A este lugar mandou conduzir Sylvino ao valeroso Soldado de Christo ; pois defenganado de que as forças humanas o pudessem vencer , quiz ajudar-se do impeto cruel das feras para o destruir. Mandou soltar a hum faminto leopardo ; e quando todos esperavão que o corpo de Torpes , despedaçado deste bruto , fosse sepultado em suas entranhas , trocando a nativa fereza em mansidão de cordeiro , se mostrou mais racional ; que os homens , permittindo a Divina omnipotencia o dar-lhe intelligencia para conhecer as virtudes de Torpes , e o quanto devião ser respeitadas ; pois chegando a elle , se prostrou a seus pés , lambendo-lhos em sinal da sua submissão , e obediencia. Incredulo Sylvino deste prodigio , è mais feia , que as mesmas feras , que buscava para instrumento da sua vingança , mandou assanhar hum ferocissimo leão , que solto , preparando os instrumentos da morte , e da

sepultura, arremetteo à preza com furioso impeto; mas fazendo-lhe Torpes o final da Cruz, cahio subitamente morto no meyo da carreira.

50 Estes repetidos milagres, com que Deos ostentava o seu poder, e amor para com o seu valeroso Martyr, admirarão de tal forte os circumstantes, que huns julgavão a Torpes por innocente, outros engrandecião as maravilhas, e poder do mesmo Deos, pois o vião empenhado, e prodigioso em defendello. Deixou este rayo de luz Celestial assombrado a todo aquelle povo Gentilico, mas não abrírão os olhos para o conhecimento da verdadeira luz mais, que em quanto durou a do relampago, que acabando os seus effeitos, os cerrarão, continuando na cegueira da sua idolatria. Estava presente a todos estes prodigios hum illustre Romano chamado Evelino, que era do Conselho do Emperador Nero, que ferido deste rayo, e abrindo tambem os olhos, não os fechou para ficar cego; porque, conhecendo a grandeza de Deos, e os manifestos milagres da sua Omnipotencia, o confessou por verdadeiro Senhor dos Ceos, e terra, convertendo-se à nossa Santa Fé com inexplicavel contentamento de Torpes, que conti-

nua-

nuamente louvava a Deos pelas suas repetidas maravilhas. Certificado Sylvino da nova conversão de Evelino, se encheo de huma colera tão arrebatada, que sem querer provar com tormentos a sua constancia, o mandou logo degollar; e purificada esta ditosa alma no Baptismo do seu proprio sangue, subio triunfante, e gloriosa a receber no Ceo o premio do martyrio, que foy a vinte e sete de Abril, dous dias antes do feliz transito de Torpes, a quem servio de Aposentador, preparando-lhe o caminho Celestial, que lhe estava destinado.

51 Estes grandes prodigios, com que Deos ostentava os attributos da sua Divina Justiça, distribuindo premios, e castigos, conforme os merecimentos, dão a conhecer que era Torpes tanto do seu coração, que tomava por sua conta o amparallo, e defendello, vibrando a espada da sua mesma Justiça contra aquelles, que o aggravavão, e dispendendo dos thesouros da sua infinita Misericordia os merecidos premios, para os que reconheciam as suas virtudes. Quatro milagres vemos que Deos Senhor nosso obrou por Torpes, dous em homens, e dous em feras; e tão mysteriosamente repartidos, que a fereza do leão foy

castigada como a crueldade de Satelicio, e o reconhecimento de Evelino mereceo a vida eterna, e o do leopardo a vida temporal. Com a mayor tyrannia mandou Satelicio atar a huma columna a Torpes, e cruelmente açoutallo; mas pagou logo com a vida o excessão do seu delicto. Quiz o leão despedaçar a Torpes; mas no meyo da carreira encontrou a morte em pena da sua fereza. Reconheceo o leopardo ao invicto Martyr, beijando-lhe os pés em demonstração da sua obediencia, e ficou com a vida temporal. Admirou Evelino em Torpes as suas grandes virtudes pelos prodigios, que Deos obrou por elle, e em premio deste reconhecimento logrou a vida eterna. Para homens, e para feras mostra Deos o seu affecto para com Torpes; pois a huns confere o merecido premio, e a outros dá o devido castigo. Este não permittio agora na pessoa de Sylvino; parece porque o tinha destinado para instrumento da morte de Torpes, por não lhe querer dilatar mais a ultima, e triunfante coroa, que estava merecendo.

52. Vendo Sylvino que Torpes ficára livre do premeditado castigo, que lhe preparára o seu odio, e que sahira vencedor do

Anfiteatro, deixando a huma fera rendida; e a outra morta, vencendo tambem a mesma racionalidade em Evelino, fechando os olhos à luz de tantos prodigios; e mais obstinado, e cruel na sua vingança, mandou tornar ao carcere ao valeroso Confessor de Christo; e julgando que a fortaleza, com que Torpes se havia nos tormentos, nascia do valor, propria virtude da nobreza, e que o mesmo illustre sangue, que o animava ao soffrimento, o havia de conduzir a mayor desesperação, se se visse ultrajado com a ultima injuria, que a politica dos nobres julga pela mayor affronta, constante neste errado conceito mandou dar a Torpes repetidas, e crueis bofetadas; mas estas, produzindo contrarios effeitos; lhe derão dobrados mercimentos, pois com a mayor paciencia, e constancia as soffria gostoso, por imitar neste injurioso tormento a Christo Senhor nosso, sacrificando ao seu amor estes opprobrios; desejando que fossem mais repetidos, para ter mais que offerecer o seu affecto. Esta admiravel constancia foy a mais heroica acção, com que as virtudes de Torpes triunfarão da tyrannia, vencendo a mais poderosa paixão da alma, qual he a da hon-

ra. Foy o crysol , que deo os mais subidos quilates aos seus merecimentos , grangeando-lhe estes por ultimo termo dos seus trabalhos a palma da victoria.

53 Depois do tyranno Sylvino ter dous dias no carcere a Torpes com este affrontoso tormento , conhecendo da sua constancia , que triumphára do poder humano , que sujeitára o furor das feras , e se vencêra a si proprio , que he o que constitue o homem no elevado solio de maximo , julgando-se por vencido na batalha , e depondo as armas em final do seu rendimento , recorre ao favor dos seus falsos Deoses , acção muito propria nos homens não buscarem a Divindade , senão por ultimo recurso nos seus trabalhos. Mandou levar a Torpes ao novo , e soberbo Templo de Diana , como pedindo justiça àquelles idolos do desprezo , com que tinha injuriado o seu nome ; para que elles , satisfazendo-se destas offensas , alcançassem o que elle não pudéra conseguir , por mais que empenhára todas as suas forças pelos desaggravar. Entrou o novo Sansão naquelle magnifico edificio , não cego , mas com a vista muito perspicaz para conhecer as mentirosas Divindades , que nelle tinham os seus cul-



cultos, sentindo no seu coração o mayor pezar de ver que os homens davão ao demonio aquellas adorações só devidas ao verdadeiro Deos.

54 Neste lugar persuadirão novamente a Torpes, para que aplacasse a ira daquelles Deoses offendidos com os mercedos sacrificios, e que em premio do seu arrependimento se lhe daria a vida com a restituição de todas as honras passadas; e quando persistisse no louco furor da sua obstinação, satisfarião a justa indignação dos mesmos Deoses com a morte, sendo esta conforme a gravidade do seu delicto.

55 Não respondeo Torpes a esta proposta; ou porque julgava desnecessarias as repetidas asseverações da sua fé, e constancia, ou porque já não attendia aos homens, por estar unido todo a Deos; a quem, elevando o seu espirito, e levantando os olhos ao Ceo; fez huma breve oração, que foy tão poderosa a mover o mesmo Senhor, para continuar os prodigios, que obrava por seu servo; que, desembainhando novamente a espada da sua Divina Justiça; e descarregando-a com os costumados golpes naquelles infieis, permittio a  
sua

56 *Exemplar da constancia dos Martyres*

sua ira, que repentinamente a terra tremesse, os homens se assustassem, e confundissem, a estatua de Diana se quebrasse; e reduzisse a pó, as columnas daquelle grande Templo cahissem, e se despedaçassem, e o artificioso Ceo de metal se precipitasse, e desfizesse, e innumeraveis Gentios acabassem debaixo daquellas ruinas, encontrando a morte, e a sepultura, onde se julgavão mais seguros, ficando Torpes, como sempre, victorioso, e triunfante.

56 Assim acabou aquelle magnifico edificio, para o qual se tinha empenhado a grandeza da Magestade humana contra a superioridade da Divina Magestade. Castigou esta a soberba daquelle vaidade, com que nesciamente a quizerão imitar na admiravel fabrica da esfera celeste, punindo tambem os repetidos insultos, com que intentavão perverter ao seu amado, e fiel servo Torpes, por quem tinha obrado tantas maravilhas, que cada huma era hum portentoso assombro da sua Omnipotencia, e huma admiravel demonstração do seu affecto.

57 Deixou este grande prodigio admirados, e confusamente lastimados aquelles inféis, que escaparão das ruinas do Templo, que,

què , tendo o desengano tanto à vista , ficá-  
rão sempre por sua desgraça cegos , conti-  
nuando nos seus costumados erros. Ficou tam-  
bem com vida Sylvino , mas muito magoado  
da perda do edificio pelo desgosto , e paixão ,  
que Nero receberia , quando lhe chegasse a  
noticia deste successo ; e desenganado já de  
que Torpes fosse vencido , pois o via triun-  
fante de seus proprios Deoses , ultimo recur-  
so das suas esperanças , sem querer fazer no-  
vas experiencias de mayor damno , pois nel-  
las podia encontrar o proprio , mandou aos  
verdugos , que levásem a Torpes fóra da Ci-  
dade , parece que receando o fatal estrago de  
toda esta , se nella padecesse o ultimo golpe  
este inelyto Martyr , e que nas ribeiras do rio  
Arno , onde defagua no Mediterraneo , lhe  
cortassem a cabeça , para dar fim com a sua  
vida a tantas ruinas , e tragedias.

58 Caminhárão os Ministros da tyran-  
nia a executar aquella cruel sentença de mor-  
te , que para Torpes foy de vida pela eterna ,  
que o esperava ; e chegando finalmente ao  
lugar destinado para o ultimo termo do mar-  
tyrio , para o qual caminhava gostoso , e ale-  
gre , para nelle offerecer a Christo Senhor

nosso em sacrificio a mayor fineza do seu amor ; e levantando as mãos ao Ceo , onde já o seu coração estava todo inflammado no amor Divino , se poz em oração socegada ; e fervorosa , pedindo ao mesmo Senhor abrisse os braços da sua piedade , e misericordia , e recebesse o seu espirito , que o amava com o mais ardente affecto : e com grande alegria , e jubilo em seu animo estendeo a garganta ao cutello , com o qual , descarregando o verdugo o golpe , perdeu a vida temporal , ganhando a eterna , subindo aquella alma pura , e santa à Jerusalem Celestial a ser nella hum dos seus Bemaventurados , para ter eminente lugar no triunfante Coro dos valerosos Martyres , premiando Christo a este seu animoso ; e vencedor Soldado com a coroa da victoria duravel , e sem mudança , e com a merecida gloria eterna , e permanente , que alcançou a vinte e nove de Abril do anno de Christo de sessenta e quatro.

59 Gozay , ò ditoso Espirito , gozay agora , e para sempre da magestosa vista daquelle supremo , e Divino Senhor , que de tal forte com o seu amor vos quiz cativar , que por elle desprezastes esta vida caduca , e todas as hon-

ras, e deleites da terra. Deixastes o valimento de hum Emperador do Mundo, por ganhares a graça do Emperador do Ceo, que lhe foubestes merecer com taes affectos, que em qualquer tormento, que constante soffrieis, manifestava o seu amor, castigando com o ultimo estrago aquelles, que vos aggravavão. Passastes de hum valimento a outro valimento; mas tão melhorado, quanto vay do Ceo à terra. Déstes a vida por Christo constante no martyrio; e este Senhor vos laureou com o diadema de Santo. O Mundo todo celebra as vossas grandes victorias; e triunfos, e os fieis vossas maravilhas, e virtudes, recebendo por vossa intercessão não só a faude da alma, mas a do corpo. Por vós he a Santa Igreja Catholica enriquecida, e o nosso Reino de Portugal se ennobrece, e honra, por merecer o precioso thesouro das Reliquias do vosso corpo sagrado. Concedey-nos, glorioso Santo, o vosso favor, para que os que crevem, e lerem vossa vida, sejam imitadores de vossas virtudes, e participantes dos bens Celestiaes, que lograis nesse Empyreo.

60 Defanimado com o ultimo golpe a-  
quelle truncado corpo, passou a vingança de

60 *Exemplar da constancia dos Martyres*

Sylvino além da morte ; pois como o seu odio não tinha termo , o quiz executar a sua crueldade naquelle cadaver , como se fosse capaz para o sentimento. Não tinha nelle mais , que despedaçar a sua tyrannia , mas inventou a sua maldade dar-lhe o ultimo castigo , que naquelle tempo se dava aos parricidas ; e para com este desprezo extinguir de todo a sua memoria , mandou que o lastimado corpo do Santo , envolto em seu proprio sangue , fosse mettido em huma barca velha , e rota com hum cão , e hum gallo , demonstração , que se usava com os complices daquelle supposto delicto ; e que deitada pela foz do rio Arno no Mediterraneo brevemente se alagasse , e submergisse , e fosse engolido dos peixes aquelle , que vivo guardára Deos de ser devorado das feras. Assim se executou esta determinação , e foy navegando aquella barca tão segura , quanto aquelles infieis a julgavão arriscada.

61 Mas Deos , que quiz preservar a Torpes vivo daquelles perigos , de que sempre o livrou o seu affecto , quiz tambem depois de morto izentallo do risco , a que o expuzerão aquelles seus mortaes inimigos ; dando na terra àquelle sagrado cadaver huma continuada  
vida

vida na memoria da sua gloriosa fama: e para mayor honra do seu nome, e consolação dos fieis da sua Igreja Militante mandou por hum Anjo guiar a barca, que (4) com miraculoso impulso veyo a aportar nas prayas de Sines, destinando o mesmo Senhor, que fosse depositado aquelle bemaventurado corpo em hum Reino, que na sua mente Divina tinha escolhido para seu Imperio, como depois declarou ao nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques, pemittindo o seu amor, que, assim como a alma tinha no Empyreo tão illustre morada, tivesse o corpo na terra tão nobre jazigo; e em quanto o mesmo Deos lhe manda preparar o tumulo, (5) vamos ao nosso Portugal a admirar as maravilhas da sua prodigiosa trasladação.

(4) Pedr. de Natal. lib. 5. de SS. mense Maii occurrentib. c. 8. ibi: *Angelo tamen duce, navicula ad Hispaniam devenit, & à Senatrice Christiana, Celerina nomine, &c.*

(5) O Vener. Bed. no seu Martyrolog. xvi. Kalend. Junii fol. 277. ibi: *Apparens autem Angelus Domini cuidam venerabili femine, cujus nomen Celerina, monuit, ut perquireret Sancti Martyris corpus, & sepeliret, &c.*

FIM DO PRIMEIRO LIVRO.

The first part of the book is devoted to a general  
 introduction to the subject of the history of the  
 world, and to a description of the various  
 kingdoms and empires which have existed  
 since the beginning of the world. The author  
 then proceeds to a detailed account of the  
 history of the world, from the time of  
 the first man to the present day. He  
 describes the various events which have  
 taken place, and the progress of  
 civilization and the arts. He also  
 discusses the various religions and  
 philosophies which have been  
 founded, and the different  
 governments which have been  
 established. The book is written in a  
 clear and concise style, and is  
 well adapted for the use of  
 students and the general reader.

THE HISTORY OF THE WORLD

by JOHN RICHARDSON  
 Author of "The History of the  
 World," "The History of the  
 World," &c. &c.



E X E M P L A R  
 D A  
 C O N S T A N C I A D O S M A R T Y R E S  
 E M A V I D A D O G L O R I O S O  
 S ã o T O R P E S .  
 L I V R O I I .

---

S U M M A R I O .

*Marco Salvio Otho , Legado , ou Governador da Lusitania no tempo , que S. Torpes padeceo martyrio em Pisa. S. Pedro de Rates primeiro Arcebispo de Braga , e Primaz de toda a Hespanha , illustra aos Lusitanos com a prègação Euangelica. Effeitos da sua doutrina. Dá miraculosa saude à filha de hum Rey de Galiza , que , segundo as mais certas conjecturas , era Lucio Vennonio , ou Venancio , esposo de Santa Celerina. He esta recebida , e baptizada pelo mesmo S. Pedro. Padece este o martyrio por ordem do mesmo Rey , ou Governador Lucio Vennonio. Este se converte à verdadeira Ley pelos milagres , que admira nos discipulos de Sant-Iago Ma-*

#### 64. *Exemplar da constancia dos Martyres*

yor. Perde Santa Celerina a seu esposo. Vem para a Provincia de Alem-Tejo, e se retira para Sines, onde exercita as acções de mayor virtude. Descripção desta Villa. He nella admoestada por hum Anjo, que receba o corpo do Glorioso Martyr São Torpes, que achará na praya. Executa o que Deos lhe ordena, e dá sepultura ao Santo junto à mesma praya. Referem-se as opiniões, que ha de que S. Manços, primeiro Bispo de Evora, assistira a esta prodigiosa trasladação. Edifica Santa Celerina hum magestoso Templo a S. Torpes sobre a sua sepultura. Mostra-se como este Templo foy o primeiro de Europa, e segundo da Christandade, que se edificasse expressamente para culto de Deos, e publico ajuntamento dos Christãos. Impugnã-se as opiniões contrarias. He Santa Celerina laureada com a coroa do martyrio na mesma Villa de Sines pelos Ministros de Domiciano. Noticia dos Santos Artemio, e Audax, sua vida, morte, e sepultura.

1



O tempo, que em Pifa deo a vida por Christo o triunfante, e illustre Martyr S. Torpes, governava a Lusitania seu tio Marco Salvio Otho, que poucos annos depois foy Emperador, a quem Nero, offendendo-o no mais sensivel da honra, quiz com hum beneficio apartallo da presenca do aggravo, ou dourar com elle a offensa do adulterio. Mandou governar esta mais occidental parte da Hespanha com titulo de seu Legado, dando-lhe todas as suas vezes para em tudo administrar os negocios da justica, e guerra, sem recurso a Roma. Neste governo residio dez annos com tanta modestia, e observancia da justica para todos os naturaes, que soube com acções de grande acerto obrigar aos Lusitanos, para lhe contribuirem com suas armas, valor, e riquezas a abrir depois caminho, para alcançar o Imperio, que conseguiu, e infelizmente logrou.

2 Dizem alguns Historiadores Hespanhoes, (1) que no principio do Imperio de Caligula, vinte e cinco annos antes de ser lau-

I rea-

(1) Vaseo tom. 1. Morales lib. 9. cap. 6.

rcado com a coroa do martyrio o nosso glorioso Santo, resplandecêra na mesma Hespanha o rayo da luz Euangelica, communicada pelo Apostolo Sant-Iago Mayor, filho do trovão, como lhe chamou Christo. He a vinda deste Apostolo contestada de muitos varões doutos, em cuja especulação tem occupado o tempo, e o estudo. Dizem outros Escritores, que o primeiro Apostolo da Hespanha foy S. Paulo, e outros segurão que por este mesmo Apostolo, e por S. Pedro forão mandados sete Bispos, para nella fundarem a Christandade: e assim divididos nestas opiniões, se não pôde averiguar com certeza, quem seria o primeiro instrumento, que o Espirito Santo elegeisse, ou inspirasse para a nossa conversão. Mas como cremos, e professamos o Euangelho de Christo tão perfeitamente, como o prégo, ou podia prégar Sant-Iago, S. Paulo, ou outro Ministro Euangelico, que viesse a Hespanha, isto basta para venerarmos a verdade da Religião, e pureza da nossa Fé, fosse qualquer Ministro de Christo, o que com benção Apostolica nos viesse ensinar, e instruir nos preceitos Euangelicos da Ley da Graça.

3 Dizem alguns Escritores, que os Lu-  
fita-

sitanos recebêrão as primeiras luzes do Evangelho de S. Pedro de Rates , e hum Author de boa nota lhe chama o primeiro Apostolo , e Martyr , ( 2 ) não só deste Reino , mas de toda a Hespanha , certificando que a nossa Lusitania foy a primeira parte fóra de Judéa , que se allumeou com esta luz , dando à mesma Hespanha os primeiros Apostolos , e Martyres , como tambem a primeira cadeira Episcopal na Cidade de Braga , que sem razão nos disputão os Castelhanos , querendo-nos usurpar esta primazia. Foy o nosso S. Pedro de Rates , primeiro Arcebispo desta Cidade , dilatando com incansavel zelo , e fervor a prégãção Euangelica , confirmando a verdade da sua doutrina com as grandes maravilhas , que obrava. Entre estas se conta a miraculosa cura , que fez à filha de hum Rey de Galiza , de huma deploravel lepra , que padecia , recebendo com a saude do corpo tambem a da alma , pois à vista deste prodigio se regenerou com a agua do Baptismo juntamente com sua mãy , que a tudo se achou presente. Sabendo o Rey , ou Régulo esta conversão , intentou perverter a constancia de sua mulher , e filha ;

I ii

mas

( 2 ) Brito Monarch. Lusit. part. 2. lib. 5. cap. 3.

mas não o podendo confeguir pela sua firmeza ; se encheo de viva colera , determinando vingar-se no mesmo Santo , parecendo-lhe que com sua morte escusaria a do seu proprio sangue. Buscárão os crueis ministros da tyrannia ao Santo ; e , achando-o em oração diante do Altar aguardando a hora do sacrificio , o matárão a golpe de espada ; e arruinada a casa , ou ermida , ficou aquelle sagrado corpo sepultado nas mesmas ruinas , que o Ceo depois manifestou com luzes , como diz hum Author. ( 3 )

4 Dizem os mesmos Escriitores , que pouco tempo depois deste martyrio chegarão a Iria Flavia , que he hoje o Lugar do Padrão em Galiza , os discipulos de Sant-Iago Mayor , trazendo de Judéa o seu sagrado corpo , onde este grande Apostolo foy coroado com o martyrio por Herodes Agrippa. Pedirão sepultura para o corpo de seu Mestre a huma Senhora daquella terra , a quem algumas memorias dão o titulo de Rainha , chamada Dona Loba , ou Luparia , de coração tão ferino ,

CO-

( 3 ) Bernardo Bispo Laudunense nas Vidas dos SS. part. 3. ibi: *Gladiis spiculatorum confoditur intra sacellum , cujus parietibus obruitur sacrum corpus , diuque obrutum , Et oblitum jacuit , quousque , decurrentibus annis , luce de Cælo indicante monstratur.*

como o seu nome. Esta , negando o que lhe pedião , e desprezando a nova doutrina , que lhe prégavão , os remetteo ao mesmo Rey , por cuja authoridade fora morto S. Pedro ; ao qual , avivando-se-lhe mais a magoa pela conversão da mulher , e filha , os mandou prender , intentando tirar-lhes a vida : mas , sendo livres da prizão por hum Anjo , continuárão seu caminho , do que tendo noticia o Rey , cheyo de indignação , os mandou seguir por alguma gente de cavallo , os quaes indo a passar huma ponte para os alcançarem , se ar-ruinou esta com morte de todos elles , ou da mayor parte ; ( 4 ) que assim costuma Deos castigar muitas vezes os perseguidores dos justos. Este milagre assombrou aquelles idolatras , e encheo de terror , e compunção ao mesmo Rey , que , fazendo vir à sua presença aquelles Varões Apostolicos , sem o temor de os maltratar , ouvio a sua prégação , e divinamente inspirado se converteo à nossa Santa Fé , e o mesmo fez depois Dona Loba commovida destes , e outros milagres , com que Christo authorizava a nova Ley , que trouxe ao Mundo.

5 Re-

(4.) Idem Bernard. Episcop. Laud.

5. Relatão os Historiadores Hespanhoes estes successos mais cheyos de circumstancias, supprimindo porèm o nome deste Rey ; mas nós com mais attenta , e escrupulosa indagação o descobrimos em outros Escritores famigerados, ( 5 ) os quaes , narrando o mesmo successo , segurão que Dona Loba mandára os discipulos de Sant-Iago a Lucio Vennonio , ou Venancio Ebociano , Patrão , ou Governador da Colonia Augusta Tarracónense , que este os prendêra , que forão soltos por hum Anjo , que os mandára seguir , que se arruinára a ponte com morte dos perseguidores , e as mais circumstancias referidas. Pello que nos parece que Lucio Vennonio soy aquelle , que laureou com a coroa do martyriò ao nostro Primaz de toda a Hespanha São Pedro de Rates , e que seria elle o Rey , ou o Régulo , de que fallão aquelles Historiadores ; pois governava Galiza , e Entre Douro , e Minho , como dependentes daquella parte de Hespanha , a que chamavão Tarracónense , da qual era Patrão , ou Governador ; o que se prova pelo epitafio da sepultura , que sua mulher lhe mandou lavrar junto a Tarraco-

go-



gona , como diz hum Author , que o transcreve. (6)

6 Alguns dos Authores allegados lhe dão o titulo de Rey ; e ainda que este presente-mente he tão magnifico , tão magestoso , e tão sagrado , não devia ter naquelle tempo estes predicados , senão he que já a lisonja nos antigos seculos tinha , como hoje , entrada franca na casa dos Grandes. Todo o Mundo conhecido , e toda a Hespanha estava na sujeição dos Romanos , os quaes no tempo do seu Emperador Augusto a tinha dividido em trez partes , que se denominavão pela Lusitania , pela Betica , e pela Tarraconense. Cada huma dellas regia hum Governador separado , que erão de tanta authoridade , que da nossa Lusitania passárão para o throno Imperial Sergio Galba , e M. Salvio Otho ; e como o Imperio tinha tantos Reys vassallos , e inferiores na grandeza de qualquer destes Governadores , não era muito que os seus subditos lhes dessem este supremo titulo , quando o da-  
vão

(6) Grutero fol. 454. ibi: L. VENNONIO. T. F. STELI  
ÆBOTIANO PATRONO COL. AUG. TARRAC. Q. F.  
CELERINA. UXOR. MARITO. KARISSIMO.

Explicação. Memoria , que poz Quinta Fabia Celerina a seu carissimo marido Lucio Vennonio Ebociano , Patrão da Colonia Augusta Tarraconense , filho de Fito Estelario.

vão a pessoas de menos authoridade , como vemos nos mesmos Authores , que a Dona Loba chamão Rainha ; por cuja causa não he de admirar que a Lucio Vennonio lhe conferissem este magestoso attributo.

7. Fazem os mesmos Authores a Lucio Vennonio nosso Portuguez , natural de Evo-  
ra , filho de Tito Estelario , que assim o declara o mesmo epitafio , o qual diz tambem que fora Patrão da Colonia Augusta Tarraconense. Affirmão tambem que elle fora Tribuno em Galiza , lugar tão eminente entre os Rômanos , que tinha huma jurisdicção Consul-  
lar ; e os mesmos Emperadores depois de Augusto se dignarão de tomarem o honroso titulo de Tribuno , como diz hum Author. (7) Sua esposa se chamou Quinta Fabia Celerina , nobilissima Matrona , e segundo objecto desta breve historia , a quem daremos com todos os Authores , que della fallão , sómente o nome de Celerina. Não podemos descobrir o nome da filha , por todos os Historiadores o omittirem ; mas nunca o deixará de ter grande por filha de tal mãy , e pelo prodigio , que nella obrou a virtude de S. Pedro de Rates ,  
livran-

(7) Refende Antiq. Rom. lib. 7. cap. 4.

livrando-lhe o corpo da incuravel lepra, que padecia, e curando-lhe a alma do maligno achaque da idolatria, que professava. Deste beneficio participou Celerina, pois commovida do milagre lavou tambem a sua alma das manchas da culpa com a agua do Baptismo. Não fallão mais os Historiadores nesta santa donzella; só dizem, que guardára perpetua castidade pelo conselho do Santo, escolhendo por seu unico Esposo a Christo, de quem estará gozando a visão Celestial no Coro das Virgens.

8 Referem os mesmos Escretores, que alcançarão estes felices consortes Lucio Vennonio, e Celerina com a nova Religião as virtudes mais solidas, que exercitarão todo o tempo, que viverão, assistindo em Tarragona, e tambem no Lugar das Cohortes na Diocese de Braga, nome, que lhe ficou da companhia de soldados, que nelle se alojavão. Passou para melhor vida Lucio Vennonio cheyo de merecimentos, com que alcançaria de Deos o melhor premio: sentidissima ficou Celerina com a perda de seu carissimo esposo, que assim lhe chama no epitafio referido, que mandou lavrar na sua sepultura. Retirou-se para a Provincia de Alcm-Tejo, onde possuia

grande parte da sua fazenda , sendo tanta , que huns ( 8 ) lhe chamão rica , e poderosa Senhora ; e alguns ( 9 ) lhe dão o titulo de Senadora , e outros de Rainha ; o qual se lhe conferia , attendendo à dignidade de seu esposo pelas razões , que ficão ponderadas. Exornava a sua grandeza o illustre do seu nobre sangue , communicado de seus Regios ascendentes ; pois dizem que era da Consular , e nobre familia Pompeyana , bisnieta de Pompeyo Celerino , Principe da Citerior Hespanha , que dominou os povos Celerinos , que habitavão junto ao rio Ave em Galiza. ( 1 ) Todos os Authores dizem uniformemente , que Celerina era Portugueza , e hum. ( 2 ) affirma que era natural da Villa de Sines na Comarca do Campo de Ourique , de que era tambem Senhora , ficando esta Villa illustrada , por ser esfera de dous brilhantes Astros da Igreja Catholica , dando a hum o seu Oriente , e ao outro o seu Occaso ; e como se tem feito celebre por seus nobres predicados , faremos della huma breve descripção.

9 Ba-

(8) Pedro Galefino folh. 166.

(9) Tam. Sal. tom. 3.

(1) Plin. lib. 2. cap. 25.

(2) Monarch. Lusitan. part. 2. lib. 5. cap. 6.

9 Banha o dilatado Oceano a parte mais Occidental da Provincia do Alem-Tejo; que estende a sua costa desde o isthmo, ou península de Troya, que faz a barra, ou garganta da nobilissima, e populosa Villa de Sé-tuval, minha patria, até o Cabo de S. Vicente, ou Promontorio sacro, tão decantado dos antigos, como celebre neste Reino, por guardar em si tantos seculos occultas as milagrosas Reliquias do glorioso corpo do Martyr S. Vicente da mesma sorte, que estiverão encubertas ás do prodigioso S. Torpes em Sines. Corre a costa de Norte a Sul, e daquelle isthmo até o pequeno rio Odefeixas, que divide a mesma Provincia do Reino do Algarve, haverá vinte e cinco leguas, que se dilatão em prayas, bahias, rochedos, restingas, e cabos. No meyo desta mesma distancia está a antiga, e celebre Villa de Sines; que, ainda que não tenha muita antiguidade no seu foral, pois lhe foy dado por ElRey D. Manoel em o primeiro de Julho de 1512. com tudo pelo que os Historiadores a celebrão pela admiravel trasladação do corpo do bemaventurado S. Torpes, e inscrições antigas, que nella se achárão do tempo dos Ro-

manos, (3) tem mais de dous mil annos de sua fundação. Está bém assentada em lugar imminente ao mar, que fôrma huma bahia em semicirculo, que olha ao Sul, com bom fundo, onde podem ancorar todo o genero de embarcações abrigadas dos ventos, não sendo Sul, ou Sudoeste, que nesta parte descompõem muito os mares, levantando-os em formidaveis ondas. Mas nestas occasiões recolhem as embarcações de menos fundo em huma calheta, na qual estão seguras de todo o perigo, por estar guardada do recinto de huma muralha, a que chamão Rebelim. Tem esta Villa quasi trezentos vizinhos obrigados à freguezia Matriz, que he huma boa Igreja com Prior, e trez Beneficiados Curados, e Freires da Ordem de Sant-Iago. A pouca distancia está o Convento de Santo Antonio de Religiosos Franciscanos da Provincia dos Algarves.

10 Entre as Praças maritimas deste Reino he numerada esta Villa, que tem Governador, Tenente, Ajudante da Praça, e mais Officiaes competentes, com huma sufficiente guarnição de soldados Infantes, e Artilhei-

ros

(3) Refend. Antiq. lib. 4.

ros, todos pagos, e huma numerosa companhia de Auxiliares. He tambem da jurisdicção do seu Governador Villa-Nova de Mil-Fontes, que lhe fica distante cinco léguas com a sua fortaleza, e a da Ilha do Pessegueiro, ambas guarnecidas com soldados pagos, e artilheria. He defendida a Praça de Sines por hum grande Castello antigo, que para o mar tem dous baluartes guarnecidos de boa artilheria; e na ponta da bahia, que faz ao Occidente, está o Forte de nossa Senhora das Salas com artilheria toda de bronze, e de bom curso, que defende dos Corsarios as embarcações, que buscão o abrigo da mesma bahia. Hum tiro largo de canhão deste Forte para o Occidente, e em menor distancia da terra firme está huma Ilha, ou rochedo alto, a que chamão Perseveira, defronte de hum cabo, a que dá o seu nome, bem conhecido dos navegantes, pois ordinariamente a vem buscar para levarem mais certas, e seguras as suas derrotas. Toma esta Ilha, ou monstruoso penedo o seu nome do celebre marisco, a que chamão perseves, de que sempre está cuberta em tanta quantidade, que, quando o mar está com socego, por ser nesta

par-

parte tempestuoso , carregão finco , ou feis barcas delles , sem que fe experimente a menor falta.

111. Para o governo civil tem esta Villa hum Juiz de fóra , Vereadores , Juiz de Orfãos , com os Officiaes necessarios de Justiça , e Fazenda. Tributa-lhe o mar muito ; e excellente pescado ; e de verão he em tanta abundancia , que dá provimento à mayor parte do Alem-Tejo , contribuindo muito huma boa armação , que todos os annos lanção ao mar na mesma bahia , onde colhem tanta quantidade de peixe , que carregão muitas embarcações para varios portos deste Reino , e algumas vezes por muito o não aproveitão. Abunda extraordinariamente em vinhos , que por muitos valem tão pouco , que houve anno , em que o almude valeo a sincoenta reis , e sempre tem hum preço muito moderado , fazendo-se delle carregação para varias partes. Tem o trigo , que lhe basta ; e , quando lhe falta , he provida com abundancia das terras circumvizinhas , donde vem em muita copia , para se fazer remessa delle para Lisboa. He fecunda em milho ; cevada , centeyo , e legumes. Não tem muita fruta , mas he bem  
pro-



provida da que ha na Villa de Sant-Iago de Cacem , que lhe fica vizinha. Cria bastante copia de gado vacum , e numerosos rebanhos de ovelhas , o que faz haver excellentes carnes , especialmente de carneiro. He abundante de caça , sendo os coelhos , e lebres em huma extraordinaria quantidade. Contão-se no ambito da sua povoação sete fontes , cada huma com tanta abundancia de excellente agua , que qualquer dellas bastava para provimento de toda a Villa. O seu clima he muito benigno , e temperado , não se sentindo nella o calor , e frio com excessão , o que a faz ser tão salutifera , que ha nella poucas doenças , e communmente vivem os homens huma larga idade com robustez , e fortaleza.

12 Para esta Villa se passou Celerina a passar o resto da sua vida , como diz hum Author ; ( 4 ) póde ser que obrigada do amor da patria , que sempre esta teve hum yman , ou qualidade occulta , com que attrahe aòs seus naturaes com tanta força , que sempre fóra della estão como violentos. Hum Author moderno ( 5 ) diz que Celerina assistira na Cidade

(4) Cardoso. Agiolog. Lusit. 17. de Mayo.

(5) O Padre Francisco da Fonseca Evora glorios. 2. part. §. 346.

dade de Evora, onde com suas riquezas acudiria à sustentação não só do primeiro Bispo daquella Diecese, mas de todos os Ministros, e Sacerdotes, e que dera huma das salas do seu Palacio para os fieis se ajuntarem à celebração dos Divinos Mysterios, que o mesmo Santo Bispo consagrou em Igreja; e que por seu conselho se retirára para Sines, por fugir à cruel perseguição de Nero, que naquelle tempo andava mais acceza, fazendo os seus Legados, ou Governadores por imitallo nas tyrannias, que praticavão com os Christãos. Fosse este, ou aquelle o motivo, que obrigou a Celerina a este retiro, nelle viveo com mais quietação no espirito, exercitando nesta assistencia as acções mais Catholicas com eximia piedade, e religião, que forão para Deos tão agradaveis, que a encheo de sua Divina graça; e illustrada com huma luz superior, foy a sua vida hum modelo perfeito de virtudes na observancia dos preceitos Divinos, chegando a tão alto gráo de perfeição; que merecêrão do mesmo Senhor o escolhella, para depositar nas suas mãos o thesouro precioso do corpo do seu glorioso Martyr S. Torpes.

13 Depois que em Pifa a golpe de espada perdeu este illustre Santo a vida, ganhando a eterna, mettêrão os tyrannos seu sagrado corpo em huma barca velha, e rota com hum cão, e hum gallo, como fazião aos parricidas, para que desta sorte se perdesse a sua memoria, ou sepultado nas ondas do Mediterraneo, ou desprezado de todos aquelles, que lhe reconhecessem o delicto pela infamia do epitafio. Mas o Altissimo, que tinha posto a Torpes no livro dos seus escolhidos, e novamente lhe fazia Corte no Coro dos Martyres, quiz depois de morto izentar o seu corpo de todo o naufragio, assim como vivo o livrou prodigioso de todo o perigo. Mandou guiar a barca por hum Anjo, a quem obedientes os mares, e os golfos mais tempestuosos conduzirão felizmente pelo Mediterraneo, e Oceano, vindo a aportar por Divina determinação na foz da Junqueira junto à Villa de Sines. E para o mesmo Senhor dar a conhecer as veneradas Reliquias do seu triunfante Martyr, mandou tambem hum Anjo annunciallas a Celerina sua ferva, à qual appareceu em sonhos; admoestando-a que naquella praya acharia o corpo de hum Santo Martyr

## 82 *Exemplar da constancia dos Martyres*

chamado Torpes , que o recebesse com grande veneração , e lhe desse decen- te sepultura , promettendo-lhe da parte de Deos , que alcançaria , quanto pedisse , por esta catholica , e piedosa acção.

14 Ouvio Celerina o Anjo , que assim lhe fallava , e com ternissimas lagrymas de gosto deo as devidas graças àquelle supremo Senhor pela fazer digna por meyo daquelle Celestial Paranyño da especial mercê de depositar em suas mãos huma joya de tão inestimavel preço , como era o corpo do seu glorioso Martyr ; e ainda que com santa humildade se não julgava digna deste celestial favor , resignada na vontade Divina , e obediente ao preceito do Altissimo , entrou nesta santa obra ; e , para a executar com mayor decencia , ajuntou alguns Christãos , que preparados com jejuns , e mais actos Catholicos , descê- rão todos à praya a buscar o corpo do invicto Martyr , promettido na Divina revelação ; e buscando-o com o mayor cuidado , e devoção , o não achavão , querendo Deos assim ostentar-se mais milagroso , e dar à conhecer as altas virtudes de sua serva , e fortalecer com hum novo prodigio a fé daquelles novos Ca-  
tho-

tholicos , guiados por Celerina , para admirarem as maravilhas do Senhor.

15. Confuso estava aquelle Christão ajuntamento ; mas Celerina não defanimava , antes cheia de huma fé mais viva , rompendo os ares com ternissimos suspiros , e accrescentando as aguas com copiosas lagrymas , sem tirar os olhos do Ceo , onde tinha toda a sua esperanza , clamou , dizendo : „ Senhor Deos „ das virtudes , mostray agora vossas maravilhas , fazendo-nos dignos de merecermos ver „ o que ouvi da boca do vosto Anjo. „ Foy de tanto effeito esta breve oração , que ainda bem não estava acabada , quando , cantando o gallo annunciou o lugar , onde estava a barca , a qual achárão varada em terra com o truncado corpo do Santo Martyr , despedaçado de tormentos com a cabeça cortada , mas não separada do corpo (6) na companhia do cão , e do gallo , que lhe vierão fervendo de vigilantes sentinellas naquella perigosa , e dilatada navegação.

16. A incorruptibilidade do corpo , e a sua grande fragrancia certificava ser do Martyr de Christo , promettido na Divina reve-

L II

(6)-Brit. Monarch. Lusit. part. 2. liv. 5. cap. 6.

lação ; e Celerina , e mais fieis ; cheyos de Celestial gozo , e alegria , começaram a chorar de prazer , rendendo a Deos as devidas graças pela alta mercê de tão extraordinario favor , fortalecendo-os mais na Fé este milagre , e animando-os a darem constantes a vida por Christo , pois pagava este Divino Senhor aos seus Martyres não só com o premio da gloria merecido , mas na terra com as prodigiosas demonstrações do seu affecto. Tirado o sagrado corpo da barca , o envolveo Celerina em pannos muy finos , e com jubilos , e canticos foy conduzido ao lugar , onde foy sepultado , desapparecendo miraculosamente o cão , e gallo , como mostrando que já não era necessaria a sua assistencia , pois tinham entregue aquelle precioso thesouro , a quem Deos por sua alta providencia tinha enviado. Desta sorte expõe este milagroso successo as Actas do mesmo Santo , e os Authores mais antigos , que delle escreverão.

17 Foy esta admiravel trasladação do illustre Martyr S. Torpes a 17. de Mayo do anno 64. de Christo , em cujo dia chegou a aportar o seu corpo à praya da foz da Junqueira na Villa de Sines , passados dezoito dias do seu

seu martyrio, gastando este tempo desde a foz do rio Arno na Cidade de Pisa na Toscana, onde foy lançado ao mar, até chegar a este Reino, para ser enriquecido, e illustrado com tão nobre thesouro, cuja vinda se fez tão portentosa para a Igreja Catholica nossa Mãe, que, fazendo memoria a todos os Santos desta classe no dia do seu martyrio, a São Torpes a faz a 17. de Mayo, que foy o dia de sua trasladação, pois morreu por Christo a 29. de Abril. He este prodigioso Santo especial nesta commemoração, merecendo dous triunfos; pois sem a Igreja lhe tirar o dia do seu martyrio, lhe faz mais celebre o de sua trasladação. Assim o pondera o Martyrologio Romano, (7) e hum Authôr grave, (8) e outro o canta em hum distico, (9) o que serve de credito a Sines, de lustre a este Reino, e de mayor gloria a este grande Santo.

18 Ef

(7) Martyrol. Rom. a 17. de Mayo ibi: *Tandem martyrium suum decollatione completis tertio Kal. Maii; ejus tamen festivitas hac die recolitur ob sui corporis translationem.*

(8) Pedro Galefino no seu Martyrol. a 17. de Mayo ibi: *Hac tamen die translatio, qua ad Hispaniam admirabiliter eo ipso anno, quo martyrium obiit, facta est, celebratur.*

(9) Nicoláo Braucio fol. 227. ibi.

*Torpetis colitur proprio translatio festo,*

*Cujus apud Dominum mors pretiosa fuit.*

18 Esta portentosa trasladação referem alguns Authores (1) cheya de muitas circumstancias, dizendo que, depois que Celerina fora admoestada pelo Anjo, para receber o corpo do glorioso Martyr, não quizera saltar àquella reverente submissão, que devia ao seu Prelado; como tão boa filha da Igreja Catholica; communicando-lhe esse grande successo, para delle receber as advertencias necessárias, e saudaveis conselhos, para entrar com a mayor decencia, e acerto naquella acção, que o Senhor lhe tinha destinado, desejando que elle tivesse parte nestes gloriosos triunfos.

19 Era Prelado Diecesano S. Manços, ou Mansio, primeiro Bispo de Évora, Romano por nascimento, que ouvindo a grande fama, que corria pelo Mundo dos milagres; e vida do nosso Redemptor, partio para Judéa; e divinamente illustrado se lançou aos pés de Christo, reconhecendo-o por verdadeiro Deos, e homem, offerecendo-se para o seguir; e se affirma que foy hum dos setenta, que o mesmo Christo escolheo para seus discipulos; e que se achára presente a todos

(1) Cardos, Agiol. Lusit. 17. de Mayo com os Chronicões, que allega.



todos os Myfterios da fua Sagrada Paixão, Refurreição, e Ascensão, recebendo a graça do Espirito Santo juntamente com os Apoftolos, dos quaes foy mandado a estas partes do Occidente a prégar a Ley da Graça, fazendo feu assento na Cidade de Evora, que ainda se não tinha allumeado com a luz Evangelica. Fez grande fruto nas almas este primeiro Apoftolo Transtagano com zelo, e fervor, e na segunda perseguição da Igreja foy cruelmente atormentado por Validio, Governador da mesma Cidade, até finalmente receber a coroa do martyrio.

20 A este Santo Bispo dizem os mesmos Authores que Celerina dera logõ conta do successo da fua revelação, como a Prelado, e Mestre Espiritual, o qual dera infinitas graças a Deos, reconhecendo nesta egregia Matrona todas as virtudes necessarias, para merecer da Divina bondade este grande favor. Que viera logo a Sines este Santo Prelado, acompanhado de muitos Christãos, e que todos com Celerina forão à praya a buscar o corpo do triunfante Martyr, e que encontrando nella, o recebêrão com summa decencia, e veneração, ordenando-se que fosse logo sepul-

pultado no mesmo lugar, onde aportára; o que assim foy executado pelo Santo Bispo, ficando guardadas as suas sagradas Reliquias em decente tumulo de pedra, depois de serem ungidas por Celerina de balsamos aromaticos, descobrindo-se esta sepultura no anno de 1591.

21. Hum Authór moderno (2) falla de outra sorte, pois escreve que Celerina levára da barca o sagrado corpo para o Oratorio do seu Palacio; e que depois vindo de Evora S. Manços, o deixára collocado no mesmo oratorio em huma caixa preciosa, onde estivera depositado até passar para o novo Templo, que Celerina lhe edificára: noticia, que não concorda com a que dão deste prodigioso successo os Actos do mesmo Martyr, e dous Authores antigos, e Santos, (3) pois segurão que Celerina sepultára o sagrado corpo do nosso Santo; e que passada a perseguição de Nero, lhe construíra hum magestoso Templo sobre a sua sepultura. Não faltou quem escrevesse que a esta piedosa trasladação se achára tambem presente São Basileo II.

(2) O Padre Francisco da Fonseca Evor. Glorios. 2. part. §. 347.

(3) Os Santos Adon, e Beda nos seus Martyrol. a 17. de Mayo.

II. Arcebispo de Braga ; como nos diz hum Author , citando a outro. ( 4 ) A' vista destas encontradas opiniões seguirá o Leitor as que lhe parecerem mais provaveis ; que eu , sem impugnallas , sigo nesta parte o que crevêrão todos os Martyrologios , e Autho- res antigos , os quaes prefiro aos do seculo passado , que são sómente os que referem a assistencia destes Santos Prelados , cuja noticia tirarião dos Escritores , que naquelle tempo se reputavão verdadeiros , e presentemente se julgão menos seguros , como nos adverte hum Author moderno ( 5 ) com muitos , que allega.

22 : Aindá que o tumulto roubasse aos olhos de Celerina o corpo do inclyto Martyr , sempre ficou depositado no seu coração muito vivo para a lembrança , e veneração , dedicando-lhe o seu affecto os mayores obsequios. Passada a cruel perseguição de Nero , e quieto o Imperio na brève duração do governo de Galba , Otho , e Vitellio ; passou ao suave dominio de Vespasiano ; e fosse no tempo deste , ou daquelles Emperadores , satisfez Cele-  
M rina

( 4 ) Cardof. Agio'og. Lusit. no Comment. de 17. de Mayo.

( 5 ) O Mestre Fr. Jacintho Segura Norte Critico p.2. disc.6.9.1.4 e 5.

riua aos seus Catholicos defejos , deixando hum perpetuo padrao à memoria de tanto prodigio. Para o que, em gratificação do beneficio, que de Deos tinha recebido, e em obsequio do seu esclarecido Martyr ; mandou levantar no mesmo lugar , onde o santo cada-ver foy sepultado , hum sumptuoso Templo , no qual com Christã liberalidade gastou muita parte das suas immensas riquezas ; julgando que não podia empregallas melhor a sua piedade , que offerecendo-as a Deos na construcção deste santo edificio , para nelle ser louvado o seu Santissimo nome , e as Reliquias do seu illustre Martyr conhecidas , e veneradas , effeito daquelle Christianissimo affecto , com que toda se empregava em dar a Deos nos seus Santos o mais perfeito culto.

23 Foy este magestoso Templo consagrado por S. Mansos , como querem alguns Authores graves , ( 6 ) e dedicado ao nome do nosso Santo , sendo de huma extraordinaria magnificencia na custosa perfeição da sua fabrica ; pois a devota Fundadora , não perdoando

( 6 ) Apud Tamayum , & Boland. ad 17. Maii. *Cum postmodum Neronis sedaretur persecutionis procella, Celerina nobile Templum edificavit, quo absoluto, Sanctus Mansius Eborensis Episcopus basilicam S. Martyris nomini dedicavit.*

do a mayor despeza, foy o seu ornato o mais precioso; pois diz hum Author antigo; (7) que além de ser a Igreja muito grande, era de maravilhosa architectura, cercada toda de redes de admiravel perfeição, brilhando o ouro, e as pinturas em toda ella com a melhor idéa. Finalmente empregou a arte o ultimo primor do seu acerto; e a liberalidade toda a profusão no dispendio.

24 Referê o mesmo Author, que no dia, que esta grande obra foy acabada, e pagos todos os seus officiaes; que para ser perfeita lhe era necessaria esta circumstancia, mostrara Deos o quanto lhe era agradavel pelos repetidos prodigios, que obrou por intercessão do seu glorioso Martyr; porque estando alli muitos enfermos, orando ao corpo deste grande Santo, todos cobrarão saude perfeita; e os que estavam possessos pelo demonio, se virão tambem livres dos infernaes insultos, de que erão atormentados, ficando esta Igreja por dilatados seculos frequentada dos fieis com votos, e romarias pelos innumeraveis milagres, que Deos obrava por seu esclarecido Martyr.

M ii . . . 25. A

(7) Gerson no Flos SS. traduzido em Portuguez no tempo de El Rey. D. Manoel lib. 3. cap. 9.

25 A construcção deste grande edificio, que Celerina dedicou ao culto Divino, e à Religião Catholica, em obsequio do glorioso S. Torpes, nos devemos persuadir que foy o primeiro Templo de Europa, e segundo da Christandade, que se edificou expressamente para casa de Deos, e publico ajuntamento dos fieis. He proposição nova, e ainda de ninguem proferida, mas tem muitos fundamentos para a sua verosimilidade. Por quanto depois que o Filho de Deos deu fim ao antigo Testamento pelo cumprimento de todas as figuras, e a sua Morte, e Paixão à Redempção do genero humano, tendo principio a Ley da Graça, que os Apostolos, e discipulos de Christo annunciáráo pelo Universo, dando o nome de Igreja não sómente à Congregação Geral de todos os Christãos, mas também àquelle lugar particular, onde se ajuntavão para orar a Deos, e celebrar o Santo Sacrificio, instituido pelo mesmo Christo, não consta que os Catholicos nos primeiros seculos se atrevessem a edificar Igrejas publicas, que apparecessem aos olhos dos Gentios; e por esta causa dizião estes, que os Christãos até o tempo de Alexandre Severo, que flo-

receo

receo no terceiro seculo ; não tinham Templos , nem Altares , que parece o não negavam os mesmos Christãos ; dando a razão , como se vê em Tertulliano , e Minucio Felis.

26 A causa de não edificarem Igrejas destinadas logo para o publico culto do verdadeiro Deos foy o odio ; com que os Gentios , e Judeos começárão a perseguir todos os fieis , impedindo-lhes o publico exercicio da sua Religião. A primeira perseguição foy em Jerusalem , segundo Riccioli ; que movêrão os Judeos instigados de Saulo , dando ao Ceo o primeiro Martyr. A segunda foy a de Nero por edicto geral ; que principiou no martyrio de S. Torpes , e continuou com alguma interposição até o Imperio de Alexandre Severo , que subio ao throno no anno de 222. Favoreceo este aos Christãos ; mas até o seu tempo tão perseguidos , que occultamente fazião os seus ajuntamentos em casas particulares , que os Prelados destinavão para o serviço de Deos , e congregação dos fieis , benzendo-as com as ceremonias devidas , ficando servindo estas salas , ou lugares semelhantes , de Igrejas , mas não edificadas expressamente para publica adoração de Deos. Destas casas usou

São.

#### 94. *Exemplar. da constancia dos Martyres*

S. Pedro em Roma , destinando-as Igrejas , como foy a de seu discipulo o Senador Pudencio , e a de huma Senhora illustre chamada Euprepia , como o testificão as cartas do Papa Pio , e os Actos deste Senador citados pelo Cardeal Baronio.

27. A falta de Templõs publicos , e o quanto andava escondido o Divino culto ; o confirma o Breviario Romano a 9. de Novembro ( 8 ) na especial memoria ; que faz desta materia , declarando-nos que desde S. Pedro até S. Silvestre não tinham os Pontifices lugar certo por causa das perseguições , vendo-se obrigados a erigirem os Altares para celebrarem em casas particulares , nas grutas , e nos cemeterios , para occultarem os Divinos sacrificios aos mesmos perseguidores. Assim vemos hoje obrar com a mayor edificação aos nossos Missionarios nas partes Orientaes ; que , desempenhando o nome , que lhes derão de Apóstolos , são fiéis imitadores dos primeiros , que Christo mandou pelo Mundo , pois semelhando

(8) Brev. Rom. a 9. de Nov. liç. 6. ibi: *Nam cum à S. Petro usque ad Silvestrum propter persecutiones , Pontifices certo loco consistere non possent , quodcumque eos necessitas compulisset , sive in cryptas , sive in cœmeteria , sive in ades piorum , super illo altari ligneo ad arcæ similitudinem concavo sacra faciebant , &c.*



tês àquellas luzes da Igreja Catholica em-  
pregão o seu ardente zelo na conversão da ce-  
ga idolatria, não tendo lugar certo, como  
aquelles primeiros Pastores, levando consigo  
os Altares, nos quaes tem sido muitas ve-  
zes victimas do odio em sanguinolento sacrifi-  
cio.

28 Quando a perseguição da Igreja se  
moderava, tinham os Christãos daquelles pri-  
meiros tempos mais alguma liberdade; mas  
era tão coarctada, que não tinha exercicio a  
Religião Catholica, senão da mesma sorte,  
que hoje se pratica em Hollanda, e outros  
paizes do Norte: mas quando os tyrannos se  
movião contra a Igreja com a sua costumada  
crueldade, era preciso aos Catholicos escon-  
derem os Altares, por não serem profanados;  
como escreve S. Cypriano, que succedia no  
seu tempo na perseguição de Gallus: Costu-  
márão tambem os Christãos desde o tempo  
de Severo até o de Alexandre ter cemeterios,  
onde enterravão os mortos, como lemos no  
mesmo Tertulliano, e nestes lugares se ajun-  
tavão tambem a orar, e enterravão os Mar-  
tyres, e pela justa veneração, que tinham a  
estes santos corpos, depois que Constantino  
lhes

hes deo huma inteira liberdade , edificarão Igrejas nestes mesmos lugares , e deste costume se observa hoje não se consagrar Altar , sem nelle se collocar alguma Reliquia de Martyr , para o que fez a Igreja Catholica huma Ley no VII. Concilio Ecumenico , ou Geral.

29 O Cardeal Bona allega muitas provas , para mostrar que sempre os Christãos tiveram Igrejas , e nós , convindo com elle , assim o dizemos ; porque aquellas salas , ou outros lugares semelhantes , que nos primeiros seculos os Bispos destinayão para o serviço de Deos , e dos fiéis , pela cerimonia de alguma benção particular , erão verdadeiras Igrejas , mas não edificadas expressamente para o publico culto do Altissimo , como foy a de que tratamos ; pois pelo que se lê em todas as historias antigas , parece que os Christãos não levantárão Igrejas publicas até o tempo de Maximino , e só depois deste Emperador construírão Templos , pois vemos que S. Gregorio Thaumaturgo fez edificar huma Igreja em Neocesáréa , e se levantárão outras mais em varias partes ; mas até este tempo não havia mais , que oratorios em casas particulares , que servião de Igrejas , onde se celebravão

os Divinos Myſterios ; o que ſe colhe dos diversos nomes ; que os Chriſtãos daquelles primeiros ſeculos punhão a eſtes lugares , ſegundo os tempos , em que ſe podia mais , ou menos livremente exercer o culto , com que nelles ſe dedicavão a Deos. Chamavão a eſtes lugares , ou Igrejas *Tituli* ; *Domus oratoriae* , *Domínica* , *Memorie* , *Martyria* , *Concilia Martyrum* , *Concilia Sanctorum* , e ultimamente *Basilica*.

30 Para ſe ſaber a razão deſtes nomes he neceſſario advertir , que , quando alguma caſa ſe confiſcava , e paſſava ao dominio dos Emperadores Romanos , ſe punha na ſua frontaria o retrato do meſmo Emperador , ou tambem o ſeu nome eſcrito em grandes caracteres , e a eſte ſinal ſe chamava Titulo , e a eſta formalidade *Tituli impositio* , impoſição do titulo. Deſta ſorte o imitarão os Chriſtãos ; pois quando algum dava a ſua caſa para ſer conſagrada , paſſando de hum dominio particular para o publico ſerviço de Deos ; em lugar da imagem do Emperador ſe via a figura da Cruz , a que ſe chamava Titulo ; como aquelle , de que era imitação. Pelo decurſo do tempo perdêrão as Igrejas eſte nome de Ti-

tulo, ficando sómente reservado para as mais consideraveis de Roma, dando-se o serviço dellas aos Cardcacs. O nome de Oratorio, ou Casa de oração, *Domus oratorie*, parece que foy imposto por Christo Senhor nosso, quando disse: *Domus mea domus orationis vocabitur.* A minha casa se chamará casa de oração; e com effeito o designio dos Christãos foy sempre ajuntarem-se nestas casas para orar. Quanto ao nome *Dominica*, vem de *Dominus*, o Senhor; e assim em *Dominicum* se subentende *Templum*, ou *Habitaculum*, como se dissera Templo, ou casa do Senhor, e depois significou também o Santo Sacrificio da Missa, no qual se entende Sacramento, ou Sacrificio.

31 Os nomes de *Memoria*, *Martyria*, e *Concilia Martyrum* forão dados às Igrejas, quando os ficis as começárão a consagrar à memoria dos Martyres, e por esta causa forão chamadas *Martyria*, e *Concilia Martyrum*; porque estes se enterravão nas Igrejas, sendo estes lugares sagrados assemblea de muitos corpos de Martyres. Foy dado o nome de *Concilia Sanctorum* às Igrejas; porque nellas se ajuntavão os Christãos; que naquelle tem-

po se chamavão Santos, e neste sentido chamou Santo Ambrosio a hum Convento de Religiosos: *Concilium Virginitatis*. Pelo que respeito ao nome *Basilica*, vem, segundo alguns Authores, de que as casas dos Reys se chamavão *Basilicas*, julgando os fieis, que este nome era proprio; e mais bem applicado às casas consagradas ao Rey dos Reys; outros dizem que o nome de *Basilicas* não só foy dado aos Palacios Reaes, mas tambem àquellas casas, onde se determinavão os negocios publicos de justiça, fazenda, ou commercio; e como algumas destas casas forão dadas aos Christãos para nellas fazerem Igrejas, ficarão estas com o primeiro nome, que tinham, antes de se consagrarem ao verdadeiro Deos. Pela continuação dos tempos introduzio o uso chamarem-se *Basilicas* às Igrejas mais consideraveis pela sua grandeza, e magnificencia. Alguns modernos quizerão applicar os nomes de *Delubra*, e *Fana* aos Templos Catholicos, mas impropriamente; pois, como diz o Cardeal Baronio, estes nomes não convem mais, que aos edificios das fabulosas divindades.

32 Ainda que os fundamentos das razões propostas mostram que nos primeiros seculos

se não edificarão Igrejas expressamente para publica adoração de Deos, sendo só engrandecido, e adorado naquellas casas particulares, ou outros lugares, que se lhe dedicavão para este ministerio, com tudo nos vemos precisados a dizer pela authoridade de hum tão grande Santo, como S. João Chrystostomo, que a primeira Igreja da Christandade foy a de Antioquia chamada a Palea; ou Antiga, fundada pelas mãos dos Apostolos, a quem o mesmo Santo chama Mãe de todas as Igrejas. Como tambem nós persuadimos a dizer que a segunda Igreja da Christandade, e primeira de Europa foy, a que Celerina fez construir a S. Torpes na Villa de Sines, sendo sómente estas duas Igrejas, de que ha noticia, que se edificassem expressamente para culto de Deos no primeiro seculo da Igreja Catholica. Que Celerina levantasse esta Igreja, o dizem os seus vestigios, e o confirmão todos os Authores, que escrevêrão de S. Torpes, e desta inlyta Santa, continuada esta noticia no decurso de tantos seculos por muitos Escritores antigos doutos, e santos, como mais largamente mostraremos nos §§. 50. e 51. deste segundo Livro.

33 A razão, que haveria para se dissimular com Celerina no grande Templo, que levantou a S. Torpes, seria por ser edificado depois da grande perseguição de Nero, a quem succedeo Sergio Galba, M. Salvio Otho, Vitellio, Vespasiano, e Tito, não havendo no reinado destes cinco Emperadores aquelles cruezs edictos, com que Nero prohibia o exercicio da verdadeira Ley; e ainda que seus successores a não permittião, não derão lugar neste tempo as grandes perturbações do Imperio a se cuidar em huma materia, a que só se attendia por zelo da idolatria, e crueldade dos seus Monarcas; e como os dous primeiros, que succedêrão a Nero, tinham governado tantos annos a Lusitania, e respeitavão a Celerina pelo illustre do sangue; poder, e riquezas, pôde ser que pelo privilegio de Senhora dissimulassem com ella na construção daquelle santo edificio, e os Governadores, ou Legados da mesma Lusitania, se não atrevessem tambem a impedillo, não sendo difficil a Celerina ganhar a sua dissimulação com generosos donativos. E como tambem esta parte de Hespanha era tão afastada da Corte, e ainda o lugar do Templo tão escondido.

didô à mesma Lusitania , não faria esta obra tal ruido , que pudesse inquietar os animos daquelles politicos Romanos.

34. Estes , ou outros motivos , principalmente o zelo da Religião Catholica , animaria a Celerina a entrar em huma empreza tanto do agrado de Deos , permittindo o mesmo Senhor , que para se fazer , e acabar estivesse em mais fôcego a sua Igreja desde a morte de Nero , que foy no anno de 68. até o de 90. que foy o nono do Imperio de Domiciano , que renovou a mesma perseguição com as mais tyrannas leys contra os Catholicos , em cujo tempo alcançou Celerina o merecido premio de suas virtudes.

35. Alguns Authores , sem negarem a construcção do Templo (9) por Celerina ; pertendem tirar-lhe a primazia , querendo que a Virgem Santissima Senhora nossa , estando ainda na terra em carne mortal , lhe edificassem duas Igrejas , huma em Caragoça por

(9) Clericat. de Sacrificio Missæ decif. 12. num. 47. fol. 59. ibi: *Santam Martham anno Christi 41. erexisse Avenione Ecclesiam Deipare adhuc viventi , ac Sanctum Jacobum Apostolum Hispaniam ingressum adiisse Casaraugustam anno Christi 37. & Deipare apparitione dignatum in illa urbe erexisse , & consecrassse Ecclesiam Sanctissime Mariae Virginis del Pilar , scribit Frances de Eccles. Cathedr. c. 37. num. 117.*



Sant-Iago Mayor no anno 37. de Christo, outra em Avinhão de França por Santa Martha, irmã de Lazaro, no anno 41. Defendem os Francezes, e Castelhanos estas opiniões, mas os ultimos com mais jaçtancia, querendo que aquelle Templo seja o primeiro da Christandade, julgando por inimigos da gloria da sua nação todos os Escritores, que impugnaõ, ou duvidão esta pertendida primazia. Mas como ha fundamentos mais solidos para se dizer, que nem huma, nem outra Igreja forão as primeiras de Europa, que se edificassem expressamente para o culto de Deos, e que só foy a primeira, a que Celerina fez construir em Sines a S. Torpes, comprovarey esta nova proposição pelos escritos dos antigos Padres, continuados por Authores doutos, e santos, e provada pelas melhores pennas de huma, e outra nação, ficando vencidos com as suas proprias armas.

36 Quanto à opinião dos Francezes, he tradição das Igrejas de Provença, que Lazaro, resuscitado por Christo, veyo a Marselha com suas irmans Santa Maria Magdalena, e Santa Martha, acompanhadas de Maximino; que Lazaro foy Bispo de Marselha;  
e Ma-

e Maximino de Aix; que a Magdalena se retirou a hum deserto, e que Martha passou o resto da sua vida em hum lugar junto ao rio Rhodano, onde hoje está a Cidade de Tarasco. Mas os melhores Escritores desta Nação pertendem que esta tradição se não pôde sustentar; por quanto em os primeiros dez seculos da Igreja se teve por huma verdade constante, que Lazaro, Magdalena, e Martha morrêrão no Oriente. Santo Epifanio no quarto seculo, fallando de Lazaro, diz que vivêra trinta annos depois da sua resurreição; sem fallar da sua vinda a Provença, do seu Bispado, nem do seu martyrio, o que não teria ignorado, se esta viagem fosse verdadeira. Modesto, que no sétimo seculo era Patriarca de Jerusalemi, diz que a Magdalena padeceo martyrio em Efeso. O Emperador Leão VI, chamado o Filosofo; fez transportar as Reliquias de S. Lazaro de Citium, Cidade de Chypre, para Constantinopla, segundo o Menologio dos Gregos no anno de 886. Zonaras, e Cedreno relatão nas suas historias, que este Emperador edificou huma Igreja em honra de S. Lazaro, onde depositou as suas Reliquias transferidas de Chypre, e as de Santa Ma-

Maria Magdalena trazidas de Efeso. Muitos Authores Latinos concordão com os Gregos. S. Gregorio Turonense, fallando da Cidade de Efeso, diz que nella se conserva o corpo de Santa Maria Magdalena. Santo Wilibaldo, que visitou os Santos Lugares no anno de 745. vio naquella Cidade o tumulo desta Santa.

137 O Martyrologio Romano, que Adonseguiu, como tambem o de Beda, e Usuardo, não fallão de Maximino, nem da vinda de S. Lazaro, e suas irmans a Provença. Hum antigo Martyrologio de S. Lourenço de Bourges traz expressamente em Efeso a Santa Maria Magdalena a 22. de Julho. A estes Authores se devem ajuntar Claudio Mario Victor, que florescia no quinto seculo, Santo Euquerio Bispo de Leão, S. Cefario Arcebispo de Arles, S. Gregorio Turonense, e Santo Adon de Vienna, que todos não fallão nesta vinda a Provença, nem dos Bispados de Lazaro, e Maximino, como tambem Adon Abbade de Cluni, que em hum largo Sermaõ, e hum Hymno, que fez à Magdalena, não falla da sua vinda a Marselha, nem da sua retirada ao deserto. S. Gregorio Papa,

O

São

S. Pedro Damião, e S. Bernardô, que louvãõ esta Santa em dilatados elogios, não dizem cousa alguma da sua penitente vida no deserto de Provença. Finalmente desta forte impugnaõ os Escritores Francezes a supposta vinda de Lazaro com suas irmans a Provença; e aquelles, que sustentão a opiniãõ contraria, não dizem huma só palavra, em que Santa Martha edificassê huma Igreja em Avinhão, dedicada a nossa Senhora. Por cujas razões claramente se manifesta que esta fundação não tem genero algum de probabilidade, ainda entre os Francezes interessados na gloria da sua nação.

38 Pelo que respeita à opiniãõ dos Castelhanos, he tradiçãõ das Igrejas de Hespanha, que Sant-Iago Mayor foy nella o primeiro, que promulgou os Mysterios da Ley da Graça, e que em Caragoça edificára hum Templo a nossa Senhora do Pilar; sendo o primeiro da Christandade. Esta opiniãõ pretendem os mesmos Castelhanos fazer indisputavel; mas contra ella tem escrito muitos, e dõutissimos Authores, (1) mostrando que

Sant-

(1) Guilherme Rosseo, João Bosco, o Bispo Godense, Natal Alexandre, Elias du Pin, o Abbade Calmet, Tillemont, o Abbade Vaime, o Abbade de Comanville, e outros.

Sant-Iago não veyo, nem podia vir a Hespanha; e outros Escriitores dizem, que só nella fora o primeiro Ministro Euangelico o Apostolo S. Paulo, o qual significava que veyo a Hespanha, para onde depois forão mandados por elle, e por S. Pedro sete Bispos para destruirem a idolatria, e fundarem a Christandade, o que confirmão com as doutrinas dos antigos Padres, e Epistolas dos Papas. Entre ellas allegão a de S. Gregorio VII. (2) varão de grande santidade, e sabedoria, que escrevendo aos Reys de Castella D. Affonso, e D. Sancho, lhes diz, que elles não duvidavão tinham recebido os principios da Religião Catholica do Apostolo S. Paulo. Donde se infere, que, se Sant-Iago tivesse introduzido a Fé nesta Monarquia, não attribuiria o Santo Pontifice os principios da Igreja de Hespanha sómente a S. Paulo. Além desta Epistola allegão huma authoridade do Papa S. Clemente I. (3) o qual affirma que este Santo Apostolo chegou aos ultimos fins do Occidente, que para Roma, onde o Santo escreviã, são as

O ii

Hes-

(2) Liv. r. Regesti. Ep. 64.

(3) João Baptista Cotelario Bibliotheca dos PP fol. 148. e Christiano Lupino Escolio do liv. de Tertulliano de Præscript. fol. 577. ibi: ... *Totum mundum docens justitiam, & ad Occidentis terminum veniens, &c.*

Hespanhas, e especialmente o nosso Portugal. O que o mesmo Santo não ignorava por ter sido discipulo de S. Pedro, e pôde ser que do mesmo S. Paulo, dos quaes receberia a doutrina. S. Cyrillo Patriarca de Jerusaleem, e hum dos mais insignes Padres do segundo Concilio Geral, diz com expressão mais clara que S. Paulo levára, e estendêra a sua pregação até Hespanha. (4)

39 Dizem mais que Santo Isidoro Arcebispo de Sevilha, Doutor de Hespanha, e dos mais claros da Igreja no liv. 7. das suas Ethymologias declara que S. Paulo desde o Oriente até o Occaso prégou o Evangelho de Christo, e a todas as Gentes; e pouco depois, fallando de Sant-Iago, diz que era filho de Zebedeo o Irmão de João, que passada a Ascensão do Senhor fora morto por Herodes, sem declarar o progresso Euangelico deste Apostolo em Hespanha. E ainda que no livro *De ortu, & obitu Patrum* (que huns attribuem a este Author, e outros o negão) diga no cap. 71. que Sant-Iago prégou em Hespa-

(4) S. Cyrillo Catech. 17. fallando de S. Paulo ibi: *Ab Hierosolymis usque ad Illyricum disseminavit Evangelium, qui Regiam quaque urbem instruebat, & in Hispaniam usque promptitudinem predicationis extendit.*

panha, pouco depois se retracta no cap. 73. affirmando que S. Paulo prégou no Occidente, e em Hespanha, onde ninguem antes tinha prégado. No que se conforma com o mesmo S. Paulo, quando diz que elle prégou o Evangelho, onde Christo não tinha sido nomeado, por não edificar sobre fundamento alheyo. (5) No que claramente se manifesta, (dizem os Criticos) que S. Paulo foy o primeiro Apostolo de Hespanha, allegando para a confirmação da sua pregação ás authoridades de muitos, e gravíssimos Authores (6) todos Santos, os quaes não dizem cousa alguma da missão Euangélica de Sant-Iago na mesma Hespanha.

Para comprovarem que Sant-Iago não veyo a Hespanha, allegão entre varias authoridades dos antigos Padres a de hum Author, (7) que refere huma tradição, que attribue ao

(5) S. Paulo ad Rom. cap. 15. ibi: *Sic autem predicavi Evangelium hoc non ubi nominatus est Christus, ne super alienum fundamentum edificarem, sed sicut scriptum est.*

(6) S. Dorothéo, S. Hypolit. M. Santo Athanas. S. Cyrillo Patriarc. de Jerusal. Santo Epifan. São João Chrystofi. S. Sefion. S. Jeron. S. Gregor. Magn. o Veneravel Beda, Santo Adon de Vienna, Santo Isidor. Arc. de Sevilha, S. Thom. e o B. Theodoret. Bisp. de Syria, &c.

(7) Euseb. Césariens. liv. 5. cap. 18. ibi: *Ad hoc tanquam ex veterum traditione hæc refert. Dominus Apostolis suis præcepisse, ne intra duodecim annos Hierosolymis excederent.*

ao Santo Bispo, e M. Trafeas, acreditado por Polycrates Bispo de Efeso na Epistola ao Papa S. Victor; ou a Santo Apollonio tambem Martyr, que ambos florecerão no segundo seculo. A tradição, ou seja de hum, ou de outro Martyr, diz assim: ,, He tradição, ,, que recebi dos mais velhos, que o Senhor ,, mandou aos Apostolos não sahirem de Je- ,, rusalém dentro de doze annos, o que confir- ,, mado com hum grande Author, (8) que refere, que S. Pedro affirmára o mesmo, quando o Senhor dissera aos Apostolos: ,, Passados doze ,, annos sahi vós ao Mundo, para que ninguém ,, tenha a desculpa de dizer: Não ouvimos, ,, e como os Padres antigos da Igreja affirmem que no segundo anno do Imperio de Claudio sahirão os Apostolos das terras dos Judeos a pregar às nações Genticas; como lhes soy mandado, não entrando neste numero Sant-Iago Mayor, por haver dous annos, que tinha sido coroado com o martyrio por Herodes Agrippa, Rey de Judéa; segue-se por notoria consequencia, que Sant-Iago não podia vir a Hespanha a ser nella o primeiro annunciador da Ley

(8) S. Clemente Alexand. liv. 6. dos Estomas fol. 203. libi: *Propterea dicit Petrus Dominum dixisse Apostolis... Post duodecim annos egredimini in Mundum, ne quis dicat: Non audivimus, &c.*



Ley da Graça , corroborando mais estas authoridades com a de hum Eminentissimo (9) Author , que tratando da divisão dos Apostolos , e das terras dos Gentios ; onde forão prégar , diz que não affina a Sant-Iago Região , ou Provincia ; onde prégasse , por quanto he certo que foy morto por Herodes antes da partida dos Apostolos a prégar às Gentes.

41. Authorizão mais a parte negativa com a Epistola , que o Santo Pontifice Innocencio I. escreveu a Decencio Bispo de Eugubio , sendo consultado por elle sobre a fórma de celebrar os Officios Divinos , e Ritos dos Sacramentos. Nella diz o Santo Padre , que se não lia que outro algum Apostolo , senão São Pedro , instituisse os Ritos , e Disciplina Ecclesiastica em Hespanha , na qual se não achava que prégasse outro Apostolo. Pelo que inferem desta authoridade , que Sant-Iago não fundou a Igreja de Hespanha ; e tambem devem inferir , que nem São Paulo , porque o Santo Pontifice assenta que se não lia , que prégasse na mesma Hespanha Apostolo algum. Ponderão que hum tão sabio , e Santo Pontifice ;

(9) Card. Cæf. Barón. tom. 1. ibi: *De Jacobo autem nihil est, quod dicamus, quem, ut vidimus, ante professionem Apostolorum ad Gentes ab Herode Agrippa constat esse necatum.*

## 112. *Exemplar da constância dos Martyres*

fice, que merecêo gozar o glorioso titulo de Martyr nas historias da Igreja pelo firme da sua constancia, e heroico da sua fidelidade, não havia de negar desta sorte a prégação de Sant-Iago em Hespanha, se até o seu tempo se tivesse escrito, ou na mesma Hespanha houvesse alguma tradição dos progressos deste seu primeiro Apostolo, os quaes havião de ser manifestos, pois desde a morte de Christo até o tempo do mesmo Santo Pontifice tinhão passado pouco mais de trezentos annos, cujo decurso de tempo não era bastante para sepultar no esquecimento dos homens huma materia tão digna de escrever-se, ficando tão escura àquelles Christãos, que necessariamente havião de recêber esta noticia de seus pays, e avós; pör estarem tão proximõs àquelle successo.

42 A falta desta tradição em Hespanha, continuada até o undécimo século; he tão certa (dizem os Criticos;) como se prova da Epistola do Papa S. Gregorio VII. aos Reys Dom Affonso, e D. Sancho, e o testificação os Authores, que até este tempo escrevêrão, não se encontrando em Padre, ou Author antigo, que Sant-Iago viesse prégar a Hespanha, como

cómo se póde ver , correndo todas as suas obras , e ainda as dos mesmos Escretores Hespanhoes , como Paulo Orosio , Idacio , e Prudencio ; que escreverão no quarto , e quinto seculo. Não só até àquelle tempo se callou esta vinda do Apostolo Sant-Iago ; mas , depois de introduzida esta noticia , soy contradictada dos mesmos Castelhanos. Para prova desta contestação dizem que D. Garcia de Loaysa e Giron , sujeito dos mayores de Hespanha não só pelos muitos , e doutos escritos , com que a enriqueceo , mas pelas altas dignidades , que lhe forão conferidas , publicára nas suas obras no anno de 1593. hum documento , que descubrio no Arquivo da Igreja de Toledo , e se transcreveo no quinto Tomo dos Concilios , do qual consta que no Concilio Geral de Latrão do anno de 1215. em que presidio o Papa Innocencio III. allegou o Arcebispo de Compostella em Galiza a vinda de Sant-Iago a Hespanha , para defender a independencia da sua Igreja da de Toledo ; mas o Arcebispo desta Cidade D. Rodrigo Ximenes de Navarra negou formalmente com tão fortes razões , que lhas não pode contradictar ; e para que as suas expressões fossem

P

mais

mais bem entendidas naquelle congresso de diversas nações , repetio a dita impugnação em varios idiomas , em que se mostrou tão universal , que ajuizarão os Padres do Concilio , como dizem alguns Authores , ( 1 ) que desde o tempo dos Apostolos ninguem tinha sabido tantas linguas.

43 Discorrem os mesmos Criticos , que este douto Prelado , e sabio Historiador , que com tanta reputação illustrou a Hespanha com a sua Chronica , na qual não falla na vinda de Sant-Iago ; não havia de querer tirar esta gloria à sua nação , se achasse fundamento para estabelecer a opinião ; que resutava , convindo com elle o Cardeal Cesar Baronio , doutissimo Annalista , e famoso Escriitor , ( 2 ) que , sem embargo de a ter sustentado por parte dos mesmos Castelhanos nas Actas ao Martyrologio Romano ; sendo depois convencido por muitas razões solidas , fundadas nas Epistolas dos Papas , e nos testemunhos de muitos Authores celebres , mudou de sentimento nos seus

An-

( 1 ) Estevão de Garibay tom. 2. liv. 12. c. 38. fol. 750. Gil Gonçalves d' Avila Theatr. Eccl. da Igreja de Olma fol. 32. Albert. Mir. ibi: *Ut miraculi instar Patribus esset tantam Hispanum hominem linguarum facultatem assecutam esse , quantam ab Apostolorum etate ulli homini negabant contigisse.*

( 2 ) Baron. tom. 9. ad ann. 816. fol. 463. num. 57.

Annaes, desapprovando a mesma opinião. As muitas razões, que ha para contradizella, se podem ver em hum Author moderno, e douto; (3) e a nossa Illustrissima, e Real Academia, approvando a materia, deo lugar à disputa, onde se tem questionado problematizadamente, como se póde ver nas bem appareadas pennas, que defendêrão huma, e outra parte. (4)

44. De varões tão doutos, e a todas as luzes grandes, que tem escrito sobre esta materia, pudemos tirar fortissimos arguimentos, e authoridades, para mostrar com evidencia, que Sant-Iago não prégou em Hespanha: mas a nossa tenção não foy, nem he, nem será nunca negar a vinda deste Santo Apostolo; expuzemos sómente algumas duvidas, que ha sobre a sua missão Evangelica nesta mais occidental parte da Europa, para mostrar, que, quando seguíssemos a negativa, a que nunca se inclinou o nosso entendimen-

P ii to,

(3) O Mestre Fr. Miguel de Santa Maria, *Dissertatio Historica de primo, potius unico Evangelii Predicatore in Lusitania nostra, etaque Hispania*. O mesmo Author na segunda 'Dissertação', que fez ao mesmo assumpto, que intitula: Voz da verdade.

(4) O mesmo Fr. Miguel de Santa Maria, o Padre D. Jeronymo Contador de Argote Cl. R. Dissertação da vinda de Sant-Iago a Hespanha, e o Padre D. Manoel Caetan. de Sousa Cl. R. *De expeditione S. Jacobi Apostoli in Hispaniam*.

to, ou a nossa piedade ; tinhamos provado a proposição , pois he certo que sem causa não podia haver effeito ; mas suppondo a affirmativa , e concedendo por verdadeira a vinda de Sant-Iago a Hespanha ; não temos prova concludente , por onde possamos julgar que o Santo fez edificar em Caragoça aquelle Templo a nossa Senhora do Pilar , antes o contrario se verifica pelo que affirmão os mais apaixonados pela vinda deste grande Apostolo ; porque se todos , ou quasi todos , que a defendem , dizem que Sant-Iago não attrahio à escola da verdade , que ensinou em Hespanha , mais que sete , ou nove discipulos , (5) como podia sómente com elles levantar hum público Templo em huma Cidade , cuja grandeza era igual ao seu nome , e no meyo de huma Monarquia tão opulenta , e zelosa da idolatria , como o mostrou nós muitos Martyres , que deo à Igreja no primeiro seculo ? Não se faz verosimil que se permittisse a tão pequeno numero de hoimens huma acção tão offensiva da Religião dominante daquelle tempo ; pois com as mesmas pedras , que arrancassem para o edificio , seria castigada a sua

OU-

(5) Monarch. Lusitan. part. 2. cap. 3. com muitos , que allega.

ousadia. Hum Author, que mostra no fino da sua penna o agudo do seu discurso, diz (6) que a edificação deste Templo por Sant-Iago mais se afasta da verdade, que a pretendida prégação do mesmo Apostolo. Os Authores antigos, e estrangeiros, e ainda quasi todos, que abonão a vinda de Sant-Iago a Hespanha, não dizem couza alguma da construcção deste Templo; só alguns Castelhanos lhe dão esta primazia sem mais fundamento, que huma tradição popular.

45 Hum dos mayores engenhos de Hespanha do seculo presente, e dos mais superiores talentos de Europa, como o mostram os seus escritos pelo ameno, claro, discreto, douto, e eloquente, que venerado dos estrangeiros por grande, o fez mayor a opposição dos seus proprios nacionaes, (7) (pois entendendo que lhe eclypsavão as luzes lhe derão com a opposição mayores resplandores) fallando do Templo de Caragoça no discurso das glorias de Hespanha, diz que nos primeiros

(6) O Mestre Fr. Miguel de Santa Maria na differtação Latina contra a vinda de Sant-Iago a Hespanha §. 3. in fine ibi: *Quod dicitur de Sacello Casarugustano Sanctæ Mariæ V. de Columna, magis adhuc recedit: à veritate, quàm præterita Jacobi prædicatio.*

(7) O Reverendissimo Padre Mestre Fr. Bento Jeronymo Feijó no seu Theatro Critic. tom. 4. disc. 13. §. 12. num. 46.

ros trez seculos da Igreja não tiverão os Christãos Templos publicos, mas que em Hespanha se conservára o de nossa Senhora do Pilar, segundo a piedosa tradição, não na parte mais occulta da mesma Hespanha, mas no meyo della naquella insigne Cidade; e ainda que os Estrangeiros se oppõem a esta tradição, por não parecer verosimil, que, governando os idolatras Romanos, permittissem aquelle publico monumento do culto Catholico, o mais, que isto provava, era que o Templo, e Imagem não podião subsistir sem especial protecção do Ceo. Este grande Escritor, que achou na sua vasta erudição, e noticias as mais concludentes razões, para impugnar os dictames mais vulgarmente recebidos, com quanta mayor razão provaria o verdadeiro, quem tão bem sabe certificar o duvidoso? He certo que este grande Hespanhol, dotado de luzes, com que fez brilhar o mais escuro, havia de comprovar esta tradição com documentos antigos, se os pudesse descobrir; pois quando escrevia das glorias da sua nação, não havia de deixar esta tão duvidosa, se achasse fundamento para a estabelecer. Elle mesmo julga que estas tradições

popu-



populares não tem fundamento algum, quando não são authorizadas por instrumento antigo; e para darmos melhor idéa do seu conceito, he preciso que transcrevamos o que diz no mesmo discurso 13. §. 20. num. 72. ibi:

46 „ Todos debemos convenir en que las  
„ tradiciones populares; destituidas del apoyo  
„ de instrumentos antiguos, son generalmente  
„ muy falibles. Mil veces me hé explicado  
„ sobre esta materia. El transcurso de un si-  
„ glo solo basta a propagar la ficcion, ò ilu-  
„ sion de un individuo de modo, que se haga  
„ voz de todo un pueblo. De la voz del pue-  
„ blo passa el error a la pluma, yà deste, yà  
„ de aquel Escritor mienos advertido. Puesto  
„ en este estado, si en el se interessa la vani-  
„ dad del publico, yà no ay contradiccion,  
„ que le constraсте. Son muy pocos, talvez  
„ ninguno, los que se atreven a impugnarle,  
„ y contra essos pocos luego se haze un gran  
„ ruido, que les suffoca la voz, con aquel  
„ argumento sumamente poderoso con el vul-  
„ go, de que es temeridad oponerse à la  
„ opinion comun; y será imprudencia creer  
„ antes esses pocos, que à los innumerables,  
„ que estan por la sentencia oppuesta, mayor-  
„ „ men-

„mente que entonces se pondera gravemente  
 „la sabedoria destes , y se defacredita , quan-  
 „to se puede la de aquellos. Si se haze juy-  
 „zio , que la tradicion presta algun fomento  
 „à la piedad , yà no solo es empresa defes-  
 „perada combatirla , mas sumamente peligro-  
 „sa el que la intenta. Exclama-se contra el  
 „combatiente , fingiendole , ò apprehendien-  
 „dole enemigo , por lo nienos occulto de la  
 „Religion. Arma-se tan furiosamente el ze-  
 „lo , como se viesse poner fuego al santuario.  
 „Con que al más osado se le haze abandonar  
 „un intento , en que no vee otro exito , que la  
 „ruina de su fortuna , y perdida de su fama. „  
 „E no n. 73. „Quando no obstante haya ar-  
 „gumentos eficazes contra las opiniones re-  
 „cebidas , confidero indispensablemente obli-  
 „gados los Escritores a batallar por la ver-  
 „dad , y purgar el pueblo de su error. Para  
 „que se escribe la Historia , ò como se pue-  
 „de escribir bien , sin apartar las fabulas de  
 „las realidades? &c. „

47 Assim discorre este sabio Author so-  
 bre as tradições ; a que faltão monumentos ,  
 que as qualifiquem , como elle diz no num.  
 seguinte , que succede à mayor parte dos da  
 sua

fuã nação ; e como na do Templo de Caragoça lhe faltem documentos antigos , que o abonem , por esta causa , callando este erudito Eſcritor a sua edificação por Sant-Iago , ſuppõe ſómente por milagroſa a sua continuada existencia nos primeiros ſeculos. Recorreõ a milagre , por não perturbar o povo da sua poſſe ; porque de mover ſemelhantes queſtões , ( continúa elle ) ſe não colhe outro fruto , que diſſenſões na Republica litteraria , e diſtérrios contra quem empredeo a guerra. Ultimamente neſtas materias busca o prudente meyo de callar o ſeu conceito , como aſſim diſcretamente o declarã no meſmo num. ibi :  
„ Quando yo por más tortura , que dê al diſ-  
„ curſo , no pueda paſſar de una prudente du-  
„ da , me la guardaré depõſitada en la men-  
„ te , y dexaré al pueblo en todas aquellas  
„ opiniõnes , que õ entretiene ſu vanidad , õ  
„ fomenta ſu devocion. „

48. Bem ſe reconhece neſte pouco , e em todãs as mais obras deſte grande Author o quanto juſtamente despreza as tradições populares , deſpidas de fundamentos , como he a da fundação do Templo de Caragoça por Sant-Iago , e a sua existencia nos primeiros

Q

trez

trez seculos. Veja-se o que diz este sabio Escritor sobre as tradições populares no discurso, que dellas fez no seu 5. Tomo. Esta mesma tradição se fez já pouco attendida de hum douto Castelhana, grande defensor da sua nação (8) Falla este grande Historiador da vida de Sant-Iago, e Templo, que fez edificar em Caragoça; e diz que assim o julga aquella gente, como cousa recebida de seus antepassados; mas que elle se não quer metter a alterar opiniões semelhantes; concluindo o capitulo com estas palavras: „ La antigüedad destas cosas, y de otras semejantes, „ junto con la falta de libros, haze que no nos „ podamos allegar con seguridad a ninguna de „ estas opiniones, ni averigiar con certidumbre la verdad. Quedará al Lector libre el „ juyzio en esta parte. „

49 E se hum Author de tão grande nota, e summa verdade, que por ella grangeou o desafecto dos seus nacionaes, como diz hum dou-

(8) O Padre João de Mariana. *Histor. Geral de Hespanha tom. 1. lib. 4. cap. 2. ibi: Publicó la nueva luz del Evangelio (falla de Sant-Iago) primero en Zaragoza, donde por su admonestacion se edificó un Templo con advocacion de la Virgen Sagrada, que oy se dice del Pilar: assi lo tiene comumentè aquella gente, como cosa recebida de sus antepassados, y venida de unos a otros de mano en mano. Nosotros no tenemos proposito de alterar opiniones semejantes.*

doutissimo Moderno , (9) desta sortê falla , sendo Castelhana , mostrando o quantô o seu conceito seguia a parte contraria pelos poucos fundamentos destas tradições , que dirá agora hum Portuguez tambem amante da verdade , que a tem achado , não em vulgares tradições , mas nos antigos monumentos dos mais veridicos Escretores ? A fundação do Templo em C,aragoça por Sant-Iago não he apadrinhada mais ; que tão sómente por alguns Authores Hespanhoes , que a descobrirão em si proprios nos fundamentos da sua imaginação: A construcção do Templo por Celerina não he imaginada pelos Portuguezes ; mas certificada pelos testemunhos de muitos Authores santos , doutos , e dos mais antigos , merecedores do mayor credito. Esta mesma construcção he tambem certificada pelos mesmos Castelhanos , e nunca foy impugnada. A do Templo em C,aragoça , além dos muitos fundamentos , que ha para se duvidar , por si propria

Q ii

pria

(9) O Reverendissimo Feijó Theat. Crit. tom. 4. disc. 8. §. 10. num. 28. fol. 179. ibi: *Fue aquel docto Jesuita (falla do P. Mariana) muy amante de la verdad , tomola por blanco de su historia. Pero el no ser parcial , que es en un Historiador la mayor gloria , lo torcieron , y tuercen aun muchos nacionales para la ignominia. Calumniantle de desaffecto a su Patria , como si el ser affecto dependiera de ser adulador , ó mentiroso , &c. Veja-se no mesmo tomo , e disc. o §. 44. num. 102. fol. 221.*

pria está contradictada ; mas pondo de parte as razões concludentes , com que se impugna a mesma tradição , quero convir com aquelles , que a asseverão , e defendem , e conformar-me com a sexta lição do Officio da Dedicção da Igreja de C,aragoça , ( 10 ) para mostrar que não póde esta ter a primazia de Templo publico na Europa , e que só se deve dar ao de S. Torpes em Sines. Para o que he necessario substancialmente construir aqui a mesma lição , sem embargo de ir marginalmente escrita. Diz esta : „ Que he da pia , e  
 „ antiga tradição , que o Apostolo Sant-Iago  
 „ Mayor ; vindo a Hespanha , e estando na  
 „ Cidade de C,aragoça , a V. M. S. N. lhe  
 „ fez o beneficio de se lhe manifestar , estando  
 „ elle de noite orando com seus discipulos jun-  
 „ to do rio Ebro , e lhe ordenou que lhe fizes-  
 „ se huma Ermida , por cuja causa , não se de-  
 „ ten-

( 10 ) Sexta lição do Officio da Dedicção da Basílica CesarAugust. ibi : *Uti enim pia , & antiqua traditio habet , cum Jacobus Apostolus Maior nuncupatus Divino consilio in Hispaniam appulisset , & aliquandiu CesarAuguste substitisset , ibi à B. Virgine Maria insigni beneficio dignatus est. Ipsi namque , ut itidem perhibetur , cum aliquot discipulis noctu ad Iberi fluminis ripam oranti Deipara , adhuc in humanis agens , apparuit , eique injunxit , ut sacellum extrueret. Quare nihil cunctatus Apostulus , discipulis opem ferentibus , Ædiculam Deo in ejusdem Virginis honorem dedicavit. Procedentibus autem seculis augustior accessit Ecclesia , ejus Dedicatio , &c.*

„ tendo o Apóstolo , e ajudado de seus discipulos , dedicou huma casinha , ou oratorio „ em honra da mesma Virgem ; porèm que passados seculos , passou a ser Igreja mayor , &c. „ He o que diz a lição , pela qual se manifesta que a antiga tradição dos Castelhanos não he de que o Santo Apóstolo edificasse hum publico Templo à Virgem Santissima , como fez Santa Celerina a S. Torpes na sua sepultura ; porque a palavra *Ædícula* , de que usa a mesma lição , tomada em todo o rigor , não quer dizer Templo , isto he , Igreja publica , senão huma casinha , ou oratorio particular ; dedicado a Deos , e a sua Santissima Mãe por Sant-Iago Mayor sem figura , ou exterioridade de Templo publico ; o que ainda se não permittia aos Christãos pela superstição do Gentilismo , e só depois da conversão do Imperador Constantino tiverão huma inteira liberdade para edificarem Igrejas publicas , como se vê no Breviario Romano na quinta lição do dia 9. de Novembro ; e pela faculdade Imperial he que se erigiria em Templo aquella casinha , ou oratorio particular ; que o Apóstolo tinha consagrado à Mãe de Deos ; quando já em Sines existia o Templo de São  
Tor-

Torpes , edificado por Santa Celerina tantos annos antes da publica erecção do de C aragoça , quantos vão da morte de Nero até o governo de Constantino , em que quando muito se daria principio ao publico edificio da Igreja de nossa Senhora do Pilar em C,aragoça pelos fieis daquela Cidade.

51 Entendida por este modo a palavra *Ædicula* (a qual rigorosamente não significá Templo , e muito menos o podia significar com a qualidade de publico no tempo dos Apostolos , a que se refere ) itão longe está de encontrar ser o Templo de S. Torpes em Sinnes o primeiro , que na Europa se edificou expressamente para publico culto de Deos , que antes mais se corrobora , e confirma ; porque se o Santo Apostolo , como diz a lição , dedicou aquella casinha à Virgem Santissima , fez mais que o tempo permittia , que foy occultamente consagrar aquella *Ædicula* , que não era , nem podia ser (ao que parece ) Templo publico , como se manifesta. Pelo que se está conhecendo por todos os motivos o errado conceito da pretendida primazia , que os Castelhanos intentão dar á sua Igreja de nossa Senhora do Pilar de C,aragoça , ficando convencidos



dos com os seus mais estimaveis documentos. Finalmente nem no antiquissimo Martyrologio Romano, nem no que accrescentou Ufuardo, nem em outro, que se dissesse Romano, se lê, que Sant-Iago viesse a Hespanha, e fundasse nella aquelle Templo a nossa Senhora do Pilar. Para o que venhão a este certame os antigos Martyrologistas, e Authores mais famosos, independentes de Portugal, e Castella, para que sem affecto mais, que a verdade, digão os seus sentimentos sobre a verdadeira construcção destes dous Templos. O Santo Beda Inglez de nação, chamado por singular excellencia o Veneravel, Varão de huma grande sabedoria, e copiosa erudição, que escreveu ha 1040. annos, nos declara (1) que Celerina, depois da perseguição de Nero, fizera edificar hum Templo a S. Torpes; e fallando de Sant-Iago no seu proprio dia; (2) não diz que fundasse em Caragoça aquelle Templo. Santo Adon Arcebispo de Viena Francez, Author de grande veneração, que compoz ha 880. annos, fallando de Sant-Iago no seu dia, (3) nos diz que não veyo a Hes-

(1) No seu Martyrolog. a 17. de Mayo.

(2) No mesmo Martyrol. a 5. de Junho.

(3) No seu Martyrol. a 25. de Julho.

a Hespanha mais , que o seu sagrado corpo , callando a sua prégaação , e Templo ; mas de Celerina expressamente nos declara que levantára a S. Torpes hum Templo de admiravel obra em a sua sepultura. (4) Ufuardo tambem Francez , que escreveu ha 900. annos , diz o mesmo , (5) como tambem Rabânno Mauro , Magnensio , Bispo de Mogúncia , (6) acreditado pelo Cardeal Barónio , que compoz ha 920. annos. Da mesma sorte escreveu Pedro Galesino de Milão (7) na nova addição , que fez ao Martyrologio Romano , que dedicou ao Papa Gregorio XIII. ha 160. annos. Pedro de Natalibus , (8) Bispo de Jesolo Italiano , certifica tambem o Templo , construido a S. Torpes por Celerina , cujo Author escreveu ha 350. annos. Com elle concorda João Gerson (9) Francez , Cancellario de Pariz , que compoz ha perto de 400. annos , Antonio Bossio de Milão (1) ha 170. annos , e da mesma Cidade Bonino Mombri-

cio ,

(4) No mesmo Martyrol. a 17. de Mayo.

(5) Ufuard. in Martyrol.

(6) No seu Martyrol. a 29. de Abril.

(7) A 17. de Mayo.

(8) Liv. 5. de SS. a 17. de Mayo.

(9) No Flos Sanct. traduzido em Portuguez liv. 3. fol. 2.

(1) In Roma Subterranea fol. 8.

cio, (2) que escreveu ha 300. annos. Luiz Lyppomano, Veneziano, Bispo de Verona e depois de Bergamo, Embaixador, que foy neste Reino, Nuncio em Alemanha, e Polonia, e Secretario do Papa Paulo IV. sujeito de grandes letras, e crudição, (3) que compoz ha 200. annos. João Baptista Mascullo da Companhia de Jesus (4) Napolitano ha 120. annos, e outros Authores estrangeiros de acreditada verdade, que assim o certificação. (5)

52 Todos estes Escriitores, e outros muitos, que não repito, por não fazer fastidiosa tanta allegação, dizem a vinda de S. Torpes a este Reino, a invenção de seu sagrado corpo por Celerina, e a construcção do seu Templo; de que ainda se venerão os vestigios. Não allego Authores Portuguezes, porque se farião suspeitosos, nem os Chronicões de Dextro, Juliano, e Luitprando, por estarem julgados por apochrifos pelos Criticos modernos,

R

que

(2) De Sanctis tom. 2. fol. 357.

(3) Nas vidas dos SS. a 17. de Mayo.

(4) In Encomiis Sanctor. 17. Maii end. 159. fol. 217.

(5) Belev. in Spec. histor. tom. 4. liv. 9. cap. 56. Guiltherm. Ensegr. de Martyrib. Ital. cent. 1. part. 5. distinc. 1. e part. 7. dist. 4. Mucio Justinopol. Hist. Sac. liv. 1. c. 58. Fast. Marian. h. d. fol. 252. Nadaf. in Ann. cœlest. h. d. fol. 219.

que lhe não faltão defensores. (6) A veneração, com que se deve respeitar a antiguidade, e virtudes de tão doutos Historiadores, independentes de Hespanha, dá huma grande prova para a certeza do Templo de S. Torres em Sines; pois nas materias historicas tem authoridade, como de Santos Padres, os Authores antigos, como adverte hum grande Escriitor, (7) pelo contrario o de nossa Senhora do Pilar em Caragoça; pois nem Author antigo, ou estrangeiro falla da sua edificação por Sant-Iago huma só palavra, antes formalmente a negão pelas authoridades, e fundamentos expêndidos; e ainda os proprios Castelhanos, unicos defensores da sua tradição; huns a negão, outros a duvidão, outros finalmente se callão. A' vista das razões propostas, e de tão authorizados testemunhos julguem os independentes, sem affecto a huma, e outra nação mais que à verdade, se na duvidosa edificação do Templo por Sant-Iago,

(6) Fr. Greg. Arg. Instr. histor. n. 12. fol. 4. D. Martin Carriho nos Annaes, e memorias Chronologicas de Hespanha D. Anton. Cald. Arcebispo eleito de Granada nas excellencias, e vinda de Sant Iago a Hespanha. Fr. Thomaz Herrera Alfabet. Augustin. D. Thomaz Tamayo de Varg. Chronist. de Indias. Dom Rodrigo Caro, e Fr. Jeron. da Conceiç. na Hist. de Cadis D. Narc. Fel. de la Pena nos Ann. de Catal. tom. 1.

(7) O Bispo D. Fr. Melchior Cano liv. II. cap. 6. fol. 377.

go, e na certeza indubitavel do que construiu Celerina, qual destas duas fundações se faz mais verosimil? Parece que por todos os titulos deve ser mais acreditada, e consequentemente ter a primazia, a que se dedicou a S. Torpes. Se assim o julgar o prudente juizo dos doutos, ficarey com o desvanecimento de acertar o meu discurso em descobrir huma nova gloria para o nosso Reino, que nas ruinas daquelle magnifico Templo estava sepultada.

53 Deste nobre, e santo edificio não ha hoje mais que alguns vestigios, que conservão a memoria do lugar, onde foy edificado, conhecendo-se a parte, em que se levantou o mais glorioso, e Catholico padrão a este Reino, que o tempo gastou, e consumio; e se Roma, cabeça do Mundo Christão, respeita presentemente com a mayor devoção por primeiro hospicio, e Templo da Curia Romana o lugar, que o Principe dos Apostolos São Pedro consagrou em Igreja nas casas daquelle Catholico Senador seu discipulo, com quanta mayor razão deviamos venerar a memoria daquelle sitio, que teve a primazia de dar à Europa o primeiro; e publico Templo, que ex-

pressamente se edificou para gloria, e adoração do verdadeiro Deos, exaltação de seu Santissimo nome, e deposito memoravel do seu inclyto Martyr, vendo-se hoje esquecidas humas memorias, tão dignas de se respeitar na posteridade?

54 Este famoso Templo, que Celerina dedicou ao nome de S. Torpes, e dotou com muitas, e grandes herdades para conservação do seu culto, foy hum perpetuo monumento da sua piedade, e religião, cuja heroica acção foy premiada com a mayor felicidade, grangeando-lhe o Santo Martyr do Omnipotente Senhor a mesma Coroa, que elle lograva no Ceo, e ella com admiravel constancia conseguiu na terra. Viveo esta virtuosa Lusitana o resto do tempo, que se demorou este glorioso premio, no seu Palacio, que tinha junto ao mesmo Templo, sem lhe impedirem o culto, que lhe era devido, servindo de vigilante sentinella, e guarda àquellas sagradas reliquias, que os primeiros Christãos daquelles tempos buscavão com a mayor veneração, e affecto, achando na intercessão do inclyto Martyr remedio nas suas enfermidades, e trabalhos. Dava lugar a esta publica,  
e pie-

è piedosa devoção não se ter continuado na Igreja Catholica a cruel perseguição de Nero, e estar moderada no governo de Tito; e Vespasiano; mas perturbou-se esta quietação depois que Domiciano subio ao throno Imperial, declarando aos Christãos a terceira perseguição com o mayor terror, e tyrannia.

55 Erão manifestas a toda a Hespanha às grandes virtudes, com que Celerina resplandecia em todas as acções Catholicas, que obra-va, inflammando-se aquelle coração no amor Divino; e na ardente caridade de soccorrer os pobres, e necessitados, e nas mais piedosas demonstrações da sua Christandade. Satisfizerão os Ministros de Domiciano aos seus crueis Decretos, e o Legado da Lusitania, cubrindo com a capa do zelo da Religião, e serviço do seu Monarca a desordenada cobiça das immensas riquezas de Celerina, procedeo contra ella por transgressora das leys do Imperio, persuadindo-a à adoração de falsas Divindades, e a ahjurar a Ley de Christo, que professava; mas como a achasse constantè na fé, offerecendo a vida pelo mesmo Christo, a privou della com deshumana crueldade, fazendo-a insigne Martyr. Ditoso delicto, que tem

tem por ultima penã o melhor prêmio , pois por meyo deste castigo subio aquella bemaventurada alma a ser laureada com o mesmo diadema , que alguns annos antes tinha merecido em Pisa aquelle Santo , cujas Reliquias tinha Deos miraculosamente depositado nas mãos desta egregia Matrona , que agora passava triunfante a colher no Sagrado Olympo as palmas da victoria , merecendo a coroa , e gloria de Santa , e como tal de todos venerada.

56 O anno do feliz transito desta gloriosa Santa ignoramos pelo não trazerem os Authores , que della escrevem ; antes diversificando no tempo do seu martyrio , dizem huus (8) que padecéo no Imperio de Néro ; outros (9) no de Domiciano. Nós seguimos que foy no do segundo , por nos parecer mais conforme à razão , pois não podia esta illustre Martyr edificar hum publico Templo , quando a perseguição de Nero , e dos seus Ministros estava mais acceza contra os Christãos , e só podia ter lugar no tempo da sua moderação , que durou em todos os seus successores

(8) Tamayo Salaz. tom. 3. fol. 213. Cardoso Agiolog. Lusitan. 17. de Mayo.

(9) O Padre Fonseca Evor. Glor. 2.p. §. 347.



res até Domiciano. A parte, onde mereceo a gloriosa coroa de Martyr, foy na Villa de Sines, como diz hum Martyrologio; (1) o que se verifica não só por assim o concordarem alguns Authores, mas pelos Actos desta Santa não fallarem em circumstancia alguma do seu Martyrio: mais, que tão sómente dizerem que em odio da Fé lhe tirarão a vida. Hum Author (2) lhe traz a sua Commemoração na mesma Villa de Sines, onde affistia. Roubou-nos o tempo, e o esquecimento dos antigos Escritores o lugar da sua sepultura, perdendo-nos em tão preciosas Reliquias o mais venerado thesouro. Podemos com tudo conjecturar que os Christãos daquelles tempos as depositáram junto ao tumulo de São Torpes na mesma Igreja, que lhe tinha edificado, (3) ficando na morte, como o foy na vida, inseparavel deste glorioso Martyr. Nem he de presumir que os mesmos Christãos, não tendo grande causa, que lhe impedisse esta acção tão propria da piedade Catholica, deixassem de lhe dar este nobre jazigo.

(1) Idem Tamayo Salaz. citado ibi: *Ad portum Sinensem in Lusitania Hispania Natalis S. Calerini, &c.*

(2) Cardot. Agiol. Lusit. 17. Maii.

(3) Veja-se o liv. 3. § 35.

go. Esta conjectura está natural, e ainda não ponderada, e parece que a Divina providencia assim o determinaria, não permittindo a separação em dous Santos tão unidos pelo amor, e tão semelhantes nos merecimentos.

57 No dia do seu glorioso triunfo concorda Vasseo na Chronica de Hespanha com os Martyrologios de Ferrario, Galerino, Artur, e Tamayo, dizendo todos que foy a 17. de Mayo, dia, em que se celebra a sua Comemoração juntamente com a do Martyr São Torpes, permittindo a omnipotencia Divina com prodigiosa maravilha, que no mesmo dia, que esta gloriosa Santa fez a admiravel trasladação do corpo do Santo da barca para o tumulo, fosse a sua alma trasladada da terra para o Ceo. Assim lhe satisfez Deos aquella grande acção, que executou por sua ordem, determinando-lhe o premio no mesmo dia do merecimento. Parece que pelo amor se unirão tanto a Deos as almas destes dous Martyres, que ficarão identificadas, para merecerem a mesma gloria no Ceo, e os mesmos attributos na terra, determinando a Igreja a sua memoravel Commemoração em hum mesmo dia, para que assim ambos gozassem nesta ditosa união

união huma mesma celebridade. Alguns Authores pela semelhança do nome confundem esta Santa com Santa Celerina Africana, de quem fallava hum grande Santo, (4) e que o Martyrologio Romano celebra a 3. de Fevereiro.

58 Muitos Authores, (5) que escrevem de S. Torpes, e Santa Celerina, fazem menção de Santo Artemio, e Santo Audax, gloriosos Confessores de Christo. O primeiro Chronista daquelle insigne Martyr, e o segundo guarda inseparavel das suas Sagradas Reliquias foy Artemio illustre Romano, como o certifica o nobre cargo, que occupava no Palacio de Nero, pois era delle Superintendente, como dizem as historias. Assistio na Cidade de Piza ao martyrio de S. Torpes, presenciando toda a sua paixão, e concorrendo para todos os tormentos, com que o odio daquelles idolatras fez mais glorioso o nome deste illustre Martyr; mas assim como Deos de hum Saulo fez hum S. Paulo, assim permittio que este seu perseguidor, e de todos, os que seguião a sua Divina Ley; se

(4) S. Cyprian. Epist. 34.

(5) Mombicio de Sanct. tom. 2. Francisco Bonad. Sanct. liv. 2. mon. 71. Gerson liv. 3. cap. 9. Cardos. citad. 29. de Abril.

mudasse em hum exemplar de virtudes , passando das trevas da idolatria para a luz da graça , que recebeo com a agua do Baptifino , e depois foy hum fiel declamador das maravilhas de Christo , e de seus Santos. A fé , e constancia , com que permaneceu na nova Religião Catholica , que abraçára , lhe derão merecimentos para alcançar de Deos o conhecimento do lugar , onde parou o sagrado corpo do invicto Martyr ; e sendo-lhe revelado que o acharia na parte mais occidental de Hespanha no maritimo porto de Sines , partio gostoso a buscallo , trazido de superior impulso , onde chegou no anno 79. passados 15. depois da sua prodigiosa trasladação. Achou o Templo já edificado , e nelle publicamente venerado o Santo ; entrou a adorallo , enchendo-se a sua alma de jubilo , e contentamento de ver cumprido o que Deos lhe tinha revelado , ficando mais fortalecido na Fé , e na devoção deste illustre Martyr pelo especial favor ; com que a Divina omnipotencia lho tinha descoberto.

§ 59. Deo Santo Artemio distincta relação a Santa Celerina de todas as circumstancias do martyrio do Santo , e prodigios ; que Deos

tinha obrado, como testemunha de vista, por se ter achado em todo o seu glorioso certame. Recebeo a Santa hum inexplicavel gosto com estas noticias, pois ignorava todas as particularidades do mesmo martyrio, dando a Deos as graças de lhas manifestar para mayor gloria sua, e do seu Santo. Recebeo tambem as mesmas noticias Audax varão justo, e Lusitano, que no mesmo Templo servia de guarda àquelle bemaventurado corpo, ao qual tinha ajudado à sua trasladação, e sepultura, e pela sua grande christandade, e devoção lhe ficou pessoalmente assistindo. Fez Artemio com Audax huma santa, e piedosa união em continuarem ambos na assistencia, e guarda daquellas Sagradas Reliquias, e nella continuarão o resto da sua vida com acções de tanta virtude, que cheyos de merecimentos subirão a gozar o premio da gloria, alcançando o serem venerados por Santos. Aos seus corpos derão aquelles Christãos sepultura no mesmo Templo, em que foy descuberta com a do Santo Martyr no anno de 1591. como exporemos adiante. A sua Commemoração se celebra a 29. de Abril, dia, em que o inclyto, e glorioso S. Torpes alcançou a coroa do

martyrio : ( 6 ) e com alto mysterio ; porquẽ  
 assim como na vida , e na morte forão inse-  
 paraveis deste invicto Martyr , assim tambem  
 deviãõ unir o mayor dia do Santo ao seu ma-  
 yor dia , para que juntos ficassẽ igualmente  
 memoraveis.

(6) Cardof. Agiolog. Lusitan. 29. de Abril ibi: *Item no mesmo  
 porto de Sines a Commemoraçãõ dos Santos Artemio , e Andax , illust-  
 res Confessores de Christo.*

## FIM DO SEGUNDO LIVRO.

E X E M P L A R  
 DA  
 CONSTANCIA DOS MARTYRES  
 EM A VIDA DO GLORIOSO  
 S ã O T O R P E S .  
 L I V R O I I I .

---

S U M M A R I O .

*Mudança do Imperio Romano, depois do Martyrio de S. Torpes., e Santa Celerina. Successos em Hespanha pela entrada dos Godos, e invasão dos Mouros: He destruido o Templo de S. Torpes pelos Barbaros. Occulta Deos nas suas rúinas o sagrado corpo do glorioso Martyr. Manda o Papa Xisto V. descubrilho, encomendando esta averiguação ao Arcebispo de Evora. D. Theotonio de Bragança por Breve particular. Envia este à Villa de Sines o Desembargador Simão Marques a fazer esta diligencia, que executa felizmente, descobrindo na foz da Funqueira junto da mesma Villa o corpo do Santo Martyr sem cabeça em tumulo de pedra nas rui-*

*nas*

nas do seu Templo. Acha-se na mesma sepultura huma alampada sepulchral, e huma pedra preta; e nella gravadas humas figuras, e nos vestigios do mesmo Templo outros ossos humanos. São depositadas as Sagradas Reliquias em hum cofre de trez chaves, e collocadas na Sacristia da Matriz daquella Villa, que, passados annos, serão transferidas para Capella propria na mesma Igreja, que os devotos construirão ao Santo. Noticia do milagre das borboletas, attribuido ao glorioso Martyr. Cópia de hum documento, achado no arquivo da mesma Matriz. Dissertação, que o Author faz sobre a alampada sepulchral, e figuras gravadas na pedra, como também do casco da cabeça, que se achou da parte de fóra do tumulo do Santo. Convence-se de falsa a opinião de Ferrario, de que o corpo do nosso inçlyto Martyr será aportar na praya de Provença em França. Milagres do mesmo Santo, e suas grandes excellencias.





**L**AUREADA Santa Celerina com o diadema de Bemaventurada, que conseguiu pelo seu triunfante martyrio, derão aquelles primeiros Christãos sepultura ao seu sagrado corpo, segundo as mais bem fundadas conjecturas, naquelle famoso Templo, que construiu; e dedicou o seu grande affecto ao glorioso, e esclarecido Martyr S. Torpes, a quem a devoção dos fiéis sacrificava em votos o mais reverente culto, recorrendo ao seu patrocínio, para alcançarem facil, e seguro remedio em suas enfermidades, e trabalhos. Satisfazia o Santo às rogativas daquelles, que com viva fé o buscavão, obrando Deos continuos milagres por intercessão deste seu invicto Martyr.

Continuarão os Christãos este tribunal de graças celestiaes com as mayores demonstrações da sua veneração, mais, ou menos publicas, segundo o permittião as perseguições da Igreja Catholica, com que alguns Emperadores Romanos intentarão extinguir o nome de Christo nos seus dilatados dominios;

nios; mas ainda que a verdadeira Ley fosse o objecto do seu odio, por ser contraria ás viciôsas idéas do Paganismo, e tão opposta aos ordinarios sentimentos dos homens, a dilatou por todo o Mundo, a pezar da mayor opposição, o ardente zelo dos Apostolos, que cheyos da graça do Espirito Santo, e fortificados de foccorros Celestiaes, authorizarão a nova doutrina com huma sobrenatural eloquencia; acompanhada dos inayores prodigios, môstrando o quanto se havia de abominar a infame superstição do rito Gêntilico; vencendo tão pequeno numero de Prégadores a todas as forças daquelle poderoso Imperio, até que finalmente os seus proprios Monarcas, ficando tambem vencidos, destruirão os seus falsos idolos, para adorarem, e reconhecerem a verdadeira, e unica Divindade.

3 Depois da miraculosa trasladação das Sagradas Reliquias do corpo do inçlyto Martyr S. Torpes, do Templo, que lhe edificou Santa Celerina, e do feliz martyrio desta gloriosa Lusitania; continuou o dominio dos Romanos em Hespanha pouco mais de trez seculos; em cujo tempo continuou tambem a perseguição contra os Christãos; que nella  
flo-

florecião , subindo triunfantes ao Céo copiosos esquadrões de gloriosos Martyres ; que , dando a vida por Christo , ennobrecêrão com seu sangue a nossa Lusitania ; e illustrarão a Igreja Catholica com a sua admiravel constancia. Mas Deos Senhor nosso , ou por querer castigar a impia crueldade destes tyrannos , ou porque não tem havido Imperio no Mundo , que , seguindo a ordem da natureza , não seja consequencia ao seu augmento , e estado huma infeliz declinação , esta permittio agora o mesmo Senhor a soberba dos Romanos ; pois quando se consideravão mais senhores absolutos do Mundo , principiou a sua ultima decadencia. Vio-se assaltado este formidavel Imperio das nações barbaras septentrionaes , que descendo em numerosas turbas ; innundarão tumultuariamente a toda a Europa ; vencendo , e destruindo aquellas forças , que parecião incontrastaveis a todo o poder humano.

4 Chegou a Hespanha esta invasão no anno 412. dando principio à sua conquista Vandalos , Sylingos , Alanos , e Suevos ; que denominão os Authores debaixo do nome Geral de Godos. As ultimas duas nações senho-

rearáo esta parte da Lusitania , e as outras o

T

mais

mais de Hespanha; que depois de diversos acontecimentos militares, que houve com varios Capitães Romanos; vierão estes ultimamente a ficar vencidos, e despojados do dominio de toda a Hespanha. Erão estes novos conquistadores huns ainda Idolatras, outros Christãos, mas inficionados com a heresia Arriana; e por esta causa pouco reverentes aos Lugares Sagrados, que destruíão, e roubavão; excessão mais proprio da sua barbaridade, e ambição, que odio, que tivessem aos verdadeiros Catholicos, porque em menos espaço de quarenta annos do seu estabelecimento se desferrou a veneração dos idolos, abjuráão os erros de Arrio, e se baptizou El Rey Ricciario, e a seu exemplo a mayor parte dos Suevos, ficando o Reino de Portugal hum dos mais florecentes estados, que teve a Igreja Catholica naquelles tempos; e ainda que alguns annos depois se tornou a inquietar com os erros da mesma heresia, os desferrou El Rey Theodorico, e finalmente se acabárão os trabalhos da Igreja de Hespanha com a vida de Leovigildo, e successão no throno de seu filho o Catholico, e famoso Rey Recaredo.

5 Assim quiz Deos melhorar a nossa Lusitania, e toda a Igreja Catholica, livrando-a dos repetidos insultos, com que alguns Emperadores a perseguião, cujas atrocidades estão ainda vertendo sangue innocente em todas as historias. Virão em pouco tempo o castigo de tantas tyrannias na ultima ruina do seu Imperio, que acabou na pessoa de Augusto Romulo no anno 476. de Christo, havendo durado 622. contando desde a batalha de Farsalia por Julio Cesar, como quer Procopio.

6 Sobre o fim deste Imperio fazem alguns Authores (1) a ponderação, que tendo principiado na fortuna de Augusto, acabára na infelicidade do outro, como tambem dizem que o Imperio do Oriente, que começou em Constantino o Grande, finalizára na pessoa de outro Constantino. Este mesmo Imperio Grego, que os Emperadores Latinos senhorearão algum tempo, foy o primeiro dellés Balduino, e o ultimo outro deste nome. Dos Reys Mouros de Granada se chamou o primeiro Mahomet, que fundou aquelle Estado em tempo do Santo Rey D. Fernando de Castella, e a veyo a perder outro Mahomet, reinando

(1) Illescas part. 1. liv. 2. cap. 16. Garibay. liv. 40. cap. 43.

D. Fernando o Catholico. Tambem o nosso Reino, que principiou no valeroso Conde Dom Henrique, em cujo tempo foy separado da Coroa de Leão, passou a Principes estranhos na falta do Cardeal Rey D. Henrique, ainda que depois se vio gloriosamente restituído aos Monarcas Lusitanos na pessoa do Serenissimo Rey D. João o IV. de feliz memoria. Estes acontecimentos julgão alguns Escritores por mysteriosos; mas parece que sómente se devem considerar por huins acasos da sorte, pois temos nas historias por estes poucos exemplos tantos em contrario.

7 Sendo pois vencidos os Romanos, lhes foy mais pezado o jugo da sua infeliz sujeição, por se considerarem dominados por humas nações, que julgavão pelas mais barbaras da Europa, as quacs fundarão o seu novo Imperio Godo nas ruinas do que novamente conquistarão. Dividirão as suas dilatadas Conquistas em Monarquias, ficando a de Hespanha com hum Rey separado, e independente; logrando pelo espaço de pouco mais de dous seculos a mayor opulencia, e a Religião Catholica o seu augmento. Estando nesta grandeza cheya de glorias, e felicidades, que

nun-

nunca são permanentes as da terra, desembainhou Deus a espada da sua Divina Justiça, para punir os peccados dos Hespanhoes, e os do seu infeliz, e ultimo Monarca Godo D. Rodrigo, buscando por instrumento do seu justo castigo os Arabios da Mauritania, que passandó o estreito de Gibraltar, conduzidos pelo traidor, e vingativo Conde D. Julião; entráão em Hespanha no anno 713, e com lastimoso estrago a conquistáão em menos tempo, que a podião andar sem opposição de contrarios; pois no fim do anno de 715. não havia quem resistisse ao furor dos inimigos, estando já aquella vasta, e poderosa Monarquia inteiramente em poder dos barbaros.

8 Mas Deus Senhor nosso, usando da sua grande misericordia, mostrou que se castigára Hespanha, não a tinha desamparado da sua mão poderosa; porque ao tempo, em que os Mouros se julgavão por seguros dominantes desta sua nova conquista, inspirou o mesmo Senhor ao Infante D. Pelayo aquelle intrepido valor, amortecido nos corações de todos os Hespanhoes, para que tomasse as armas em defesa das reliquias da mesma Hespanha, retiradas com elle aos mais fragosos mon-

montes das Asturias. Foy acclamado Rey, segundo a melhor computação, no anno 718. e em singulares recontros com os inimigos ganhou prodigiosas victorias, assistido de especial favor do Ceo, que continuou propicio aos seus successores, até ultimamente restaurarem a Monarquia da tyranna violencia dos Mouros, usurpada pela perfidia escandalosa do mais infame traidor, que conheceo o Mundo. Foy Portugal separado da Coroa de Leão, para o reger, e conquistar o Conde D. Henrique, tronco Augusto dos Monarcas Lusitanos, sendo seu filho D. Affonso Henriques acclamado Rey pela boca de Christo no campo de Ourique. Singular gloria para o nosso Reino, por ser fundado pelo mesmo Christo, escolhendo para seu Imperio naquelle famoso Rey, e na sua esclarecida descendencia, que se tem continuado até ao presente no nosso incomparavel Monarca, em quem se recopilão as memoraveis acções, e preclaras virtudes de seus gloriosos Progenitores, brilhando o nosso Portugal no seu feliz reinado com tantas luzes, que só com os olhos da admiração podem ser examinadas.

9 Estes são em breve mappa os aconte-



cimentos , com que a fortuna representou no theatro da nossa Lusitania , e de toda a Europa o inconstante papel de tão varias scenas , cujos successos se continuárão desde o martyrio do glorioso S. Torpes , e vinda do seu sagrado corpo a este Reino até à sua admiravel invenção ; não bastando o largo decurso de tantos tempos , e as tragicas mudanças da Monarquia , para sepultar no esquecimento , e esconder em lastimosas ruinas a celebre memoria de tão admiravel trasladação , nem o lugar , onde forão depositadas as preciosas Reliquias de tão glorioso Martyr , que guardarão em si as ruinas do Templo , que lhe foy dedicado , occultando-as a Divina Providencia aos olhos de tantos barbaros , por não serem sacrilegamente profanadas , até que socegada a sua Igreja , foy servida manifestallas , abrindo com as chaves da mesma Igreja os inestimaveis thesouros , que guardou em si a nossa Lusitania por tão dilatados seculos.

10 Ainda que Hespanha fosse destruida pela entrada dos Godos , e depois assolada pela invasão dos Mouros , sempre as reliquias , que ficárão de alguns Christãos , conservarão a immemorial tradição de vir o cor-

po do nosso Santo a este Reino, e nelle ser sepultado no seu famoso Templo, fazendo-se mais crível, e incontrovertida a mesma tradição pelos escritos dos Authores mais antigos, e graves, que della tratarão, não havendo em mais de quinze seculos quem a contradisse; ou negasse; mas no fim do decimo sexto seculo se oppoz a esta verdade hum Author, (2) dizendo que o corpo deste Santo fora parar a França, como exporemos mais largamente, novidade, que poucos seguirão, querendo com huma noticia, forjada na sua idéa, disputar contra toda a antiguidade, incorrendo na temeridade de impugnar hum facto tão estabelecido entre aquelles Santos, sabios, e antigos Escriitores, que florecerão em hum tempo, em que a memoria dos successos estava mais proxima, desmentindo com huma novidade sem padrinhos a noticia, e credito de homens tão famosos, e doutos.

II Mas quando esta novidade se escrevia, quiz Deos, author da mesma verdade, que não tivesse credito algum no Mundo semelhante proposição, mostrando o desengano aos olhos de toda a Christandade nas mila-

(2) Filippo Ferrario no *Catalogo dos Santos de Italia*.

grossas Reliquias do corpo do glorioso S. Torpes, descobertas no nosso Portugal no mesmo sitio, onde as tradições, e Authores mais antigos, e verdadeiros as referião; e para que esta mesma verdade fosse mais acreditada dos fieis, foy Deos servido que o seu Vigario na terra a authorizasse. Presidia na Cadeira de S. Pedro a Santidade de Xisto V. de gloriosa recordação, cujos altos meritos, e virtudes lhe grangearão a Tiara, dando-lhe na terra o mais elevado folio. Este grande Pontifice ou por especial revelação que tivesse do Ceo, ou movido da grande devoção, que tinha ao Santo, desprezando as noticias, que os Francezes publicavão de existir o corpo do mesmo Santo na Provença, expedio huma Bulla ao Arcebispo de Evora D. Theotónio de Bragança, para que na Villa de Sines, do seu Arcebispado, mandasse fazer as possiveis diligencias por descobrir os ossos do glorioso Martyr, dando-lhe o mesmo Santo Padre commissão para os approvar, e reconhecer por verdadeiros.

12 Antes que o Arcebispo executasse este Breve, implorou o seu feliz effeito da Magestade Divina, para que houvesse por bem

V

descubrir tão precioso thefouro; jejuando primeiro trez dias, distribuindo muitas esmolas, e fazendo devotas orações, e rogativas, como diz hum Author. (3) Mandou logo a Sines, com Provisão sua a fazer esta diligencia ao Doutor Simão Marques, Desembargador da Relação Ecclesiastica, e Vigario Geral da Cidade de Beja, que chegando à dita Villa, fez nella todas as averiguações conducentes à sua commissão. Ordenou processo judicial com o seu Escrivão Pedro Lopes, Notario publico Apostolico, inquirendo as pessoas mais antigas com hum rigoroso exame, como pedia a gravidade da materia; e pelos seus depoimentos, tradições immemoriaes, e vestigios do Templo, descobriu nelles junto à praya da foz da Ribeira (chamada da Junqueira) hum tumulo de pedra com os ossos de hum corpo humano, trez dentes, humá alampada sepulchral, e huma pequena pedra preta debuxada. Logo forão reverenciadas estas Reliquias pelas do inclyto Martyr S. Torpes, mandando-as o dito Juiz Commissario metter em hum cofre de trez chaves, que com canticos do Clero, e applausos do povo forão

(3) Cardos. Agiolog. Lusit. 17. de Mayo.

trasladadas para a Igreja Matriz da mesma Villa de Sines, e collocadas na Sacristia della. Tambem se metteo no mesmo cofre hum cascoco de cabeça, que se achou na porta do mesmo tumulo da parte de fóra. Forão trazidas tambem da mesma sepultura dous caixões de terra, com a qual obrou Deos repetidos milagres, como logo exporemos.

13 Tambem se achárão nos mesmos vestigios fóra do tumulo do nosso Santo humas ossadas, que com reverencia se depositárão em hum caixão, e forão trazidas para a mesma Igreja; mas passados alguns annos, se enterárão nella na Capella de S. Fr. Pedro Gonçalves com os caixões de terra da sepultura do Santo. Não sey com que motivo nos escondêrão estas Reliquias, devendo estar patentes para a veneração, pelo que os Authores dizem dellas, pois as considerão pelas dos corpos dos Santos Artemio, e Audax, que forão sepultados no mesmo Templo. (4) A antiguidade deste, e outros monumentos, que pela sua diuturnidade estão reduzidos a hum escuro estado para o verdadeiro conhecimento, dão com tudo lugar para as conjecturas;

V ii e af-

(4) Idem Cardof. 29. de Abril, e 17. de Mayo.

156. *Exemplar da constância dos Martyres*

e assim se pôde entender, que os ossos, que se achárão em urnas separadas da do Santo, ferião os de Santa Celerina pelas razões, que deixo ponderadas no 2. livro §. 55. ajudando muito à verosimilidade desta supposição não se enterrarem os Christãos dos primeiros seculos da Igreja em Templos, como hoje se pratica, e só davão este lugar aos Martyres pela justa veneração a tão santos corpos; como farião ao de Santa Celerina, e dos Santos Artemio, e Audax, que ainda que a estes lhes faltasse a gloriosa coroa do Martyrio, entenderião os Christãos daquelle tempo; que as suas altas virtudes os fazião dignos de jazigo tão sagrado.

14. Esta admiravel invenção, tão celebre para este Reino, e gloriosa para a Igreja Catholica; se fez a 7. de Junho de 1591. tendo o Ceo guardado este grande triumpho para o Arcebispo D. Theotónio de Bragança, de cujos altos meritos saltão vozes para os elogios, ainda que sobrem tantas, com que a fama tem pregoado pelo mundo as suas esclarecidas virtudes. Forão remettidos ao mesmo Prelado os autos, que fez o Doutor Simão Marques sobre as averiguações da sua commissão; e

vistas, e examinadas as suas provas, se determinou, segundo os poderes do Breve, que os ossos, achados na sepultura da foz da Junqueira na Villa de Sines, erão do glorioso, e inclyto Martyr S. Torpes; julgando-se por taes para a sua devida veneração. Este Breve, processo, e sentença se ha de achar no Arquivo, a que pertence, na Cidade de Evora, se o tempo, que tudo consome, não gastasse tão nobre documento; mas ainda que o não possamos transcrever nesta historia, bastão os testemunhos de todos os Authores, que assim o segurão, especialmente hum Escritor douto; que tudo o que disse, tirou de verdadeiros documentos, que examinou, escrevendo esta notícia no mesmo tempo, que se acháram as Sagradas Reliquias do Santo; (5) e no mesmo anno, imprimindo em Coimbra os Padres da Companhia de Jesus o Martyrologio Romano, traduzido em Portuguez, assim

(5) Fr. Bernard. de Brit. Monarch. Lusit. part. 2. liv. 5. cap. 6. in fine ibi: *Estere o santo corpo occulto (falla de S. Torpes) até o anno de 1591. em que D. Theotonio de Bragança, Arcebispo de Evora, tendo noticia dos vestigijs do seu Templo, e sepultura, fez diligencia em buscar os seus ossos, e com grandes averiguações, e experiencias se achou o precioso thesouro de suas Reliquias, que serão approvadas, e reconhecidas por taes por commissão do Santo Padre Xisto V. o qual com Breve particular encommendou esta qualificação ao Arcebispo.*

sim o escrevem ; (6) e como são Authores contemporaneos , merecem o mayor credito , como diz hum moderno (7) com muitos , que allega.

15 Alèm de Escriitores tão gráves , que authorizáo esta approvaçáo , feita pelo Arcebispo D. Theotónio , dá grande prova à sua certeza o elle consentir com todos os mais Prelados seus successores no culto , que os fieis deráo àquellas Sagradas Reliquias , que a não estar definido serem do glorioso S. Torpes , se lhes não havia de permittir esta veneração , pois de outra sorte fora dar occasião a huma idolatria. Não só a Igreja as approvou , e reconheceo por verdadeiras , mas o mesmo Ceo se empenhou com prodigios em authorizallas ; pois logo que os sagrados ossos se depositárão na Sacristia daquella Matriz , principiárão os milagres , que Deos obra va por seu glorioso Martyr , bastando qual quer porção de terra de sua sepultura , bebida em agua , ou trazida ao pescoço , para prodigiosamente dar saude aos enfermos de se zões

(6) Martyrol. Roman. em Portuguez no Cathal. dos Santos de Portugal a 17. de Mayo fol. 11.

(7) O. Mestre Fr. Jacintho Segura no seu Nort. Critic. part. 2. disc. 8. §. 1. fol. 312.



zões. Assim o certifica o Padre Bernardo Sobrinho, Freire Conventual da Ordem de Santiago, e Prior de Sines, na carta, que escreveu ao Padre Fr. Manoel Ferreira, Carmelita em dezoito de Março de 1640. que transcreve hum Author. (8)

16 Crescendo a devoção do Santo com os repetidos prodigios, que obrava, lhe erigirão os devotos no anno de 1677. huma Capella ao lado do Altar Mór da mesma Igreja Matriz com hum retabolo de primorosa pintura, e huma Imagem em vulto do mesmo Santo com a Reliquia de hum pedaço de osso no peito, que guarda hum caixilho de crystal, passando para a mesma Capella o cofre das Sagradas Reliquias. No anno de 1695. vindo em visita o Doutor Antonio Dias Figueira, Desembargador da Relação Ecclesiastica, da Cidade de Evora, e Visitador do Arcebispado pelo Arcebispo D. Fr. Luiz da Silva, mandou passar os ossos do glorioso Santo

(8) Cardof. Agiol. Lusitan. no Commentar. de 17. de Mayo ibi: *O corpo do Santo metteo o Vigario Geral de Beja, que então era, em huma arca de trez chaves, e mandou encher mais duas de terra da sua sepultura, que todas trez temos aqui com grande veneração; e ex costume dar della a doctes de maleitas, quando se me pede por Reliquias, as quaes trazem ao pescoço, ou bebem em agua, com que celebrão millar grossa saude, &c.*

to do cofre , em que estavam , para hum Sacra-  
rio da mesma Capella , onde a devoção , por  
excessiva , passou inadvertidamente ao excesso  
de hum sacrilegio , roubando muita parte dos  
sagrados ossos. Sómente a ignorancia pôde  
servir de desculpa , a quem a cega devoção fe-  
chava os olhòs para o conhecimento do deli-  
cto. Muitas destas Reliquias conservão ainda  
pessoas particulares da mesma Villa , e outras  
se espalharão por este Reino : e fora acção  
muito do serviço de Deos , e do glorioso Mar-  
tyr o mandarem-se recolher , para estarem com  
a justa veneração , que merecem.

17 A devoção dos fieis dedicou ao Santo  
hum annual festa no seu dia , que he o da sua  
trasladação , que se repetio por muitos annos  
com Procissão , em que era levado em decen-  
te andor. Estes obsequios , que se lhe dedica-  
vão , satisfazia o glorioso Martyr com repeti-  
dos milagres , entre os quaes se faz mais me-  
moravel o das borboletas de azas prateadas ,  
attribuido ao mesmo Santo , que succedia to-  
dos os annos em sexta feira mayor. Acabadas  
as ceremonias , que a Igreja celebra na ma-  
nhã deste dia , sahia a Procissão do Enterro  
fóra da Igreja ; e logo que se lhe dava prin-  
ci-

cipio ; se vião sahir da parte da Capella do Santo Martyr , e lugar dos seus sagrados ossos huma numerosa multidão de borboletas ; as quaes , cubrindo o tumulto do Senhor , lhe ferveião de prodigioso pallio , fazendo-lhe vistoso acompanhamento em todo o tempo da Procissão ; e acabada ella , desapparecião até o anno seguinte , que no mesmo dia , e hora se deixavão ver , vindo assistir prodigiosas ao mesmo acto , sem apparecer alguma em todo o mais tempo do anno. Muito semelhante a este prodigio foy o que succedeo na Cidade de Girona no sepulchro de S. Narciso , seu Bispo , e Protector , sahindo delle bastante copia de borboletas ; ou moscas brancas , mas com diverso fim ; porque as da urna de São Torpes sahirão a acompanhar o seu Creador no tumulo , e estas a dar morte aos Francezes , que no anno de 1285. sitiavão a mesma Cidade , como refere hum Author. (9)

18 Este milagre das borboletas , que alguns Authores (1) attribuem ao glorioso Mar-

X

tyr

(9) Marc Hisp. l. 4. fol. 1467.

(1) Boland. Acta SS. 17. Maii, & Fofsec. Evor. Glorios. 2. part. §. 349. ibi : *Florece , e florece o Santo* (falla de S. Torpes em Sinnes) *com milagres continuos , entre os quaes merece o primeiro lugar o das borboletas das azas prateadas , que todos os annos na sexta feira Santa , no tempo , em que se faz a Procissão do Enterro do Senhor , sahem da parte da urna das Santas Reliquias , &c.*

tyr S. Torpes, e tem por testemunhas para a sua confirmação todos os moradores de Sines, que o presenciáram; se continuou até o anno de 1730. em que foy demolida a Igreja Matriz, passando as Reliquias do Santo para casa de hum Beneficiado da mesma Igreja, onde estiverão mais de cinco annos; e como a mesma Matriz mudasse na sua reedificação a fórma, que antes tinha, foy tal o descuido, ou pouca devoção, que se não fez nella Capella ao Santo, como antes havia, depositando-se os fragmentos dos ossos do Santo Martyr a rogos, e despeza de alguns devotos na Capella de S. Luiz, ficando o Santo sem Capella propria, devendo ser a primeira, a que se lhe devia dedicar.

19 Esta falta de lembrança, de quem a devia ter grande para a veneração de hum Santo, que era como Orago daquella Igreja, e especial Padroeiro, e Protector da mesma Villa, fez diminuir a devoção dos fieis, esquecendo-se da annual festa, que lhe fazião, ficando nas ruinas daquella Igreja novamente sepultadas as memorias de S. Torpes, como o tinhão sido no primeiro Templo, que lhe foy dedicado. Mostrou o Ceo com sinaes evidentes

dentes o quanto lhe era desagradavel este esquecimento; pois suspendendo o milagre das borboletas, com que se mostrava grato à grande devoção dos fieis, o não continuou mais, como castigando desta sorte o descuido, e omissão, com que se tinham havido desde aquelle tempo; negando-se aos devidos obsequios do seu triunfante Martyr. Não quiz continuar o premio, sem o merecimento, servindo tambem de gloria a este grande Santo a suspensão daquelle continuado prodigio, pois dava a conhecer o mesmo Ceo nesta demonstração o quanto se empenhava na veneração de São Torpes, conferindo, ou negando aquelle milagre à medida do culto, que lhe dedicavão, ostentando-se ou de huma, ou de outra sorte sempre prodigioso.

20 Nesta suspensão estavam os devidos obsequios de hum tão glorioso Martyr, quando a 17. de Mayo de 1741. se lhe renovou a sua festividade, esquecida por tantos annos, que à sua custa lhe dedicou hum devoto, que lhe tem continuado, e continuará em quanto lhe durar a vida, desejando tributar a este prodigioso Santo todos os possiveis applausos, parecendo a seu ardente affecto diminutos to-

dos os obsequios. Tambem lhe tem erigido huma nova Confraria , para desta sorte avivar mais a devoção ; e fazer duraveis os mesmos obsequios , como tambem acautelar para o tempo futuro aquelle descuido , que se experimentou no passado , ficando estaveis , e permanentes os devidos cultos , que effectivamente se devem dedicar a hum tão grande Santo em huma Villa , que lhe deve os seus mayores credits , pois a buscou por ordem de Deos , fazendo-a gloriosa com a presença do seu sagrado corpo , em cuja posse se vê ha 1680. annos.

21 Quando as Reliquias do Santo passá-  
rão da sua Capella para casa do Beneficiado ,  
he constante em todos , que o presenciá-  
rão , que com ellas havia huma caixa de latão , na  
qual se guardavão huns papeis de letra anti-  
ga , mas ignoravão o que elles continhão. Jus-  
tamente nos persuadimos que devião ser do-  
cumentos authenticos da sua gloriosa inven-  
ção , ou noticia dos seus prodigios , a qual se  
fazia muito precisa para authorizar esta Obra ,  
e acreditar a verdadeira existencia do sagrado  
corpo deste Santo. Fizemos as mayores dili-  
gencias por descubrir estes papeis ; mas não  
foy possível achar delles a menor noticia , fi-  
can-

quando com a inconsolavel magoã desta grande perda; mas Deos, que quiz manifestar as Reliquias do inlyto Martyr, occultas, e esquecidas tantos seculos, permittio descobrir, como miraculosamente; aquelles documentos, que se julgavão perdidos; porque passados dous annos, estando em visita na mesma Villa o Juiz da Ordem da Comarca, indo com os clavarios abrir o cofre da fabrica da mesma Igreja, se encontrou casualmente entre varios papeis o mesmo instrumento authentico, que segura a existencia do sagrado corpo do Santo na sua Capella, e o que se achou na sua sepultura, e vestigios do Templo, cujo documento fizemos reconhecer pelos Tabelhões da mesma Villa, e aqui fielmente o copiamos do original.

22 ,, Termo de abertura; que aos 6. de  
,, Fevereiro de mil seiscentos noventa e cinco  
,, fez o Reverendo Doutor Antonio Dias Fi-  
,, gueira, natural da Cidade de Beja, Desem-  
,, bargador da Relação Ecclesiastica da Cida-  
,, de de Evora, Visitador Ordinario deste Ar-  
,, cebispado pelo Illustrissimo; e Reverendis-  
,, simo Senhor D. Fr. Luiz da Silva, Arce-  
,, bispo de Evora. ,,

,, Aos

,, Aos 6. dias do mez de Fevereiro de mil  
 ,, seiscentos noventa e cinco , estando em vi-  
 ,, sita o dito Senhor assima nomeado em pre-  
 ,, sença do Padre Manoel Nunes Soares , Prior  
 ,, desta Igreja , e mais Beneficiados da dita  
 ,, Igreja , e o Reverendo Secretario da Visi-  
 ,, ta o Padre Braz Figueira ; e a mayor parte  
 ,, do povo , se fez abertura do caixão , que se  
 ,, achou na Capella de S. Torpes , e nella fo-  
 ,, rão achados huys ossos , que por tradição  
 ,, de homens antigos , e informação , que de-  
 ,, rão ao dito Senhor , serem os taes ossos do  
 ,, dito Santo ; e na mesma caixa se achou hum  
 ,, papel feito por hum Notario Apostolico , por  
 ,, nome Pedro Lopes , o qual foy feito aos on-  
 ,, ze dias do mez de Junho de mil e quinhent-  
 ,, tos e noventa e hum em presença do Dou-  
 ,, tor Simão Marques , Desembargador da Re-  
 ,, lação Ecclesiastica deste Arcebispado , Vi-  
 ,, gario Geral de Beja , que veyo fazer esta di-  
 ,, ligencia por mandado do Arcebispo de Evo-  
 ,, ra com sua Provisão , o que tudo consta de  
 ,, hum papel muito antigo , que fica em huma  
 ,, caixa de latão com este mesmo , do qual pa-  
 ,, pel he o traslado seguinte . ,,

,, Certifico eu Pedro Lopes , Notario Pu-  
 ,, bli-



„ blico Apostolico , approvedo na fórma do  
„ Sagrado Concilio Tridentino , Escrivão do  
„ Auditorio Ecclesiastico da Cidade de Beja ,  
„ e faço fé que o que nesta caixa está , he o se-  
„ guinte. „

„ A ossada , que se tirou da sepultura da foz  
„ da Junqueira , Termo desta Villa de Sines. „

„ A terra , que se tirou dos ditos ossos ao  
„ tempo , que se achárão. „

„ Huma pomazinha quebrada de barro ,  
„ que se achou na dita sepultura. „

„ Huma estampa de pedra preta debuxa-  
„ da , que se achou na dita sepultura „

„ Todas estas cousas assim se tirárão , e  
„ achárão na dita sepultura. „

„ Está mais nesta caixa hum casco de ca-  
„ beça , que foy achado à porta da sepultura  
„ da banda de fóra. „

„ Está mais huma pedra preta , que se  
„ achou fóra no vestigio. „

„ Na ossada affima estão trez dentes ata-  
„ dos na ponta de huma toalha , em que está  
„ atada , por se acharem na sepultura , e de  
„ fóra em huma caixa cheya ... (\*) que se ti-  
„ rou

(\*) No lugar , em que vay este final ... parece que saltou ao copiador alguma palavra , e se deve entender que he esta de terra.

„ rói da sepultura do lugar, onde foy achada  
 „ a ossada. „

„ Fica mais de fóra outro caixão, que tem  
 „ a ossada dos corpos, que estavam de fóra  
 „ do circuito fóra da sepultura, o que tudo  
 „ foy tirado della em os 7. dias do mez de  
 „ Junho de mil e quinhentos noventa e hum,  
 „ da qual tirada, e diligencia, que se fez so-  
 „ bre isto, se fizerão autos; que eu Notario  
 „ fiz em presença do Senhor Doutor Simão  
 „ Marques, Desembargador da Relação des-  
 „ te Arcebispado, Vigario Geral de Beja,  
 „ que veyo a fazer esta diligencia por manda-  
 „ do do Arcebispo de Evora com sua Provi-  
 „ são; e por verdade o declaro assim, para  
 „ em todo o tempo se saber esta verdade, que  
 „ justifico assim passar em onze de Junho do  
 „ dito anno, que assigney em raso, e me re-  
 „ porto aos autos, que se enviarão ao dito  
 „ Senhor. = Pedro Lopes. „

„ A qual certidão eu Sebastião de Olivei-  
 „ ra Fogaça, Tabellião do publico judicial,  
 „ e notas em esta Villa de Sines, e fei Ter-  
 „ mo, que sirvo por provimento desta Correi-  
 „ ção de Azeitão, trasladey bem, e fielmen-  
 „ te, e na verdade da propria certidão, que  
 „ fica

fica na sobredita caixa de latão, a qual certidão me foy apresentada, e mostrada em presença do dito Senhor, e das pessoas assim nomeadas; e por mandado do dito Senhor Desembargador pórto, e dou minha fé, que de huma caixa grande com trez fechaduras se tirarão alguns ossos, e das coufas assim nomeadas, que mandou trasladar para este lugar, que fica aos pés do dito S. Torpes. Declaro que os caixões de terra, e alguns ossos, que forão achados no sitio, onde forão achados os ossos do dito Santo, estão enterrados na mesma Igreja em huma Capella de S. Fr. Pedro Gonçalves, por assim constar por pessoas antigas, que o portarão por fé, e fômente ficão neste lugar os ossos de S. Torpes, e mais coufas, que estavam na arca; e por tudo passar na verdade, e de mandado do dito Senhor Desembargador fiz esta declaração, para que por ella constasse a todo o tempo a verdade, e declaração da certidão, que por mim foy vista, a que me reporto. E eu Sebastião de Oliveira Fogaça o escrevi, e assigney com o dito Senhor em rasô, e com o

Y

,, Se-

33 Secretario da visita, e o Reverendo Prior  
 33 da dita Igreja, e mais testemunhas, que  
 33 aqui assignarão. = Antonio Dias Figuei-  
 33 ra. O Prior Manoel Nunes Soares. O Pa-  
 33 dre Braz Figueira. O Padre André da Cos-  
 33 ta. O Padre Manoel Dias de Aragão. O  
 33 Padre João Lopes. O Padre Manoel Luiz  
 33 Figueira. E Manoel de Santo Amaro. Se-  
 33 bastião de Oliveira Fogaça. Antonio da  
 33 Fonseca Ravasco. Manoel da Serra de Aze-  
 33 vedo. Manoel de Faria Freire. Francisco  
 33 de Goes Machado. Manoel Fernandes Be-  
 33 tes.  
 33 Pela presente por hum de nós feita, e  
 33 por ambos assignada, certificamos, e por-  
 33 tamos por fé os Tabelliães desta Villa Se-  
 33 bastião José de Almeida, e Thomé Raposo  
 33 Cota, que a letra do termo de abertura re-  
 33 tro he feita por mão de Sebastião de Oli-  
 33 veira Fogaça, Escrivão do Judicial, e Ta-  
 33 bellião publico de notas, que foy nesta Vil-  
 33 la por lhe termos visto, e termos nos nos-  
 33 sos cartorios outra sua semelhante; e ou-  
 33 trosim reconhecemos as letras dos sinaes jun-  
 33 tos ao mesmo termo serem das mesmas pes-  
 33 soas; que fizerão os ditos sinaes, por quan-  
 33 to

to dos mais delles temos visto outros seme-  
lhantes ; como tambem pela verdade do Ta-  
bellião , que fez o dito termo , que affirma  
serem das mesmas pessoas ; a que damos  
verdadeira fé ; e credito ; por quanto ; ser-  
vindo o dito Tabellião nesta Villa os ditos  
officios muitos annos ; nunca por erros fora  
culpado ; nem teve fama no seu procedi-  
mento ; e por verdade fiz a presente ; que  
assigney em publico , e ambos em rafo. Si-  
nes , 25. de Junho de mil setecentos quaren-  
ta e treze. — Em testemunho de verdade : —  
— Lugar do final publico : — Almeida. —  
— Sebastião José de Almeida. — Em teste-  
munho de verdade. — Thomé Raposo Co-  
ta ;

23. Este documento dá a noticia , que até  
agora ignorarão os nossos Escritores ; que ef-  
creverão de S. Torpes ; pois declara o dia  
e meza ; em que foy descoberto o precioso  
thesouro de seu bemaventurado corpo ; e o  
Ministro ; e Notario ; que por ordem do Ar-  
cebispo D. Theotónio vierão a esta averigua-  
ção ; declarando tambem o que se achou na  
sepultura ; e o que foy depositado naquelle  
cofre ; onde o Notario ajuntou a certidão co-

piada. Nella se refere aos autos, que se fizeram, e forão remettidos ao mesmo Arcebispo. Grande gloria teria a minha pcnna se os pudesse aqui tambem transcrever, mas ficarão reservados para outra melhor, que com mais fortuna os possa alcançar. Para supprir a falta destes autos, e sentença, por onde forão julgados os ossos achados na sepultura da foz da Junqueira pelos do glorioso S. Torpes, temos bastantes provas, não só pelos Authores contemporaneos, que já allegámos, mas pela continuada veneração dos fieis, e milagres tão repectidos, que Deos tem obrado por estas Sagradas Reliquias, como deixamos ponderado. Pela extracção, que dellas se tem feito, não existem presentemente mais, que poucos, e pequenos ossos, a pomazinha de barro, a pedra preta debuxada, e o casco da cabeça, que se achou na porta do tumulo da parte de fóra, de cujos monumentos queremos dar meua noticia, e assumpto aos doutos, e curiosos para discorrerem; e com melhor acerto os interpretarem.

24. A poma de barro he hum candieiro, ou alampada sepulchral, que mostra que nella ardeo alguma materia muito tempo pelo final

do fogo exterior, e interno do mesmo barro. Foy costume dos Antigos collocarem nos sepulchros estas alampadas ardentes, das quaes se diz, que conservavão a luz por muitos seculos. Assim foy, segundo as historias, a que se achou no sepulchro de Palante, filho de Evandro Rey de Arcadia, no anno de 800. a que se descobrio no de Maximo Olybio em 1500. e a que se viu na de Tulia, filha de Cicero, na Via Appia em tempo de Paulo III. achando-se outras mais no territorio de Viterbô, e nas grutas subterraneas de Roma. Hum Author, (2) que as descobrio nestes ultimos lugares, as divide em trez classes: na primeira põe aquellas, que exprimem a cerimonia funebre dos antigos: nas segundas aquellas, em que estavão representadas algumas Divindades do Genti-lismo: e nas terceiras as em que se vião gravados alguns symbolos, ou emblemas. O uso de se collocarem estas alampadas nos sepulchros passou tambem aos Catholicos; pois diz o mesmo Author, que achára doze, que pertencião ao Christianismo: a respeito do monogramma de Jesus Christo, que em algumas  
esta-

(2) Pedro Belliori, e o seu Addicionador M.<sup>cur</sup> Beger de Lucernæ veterum sepulchrales iconicæ, &c.

estava gravado. Depois que os Gentios deixáram de queimar os corpos, que reduzião a cinzas, principiou o costume de os collocarem em tumulos, onde lhe dedicavão em luzes o ultimo obsequio. Deste sentimento he hum Author de boa nota. (3) Dizem mais alguns Authores, (4) que as luzes, que ardião nestas alampadas, erão inextinguiveis, pelo fogo não consumir a materia, que lhe servia de pabulo; e como ignoravão o segredo da sua composição, entendêrão que do linho incombustivel da pedra Arbesto, ou Amianto se preparava a torcida; e o oleo extrahido quimicamente da mesma pedra servia de licor para estas perpetuas luzes subterraneas se conservarem por tantos seculos inextinguiveis. Outros querem, que estando a alampada fechada, de sorte que lhe não pudesse sair da sua cavidade o fumo, se tornava este a condensar, reduzindo-se à forma, que antes tinha de licor, e com humia continua circulação; o mesmo fumo produzia o licor, que servia de materia à chamma, constituindo-a perpetua o concurso destes dous agen-

(3) Ferrar. De veterum lucernis sepulchralibus.

(4) Fortunio Liceto Medico de Padua, e outros.



gentes. Attribuem outros a qualidade incombustivel ao ouro, reduzido a huma substancia liquida por algum especial segredo da quimica. Outros finalmente querem que estas alampadas se conservassem perpetuamente acesas, pelas collocarem em parte, onde havia minas de bitume sulfureo liquido, que encaminhando-se para a cavidade da alampada; lhe subministrava sempre nova materia.

26 O segredo de poder constituir este fogo perpetuo, se o alcançárão os antigos; o ignorárão os modernos, ainda que não saltão Authores eruditos; (5) que negão a possibilidade destas luzes inextinguiveis; pois por mais que a arte queira preparar hum licor, que sirva de perpetuo nutrimento ao fogo, sempre este o ha de acabar, e consequentemente extinguir-se a luz. O mais, que tem alcançado nesta materia a diligencia de alguns modernos, he prepararem hum licor, em que o fogo gaste mais tempo em o consumir, e sem passarem seculos, nem ainda annos, se vio acabar por falta de materia. Eu discorro que assim devia succeder aos antigos Romanos nas suas alampadas sepulchraes, o que se verifica  
nes-

(5) Paulo Aresio Bispo de Tortona, e Otavio Ferrari.

nesta ; que se achou na sepultura de S. Torpes ; pois tendo todos os sinais de fogo , que nella tinha ardido , se não vio luz , quando se abriu o sepulchro , nem se encontrou indício algum de licor , que nella estivesse , antes mostrava o muito tempo , que havia se tinha extinguido. Fortifica mais esta conjectura a pedra preta debuxada , que se achou no mesmo sepulchro , como logo exporemos , na qual estão gravadas humas piramides , figuras significativas do fogo , dando a entender neste jeroglifico Santa Celerina ; quando sepultou o Santo Martyr , que como o fogo material , que lhe dedicava , se havia de acabar , queria que o substituisse o fogo symbolico daquella figura , ficando assim perpetuo , e inextinguivel , eternizando desta sorte a memoria do seu amor , de que o mesmo fogo era emblema.

27. A pedra preta debuxada , que se achou no mesmo sepulchro do glorioso Martyr , não tem letras ; como alguns Authores menos bem informados escrevêrão ; dizendo huns , que nella se vião huns caracterès , que se não podião entender ; outros , que erão goticos , e neste conceito ( 6 ) hum Author moderno ,  
que

( 6 ) O Padre Francisco da Fonseca. Evor. Glorios. 2. part. §. 348.

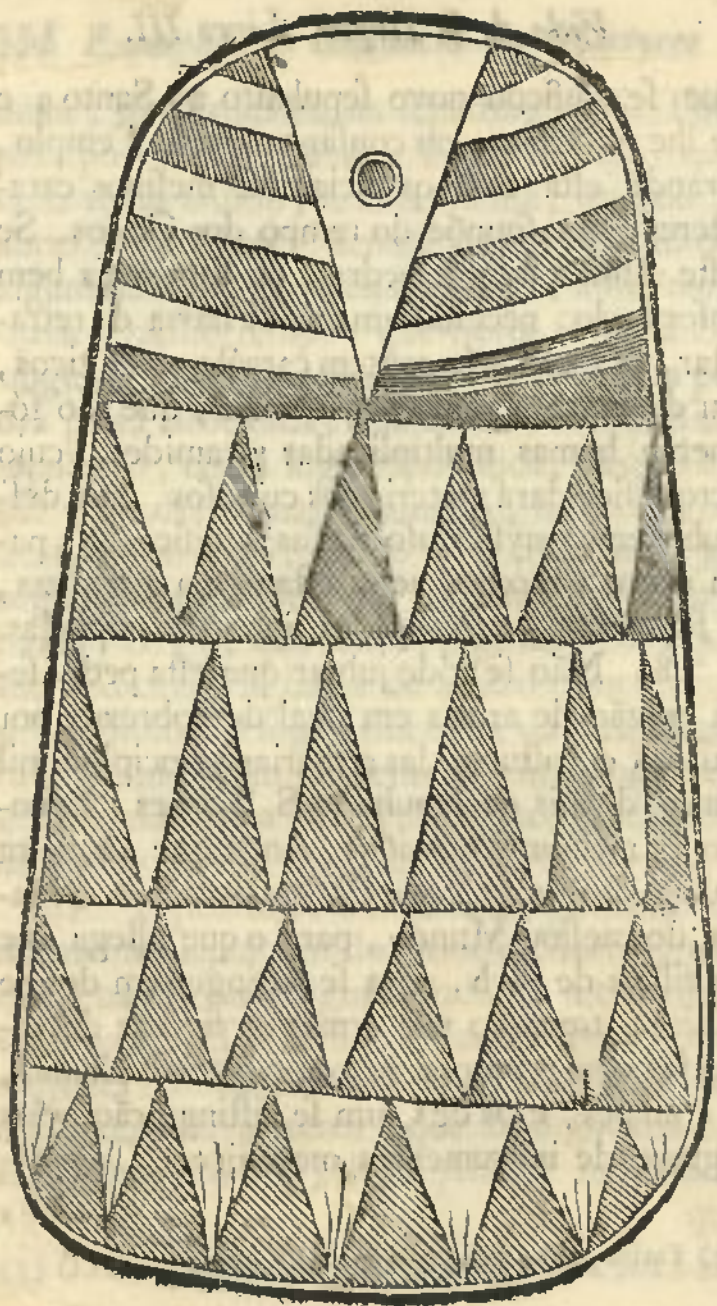
que se edificou novo sepulchro ao Santo , e se lhe reformou , ou consagrou novo Templo , tirando esta consequencia dos mesmos caracteres , que suppõe do tempo dos Godos. Se este Author vira a pedra , ou fora mais bem informado , necessariamente se havia de retraher , pois ella não contém caracteres Goticos , ou de outra alguma nação mais , que tão sómente humas multiplicadas piramides , cujo jeroglifico dará materia aos curiosos , para descubrirem o mysterioso da sua significação ; para o que expomos nesta estampa a grandeza , e figuras da mesma pedra fielmente copiadas.

28 Não se pôde julgar que esta pedra seja brazão de armas em sinal de nobreza , por quanto o costume das armarias principiou mil annos depois de sepultado S. Torpes , segundo as melhores opiniões , ainda que não falta quem affirme (7) que este costume tem a idade do mesmo Mundo , para o que allega que os filhos de Seth , para se distinguirem dos de Caim , tomáráo por armas as figuras de diversas cousas naturaes , como frutas , plantas , e animaes , e os de Caim se distinguirão pelas figuras de instrumentos mecanicos. Com estes,

Z

tes,

(7) Favino no seu Theatro de honra.



tês, e outros exemplos apadrinhão a sua opinião. O que se póde estabelecer he, que as verdadeiras armarias principiárão no decimo, ou undecimo seculo; mas que em todo o tempo se praticárão huns sinaes symbolicos, usando-os nos escudos, e mais armas defensivas, nas bandeiras militares, nas espadas, nos Templos, e nos tumulos, mas não que fossem demonstração de nobreza mais, que sómente huns emblemas, ou divisas. Estas imagens symbolicas, ou jeroglificos praticavão os antigos Egypcios, significando com elles os seus principaes dogmas, e a sua sciencia moral, e politica, fazendo abrir estas figuras em pedras, e nos seus obeliscos, ou piramides. Usárão tambem os Gregos de jeroglificos, que no seu idioma vale o mesmo que imagens, ou figuras sagradas, e em todo o tempo foy mysteriosa a sciencia da sua interpretação.

29. Praticárão tambem os Romanos estas figuras, que com expressões metaforicas dizião o fim, a que se dirigião as suas empresas; e como toda a Hespanha era naquelle tempo dominada pelos Romanos, e Santa Celerina, ainda que por nascimento Lusitana, era tambem Romana por origem, usaria da-

quellas mesmas figuras , explicando symbolicamente nas daquella pedra , que fez collocar no sepulchro , ou as altas qualidades do Santo Martyr , ou os sinaes do seu affecto para com elle . Ainda que aquelle gravado jeroglifico possa ter algum significado particular , que agora ignoramos , com tudo sempre nos fica campo livre para os discursos , descifrando , como melhor pudermos , estes enigmaticos monumentos . Dizem as historias sagrada , e profana , e o refere hum Author ( 8 ) com muitos , que allega , que era costume dos antigos levantar piramides sobre as sepulturas dos varões egregios , para que , vendo-se desta sorte mais authorizadas , que as dos outros mortaes , se conhecessen perpetuamente as vantagens , com que os excedêrão . Quereria Santa Celerina com esta demonstração dar a conhecer a nobre qualidade , e altas virtudes do inchyto Martyr , em quanto lhe não levantava o glorioso padrão do seu magnifico Templo ; mas como a perseguição de Nero não permitia aquelles memoraveis sinaes com os Martyres , determinou a Santa supprir com honra

(8) Aloysius Novar. Veronens. Cl. R. Sacrorum electorum de Column. sepulchral. lib. 8. cap. 3.

occulta à falta daquelle publico obsequio; pois como não podia erigir aquellas piramides sobre a sepultura, as mandou abrir em huma pedra, que ficasse no interior della.

30 Póde ser que a Santa visse com espirito profetico a ruina do seu Templo com a decadencia de Hespanha; porque se o Anjo a admoestou para dar sepultura a S. Torpes, porque a não preveniria para os successos, que na futurição lhe havião de diminuir o culto, dispondo com superior providencia sepultar aquellas Sagradas Reliquias com aquellas piramides, ou insignias de distincção, e gloria; para que em todo o tempo, que se achassem, se conhecesse que era inseparavel das mesmas Reliquias a mayor honra, e que não soy acafo introduzir com ellas as piramides, que havião de perigar sobre o sepulchro, cujo perigo assim se acautelava, inculcando a quem depois as descubrisse veneração sagrada. Vem-se na mesma pedra sobre as piramides humas figuras, que por mal abertas se lhes não póde dar huma verdadeira applicação, ainda que lá tem sua semelhança com os rayos do Sol. Se esta se lhe póde applicar, poderemos inferir que Santa Celerina imitou os Egypcios. Cof-  
tuma-

mavão estes pintar piramides , ornadas com rayos do Sol nos sepulchros dos Principes , em final de niobreza , e póde ser que a Santa quizesse assim mostrar , que o glorioso Martyr , tanto pelo illustre do sangue , como pelo esclarecido das virtudes , era grande na terra , e mayor no Ceo , merecendo por todos os seus predicados os mais superiores attributos. São as piramides symbolo do fogo , por se elevarem da mesma forte que este elemento , como tambem daquellas piras , em que os antigos queimavão os corpos , para lhes guardarem as cinzas. (9) Poderemos entender tambem que quiz a Santa neste jeroglifico mostrar em figura o fogo do seu amor para com o Santo Martyr , dedicando-lhe em cada piramide huma fogueira , em que o seu coração se abraçasse , querendo assim augmentar os incendios , para fazer multiplicados os sacrificios , perpetuando em figuradas chammas aquelle fogo material , que o tempo extinguiu , deixando estampada naquellas cinzas huma eterna memoria do seu ardente affecto. Pudera-se continuar o discurso , dando-se diversos sentidos

àquel-

(9) Le Grand Dictionnaire des Arts , e des Sciences de liv. Academie Françoise. Verbo *Piramide*.



àquellas figuras; mas o breve da historia não permite dilatadas ponderações.

31 O casco da cabeça, que nos declara o Notario Pedro Lopes na certidão copiada, foy até agora venerado pelo do nosso glorioso Martyr, por se ver unido aos seus sagrados ossos, e se ignorar o dito documento, o qual justifica que foy achado na porta da sepultura da parte de fóra, cuja total separação das mais partes do corpo faz justamente duvidar não ser daquelle, que se achou na mesma sepultura. Póde com tudo a piedosa devoção entender, ou descobrir causas, com que supponha natural aquella separação, parecendo-lhe que alguns animaes subterraneos poderiam pôr aquelle craneo no lugar, em que foy achado, ou que a terra com huma especie de movimento pyristaltico, em que a considerão, por hum novo systema alguns Authores, que referem huns modernos, (10) moveria a sua superficie ao mesmo craneo, empregando-se nelle por alguma causa particular o espirito movente da mesma terra. Mas estes discursos não podem ter genero algum de fundamento pelo lugar tão fechado, em que se acharão os ossos.

(10) Memorias de Treveux. Ann. 1726. Art. 17.

los do nosso Santo , e o lugar , em que estava aquelle casco ; o que prova o Padre Bernardo Sobrinho Prior de Sines na carta já referida no §. 15. na qual diz , por deposição de varias pessoas , que ajudarão a abrir o tumulo do Santo , que o seu sagrado corpo estava sepultado debaixo de grandes pedras , as quaes serão trazidas para a porta da Matriz da mesma Villa , e que se achára sem cabeça ; e sendo assim , como o devemos suppor , e tambem que a porta do tumulo era de pedra , não havia lugar , por onde dellê pudesse sahir aquelle casco ; e achando-se este na porta da parte de fóra , como o certifica o Notario , claramente se manifesta , que nem o movimento pyristaltico da terra , nem outro algum agente o podia tirar de dentro do mesmo tumulo.

32 Os Authores , que escrevêrão depois de se descobrir o corpo do nosso glorioso Martyr , dizem que fora achado sem cabeça , nem podião com verdade escrever de outra sorte. Em se achar o corpo sem esta principal parte , se acredita mais ser do nosso Santo , evitando-se assim as duvidas , que necessariamente se havião de mover entre os Toscanos , e Por-  
tu-

tugezes ; porque he certo , como seguração todos os Authores , que fallão de S. Torpes , que a sua sagrada cabeça se venera em Pisa ha muitos seculos , authorizada por verdadeira com repetidos prodigios , que Deos tem obrado nella , e com ella , como logo mostraremos , querendo o mesmo Senhor com tantas maravilhas acreditar o corpo do seu triunfante Martyr com aquella venerada cabeça , e esta com aquelles sagrados ossos. Esta Santa Reliquia está no Convento dos Minimos de S. Francisco de Paula da mesmá Cidade de Pisa ; mas ignora-se o tempo , e o como foy a poder daquelles Religiosos , não havendo tradição alguma , que a ella fosse levada , ou ficasse na mesma Cidade , quando o Santo padeceo martyrio , como dizem huns Authores graves. ( 1 )

33 Esta segunda parte nunca se podia verificar , pois tem contra si os Actos do mesmo Santo. Dizem estes , ( 2 ) que os tyrannos , depois de lhe tirarem a vida , mettêrão o seu sagrado corpo em huma barca velha com o cão , e gallo , e o deitárão assim à inclemencia das

Aa on-

( 1 ) Bollandus Acta SS. 17. Maii de S. Torpete M. §. 4.

( 2 ) Idem Bolland.

ondas, para que de todo se perdesse a sua memoria, não se apartando da praya, até a verem ir navegando pelo Mediterraneo, e a perderem de vista. Se por não ficar memoria daquelle Bemaventurado corpo se acautelárão affim aquelles Gentios, não podia ficar no lugar do martyrio a sua cabeça. Hum bom Author diz, (3) que Santa Celerina recebêra o corpo do Santo com cabeça, pelo que justamente nos devemos persuadir que não ficou em Pifa. A conjectura mais certa he, que a cabeça do nosso Santo foy mandada àquella Cidade por Santa Celerina, ou depois della por alguns Christãos, por supplica, que lhe fizessem os de Pifa., inferindo-se que a tirárão do tumulo passados annos, pois nelle se achárão trez dentes, por se terem já defunido da mesma cabeça

34 He muito ordinario na Igreja Catholica o desmembrarem-se os corpos dos Santos, pois vemos em varias partes as cabeças, braços, e pernas de muitos, cujos sagrados corpos se venerão em outros lugares. Em muitas destas Reliquias se ignora o como forão a poder de quem as possue; e por não  
nos

(3) Brito Monarch. Lusit. part. 2. cap. 6.

nos apartarmos de Sines, se venera na Misericordia desta Villa o braço de S. Silvestre, e a cabeça de Santa Ursula, que estando authenticadas, se ignora o tempo, e o como vierão à mesma Villa. Nasce esta falta de conhecimento de se perderem os documentos, ou da grande diuturnidade do tempo, que tudo consome. Pelo que póde ser que por esta causa se não saiba em Pisa, de quem recebêrão a cabeça do nosso Martyr, como tambem em Sines totalmente se ignora o quando lha enviárão; mas se os Pisanos tem a gloria de a possuirem, justamente devem entender que foy por mercê dos Portuguezes.

35 Sendo pois certo que o corpo do nosso inclyto Santo se descubrio sem cabeça, e que esta se adora em Pisa, resta-nos averiguar de quem poderia ser aquelle casco, que se achou na porta da sua sepultura da parte de fóra. Não se póde fazer juizo certo nesta materia; mas por indicios vehementes poderemos formar humas conjecturas, que poderão ser verdadeiras. Naquelle magnifico Templo, que Santa Celerina fez edificar na sepultura de S. Torpes, dizem muitos Authores, que já allegámos, que nelle forão tambem sepul-

tados os Santos Artemio , e Audax ; e nós , com discursos bem fundados , como ficção já expendidos no 2. livro §. 55. entendemos tambem que no mesmo Templo derão os Christãos sepultura à nossa Santa Celerina. Quando se descubrio o tumulo do nosso Santo , se achárão junto a elle nos vestigios do mesmo Templo os ossos de alguns corpos , como relata a certidão do Notario , de que justamente inferimos com os mesmos Authores , que serião dos Santos Artemio , e Audax , e tambem os de Santa Celerina. Esta gloriosa Santa havia de ter naquelle Templo hum decente jazigo : e que lugar mais proprio aos seus merecimentos lhe podião dar aquelles primeiros Christãos , que junto ao tumulo do inlycto Martyr ? Suppondo que Santa Celerina foy assim sepultada , devemos conjecturar , que o casco , achado na porta da sepultura , seria da mesma Santa , que por algum incidente em tão largos seculos , passaria em tão pequena distancia para aquelle sitio ; ou tambem , como a mesma Santa pelo martyrio lhe seria cortada a cabeça , e separada do corpo , a depositárão os Christãos naquelle mesmo lugar , por lhe não poderem dar outro mais unido ao mesmo Santo.

36 Não se pôde considerar o dito casco de algum dos Santos Artemio, e Audax, por quanto indo casualmente à Villa de Sines o Licenciado Manoel Duarte Xavier, insigne Cirurgião, e Anatomico da nobilissima Villa de Setúval; e sendo-lhe mostrado em 7. de Fevereiro de 1743. certificou na minha presença, e na do Prior da Matriz o Doutor Manoel de Macedo e Sousa, e Beneficiados José de Brito Varella, e Alexandre Bernardo Mimoso, que o dito casco era de mulher, por ver nelle todos os sinaes, que apontão os Authores Anatomicos para o seu conhecimento, cujos sinaes estão patentes para toda a averiguação, que se quizer fazer; e sendo assim, suppostas todas as circumstancias referidas, de quem se deve suppor aquelle casco, senão de Santa Celerina? Pôde ser que com superior impulso se movesse o animo do Doutor Simão Marques ao fazer ajuntar aos ossos do glorioso S. Torpes, para que desta sorte lograsse huma mesma veneração, que não teria se o unissem aos mais ossos, que se achão nos vestigios fóra da sepultura do Santo, pois inadvertidamente se mandarão enterrar passados annos junto à Capella de S. Fr. Pedro

dro Gonfalves, negando aos olhos dos fieis estas veneradas Reliquias, como já fica ponderado.

37 Nestes breves discursos expoz a minha intelligencia a interpretação daquella a-lampada sepulchral, e figuras gravadas naquella pedra, e as razões, por onde se deve suppor que o casco da cabeça, achado na porta do tumulo, he da nossa Santa Celerina, ficando lugar aos bons engenhos para discorrem com melhor acerto, e descifrarem a significação daquelles jeroglificos, em cuja materia occuparão o tempo, e o estudo Authores doutos, (4) enchendo-nos de excellentes notícias dos mais celebres monumentos da antiguidade. Nestes Escritores, e outros muitos, que escrevêrão de jeroglificos, se poderá encontrar algum, que tenha connexão, ou femelhança com o gravado naquella pedra, e que possa dar mais luz ao seu verdadeiro conhecimento, e explicar com mais propriedade o seu significado. Nós lhe demos o que nos dictou o nosso discurso na falta daquelles celebres Authores, cuja lição nos podia guiar para a sua melhor intelligencia.

30 Def-

(4) Pyerio Valeriano. Julio Cesar. Capacio. Bernardo de Montfaucon. Bedel. O Padre Caussino, e outros.



38 Desta sorte , como temos mostrado ; quiz a Omnipotencia Divina que se não venerasse sómente nos escritos das melhores penas o nosso grande Santo , permittindo descubrir no nosso Reino o precioso thesouro do seu sagrado corpo , para que nelle realmente o adorassemos , expondo-nos em mais claras especies a este grande Heroe da santidade , ficando assim acreditado aquelle vago , e antigo rumor das tradições , que seguravão a sua existencia no nosso Reino , que para sua immortal gloria , e abono daquelles antigos , e independentes Authôres , que o certificavão , se vê na posse de tão veneradas Reliquias , sem que obste o ver-se esta verdade falsamente criticada por poucos , e apaixonados Escriitores , querendo-nos negar este triunfo ; e levar o corpo do nosso Santo a outros paizes ; mas como semelhante opinião não tem genero algum de fundamento , justamente devem ser reprehendidos de nos quererem usurpar huma gloria , que lhes não pertence , faltando à pureza da verdade , que he o principal fundamento de quem escreve :

39 He a critica huma faculdade de discernir o falso do verdadeiro na historia , dando

do, a cada hum o que lhe pertence, constituindo-se o critico Juiz rectissimo em huma matéria tão grave; mas esta faculdade tão util, e necessaria tem muitos Escritores adulterado de tal sorte, que pondo de parte a balança da justiça, só usão da espada, com que cortão a tantos Authores doutos, veridicos, e desapaixonados; pois quando se esperava que as pennas daquelles se empregassem nos seus merecidos elogios, se mudarão em furiosas settas, com que os ferem, e maltratão, tomando por sua conta, não só o dilacerar-lhes o credito com dieterios escandalosos, mas tambem o escurecer-lhes a verdade, do que escrevêrão. Diz hum dos mayores engenhos do seculo passado; (5) que está o Mundo tão cheyo de livros, como falto de verdades: e eu dissera que a falta de verdade nasce de tantos livros; porque buscando-se nelles esta preciosa virtude, de tal sorte se vê transfigurada, que se não póde conhecer a sua especiosa figura. Diz o mesmo Erudito, que a mentira se tem posto com pés de verdade, ficando a verdade sem pés; e accrescentára eu, ficando tam-

(5) O grande Padre Antonio Vieira na carta, que escreveu ao Conde de Castello-Melhor no tempo do seu valimento.

tambem tem cara para apparecer no Mundo; onde os homens a tem tão maltratado, que tirando-a do seu lugar, e pondo nelle a mentira, anda esta à cara descuberta, e a verdade embuçada, e escondida, por não soffrer mais ultrajes. Finalmente não ha verdade no Mundo, que não esteja contradictada até Deos Optimo Maximo, que he por essencia a mesma verdade, tem os homens com horror, e escandalo sacrilegamente negado.

40 A falta de verdade de alguns livros, ou a opposição, que nelles se encontra, a esta nobre virtude, faz com que alguns Escriitores duvidem das mais seguras noticias, e desconfiem das mais constantes historias. Hum famoso Filosofo dizia, (6) que chegava a duvidar se houve em algum tempo o Emperador chamado Carlos Magno, e pelo que escreve hum politico Escriitor, (7) tambem houve quem dissesse que não existira o grande Alexandre no Mundo, e que a sua historia, escrita por hum Romano, não fora menos fabulosa, que a de Amadiz. Outro Author (8)

Bb

ne-

(6) Fr. Thomaz Campanella.

(7) Monsieur Balsac no seu Arestipo, ou Homem de Corte, dffc. 5.

(8) Carlos Sorel.

nega absolutamente a Faramundo a Conquista, e reinado de França, e da mesma sorte a sua existencia. Também houve já quem escrevesse, como se declara na Republica das letras, que tudo o que se dizia nos Commentarios de Cesar era falso, no que respeita à guerra, que fez nas Galias, jactando-se seu Author de o provar com invenciveis razões, como também que nunca Cesar passou os Alpes. Não saltão Authores, (9) que digão que as obras de Aristoteles, recebidas em todo o Mundo scientifico por suas, não são deste grande Mestre da Filosofia, julgando-as suppostas. Hum Author Francez (10) se atreveo a escrever, antes de passarem cem annos depois da morte de Henrique III. de França que este Monarca não fora morto por Jacobo Clemente, como também outro Author da mesma nação segurou nos seus escritos, que na batalha de Pavia ficára a victória por Francisco I. Réy de França, e que o Emperador Carlos V. fora nella seu prizioneiro. Hum amigo deste Author, a quem elle mostrou

(9) Gabriel Naudeo na Apologia aos homens grandes c. 6. com outros, que allega.

(10) Hum Anonymo na obra intitulada: La Fatalité de Saint Cloud.

trou a obra, lhe disse que se retractasse de semelhante impostura, pois todos conhecião o contrario; a que respondeo: Callay-vos, que daqui a cem annos haverá outros, que me fignão, e fica já em opiniões o successo, que he o que nos basta para se não julgar por certa a prizão do nosso Monarca por Carlos V. Da mesma sorte, e com o mesmo conceito escreveo Philippe Ferrario no Cathalogo dos Santos de Italia; e com elle poucos, ou nenhuns AA. Francezes, que o corpo do glorioso S. Torpes fora divinamente conduzido na sua barca ao golfo de Grimauld na Provença, e que aportára defronte do lugar de Fraxinetto no sitio, em que está a Ermida de S. Torpes, onde ainda estão incognitas as suas Sagradas Reliquias. Esta opinião, que tanto se afasta da verdade, tem sido desprezada dos mais eruditos Authores Francezes, como se póde ver em todas as suas obras; não fazendo caso de huma ficção sem fundamento, e escrita sómente para escurecer a verdade, deixando-a em opiniões, como fez aquellé Authór Francez expondo o successo da batalha de Pavia. Não era a nossa tenção fallar em tal opinião; mas como à mentira ninguem se

deve callar; e por não parecer que nella contentê; he preciso impugnalla com alguns fundamentos máis, além daquelles, com que já o fez doutamente o Padre Francisco da Fonseca da Companhia de Jesus na segunda Partê de Evora Gloriosa, que escreveo, accrescentou, e amplificou, machando-a composta pelo Padre Manoel Fialho da mesma Companhia, respondendo àquella quimerica proposição nos §§. 357. e 358. onde prova com toda a legalidade a existencia do nosso glorioso Santo em Sines, e de nenhuma sorte em Fraxineto:

42. Não só pelos fundamentos allegados por este Authôr se convence de falsa aquella estranha proposição; mas pelos testemunhos dos melhores Escretores Francezes; e insignes Martyrologistas da mesma nação; como se vê em Santo Adon Arcebispo de Viena em França; e Usuardo também Francez: Fallão estes grandes Authores do nosso S. Torpes nos seus Martyrologios (a 17. de Mayo); e narrando o seu martyrio; dizem que depois de degollado, mettêrão os tyrannos o seu sagrado corpo em huma barca velha com hum cão, e hum gallo; e que sendo guiada miraculosamente, fora Santa Celerina admoestada por

hum Anjo, para que recebesse o corpo do Santo, e lhe desse decente sepultura, o que ella com grande reverencia assim executára. Se estes Escretores tão antigos, que o primeiro escreveu ha 880. annos, e o segundo ha 900. tivessem a noticia ou por Authores, que lhes precedêrão, ou por tradição daquelle Reino; que o nosso inclyto Martyr a elle fora conduzido na sua barca, não havião de occultar esta gloria à sua nação; mas não quizerão faltár à verdade, julgando como tão santos, e doutos, que esta nobre virtude devia prevalecer a todo o interesse humano.

43 Este argumento he negativo, e no sentido de muitos, e graves Authores, (1) e criticos modernos faz prova na historia; e consideradas bem as suas circumstancias, no caso presente he indispütavel a sua certeza. Por quanto não ha Author antigo nacional, ou estrangeiro, que diga que o sagrado corpo do nosso Santo fosse parar nas prayas do Golfo de Grimauld na Provença, e este total silencio de todos os Authores dá forças ao mesmo argumento: mayormente que ainda  
sup-

(1) D. José Pellicer part. 1. de Mayo liv. 2. n. 19. fol. 53. Gabriel Pinto liv. 1. Hist. Trip. Canonic. S. August. cap. 45.

suppondo que hum Escritor antigo sómente asseverasse a existencia do nosso glorioso Martyr em França, não era prova sufficiente para assim se julgar, quando todos os mais Authores proximos àquelle tempo, em que o podia escrever o tal Author, o não affirmassem, antes dissessem o contrario; e se assim não deve ter credito hum unico testemunho contra o de tantos, com quanta mayor razão deve ser desprezada huma asseveração sem fundamento de hum, ou dous Authores, não daquelle tempo, mas passados tantos seculos, que escrevêrão huma novidade tão estranha, e nunca imaginada de Author antigo, ou moderno? He este discurso conforme à boa regra da critica, como escreve hum elegante, e douto Historiador. (2)

44. Ainda que alguns Criticos tenham por regra certa, que o argumento negativo nada prova, deve-se entender que o silencio de hum, ou alguns Authores não tem validade, quando outros muitos testemunhos positivamente estabelecem o successo na fé historica. Esta maxima, que alguns modernos querem fazer uni-

(2) D. João de Ferreras História de Hespanhá part. 16. cap. 12. uum. 11. fol. 94.



universal, applicando-a indistinctamente, não tem lugar no presente caso, segundo a melhor critica, como se póde ver em huma douta, e moderna penna, (3) que elegantemente escreve, onde póde ter lugar o argumento negativo, que, segundo este Author, e outros muitos com elle, he de grande força na historia; pois não ha meyo mais efficaz para convencer de falsas as noticias, que se querem fingir das cousas antigas, que o silencio dos Authores, que forão coetaneos, ou proximos aos successos, nos quaes se não encontram taes noticias, tratando da mesma materia: e com muito mayor razão, quando os mesmos Authores são nacionaes, pois não he crível que omittissem aquellas prerogativas, que ennobrecem a sua Monarquia.

45. Quando na presente impugnação não tivesse força o argumento negativo, e o quizessemos desprezar, tinhamos bastante prova nos mesmos Martyrologistas Francezes, (4) para mostrarmos que o corpo do nosso glorioso Santo veyo ao nosso Reino, e não ao de França. Dizem estes antigos Authores com os

(3) O Mestre Fr. Jacintho Segura. Norte Critico part. 2. disc. 8.

(4) S. Adon, e Ufuardo nos seus Martyrologios.

mais, - que fallão de S. Torpes, que Santa Celerina recebêra por ordem de Deos o corpo do Santo Martyr, e lhe dera decente sepultura: Se esta egregia Matrona, e illustre Santa fosse Franceza, pois se devê suppor que o devia ser, se recebesse o sagrado corpo na Provença, havião os Authores Francezes de fallar desta Santa; porèm não só não fallão della, mas nem ainda o nome de Celerina se achará em Author, ou Diccionario algum daquella nação. Ninguem atè agora duvidou que Santa Celerina fosse Portugueza, como tambem que nunca sahio de Hespanha; e sendo assim, qual foy a Celerina, que na Provença recebeu o corpo de S. Torpes? Se os da opposta sentença negão que houve a tal recepção por esta Santa, negão absolutamente todos os Actos do nosso triunfante Martyr, e desmentem os mais antigos, santos, e doutos Authores, que assim o escrevêrão; e se o concedem, que Celerina foy esta, senão a Portugueza? E onde havia de receber, e sepultar o corpo do Santo? Em Portugal, ou em França? A consequencia está clara; mas venha authorizar este pensamento o mesmo inventor da novidade Ferrario. Depois deste

Au-

Author escrever, que o nosso S. Torpes fora na sua barca aportar nas prayas de Provença, falla de Santa Celerina, e a traz no mesmo dia da trasladação do nosso Santo, dizendo a fol. 204. as mesmas palavras, que escrevê na nova Topografía: *In Hispania S. Celerina Regina*. Aqui temos por este Author a São Torpes em França, e a Santa Celerina em Hespanha. Para melhor idear o seu projecto, devia levar tambem a França a Santa Celerina, e não apartalla em tanta distancia de São Torpes, quando Deos fez tão unidos; e inseparaveis a estes dous gloriosos Martyres, pelo que se está conhecendo a incoherencia, e pouco fundamento de semelhante proposição.

46 Depois de escrita esta novidade por Ferrario, o seguiu sómente Saussayo no Suplemento ao Martyrologio Gallico, dizendo a folh. 1118. *In Gallia Narbonensi susceptio Reliquiarum S. Torpetis Martyris*; mas foy tão infeliz hum, como o outro Author, pois não acharão quem os imitasse, nem quem depois os seguisse, antes desprezando semelhante noticia, e julgando-a fabulosa, entendêrão os mais eruditos Francezes que era indigna

de escrever-se , não querendo fazer brilhar a sua Monarquia com luzes furtadas. Os sujeitos mais graves , e doutos desta nação , que tem enriquecido a historia com as mais viridicas , e transcendentés noticias , fizeram tão pouco caso desta novidade ; ( ainda que com ella grangeava hum novo lustre o seu Reino , ) que por apocrisa a não passarão aos seus escritos , o que não devião fazer , quando entendessem que era verdadeira. Não allego para prova deste conceito mais , que o grande Dictionario de Moreri. Todos os eruditos , e curiosos sabem que desde que este Author principiou esta grande obra , a tem accrescentado , amplificado , e emendado os sujeitos mais sabios de França , e ainda de toda a Europa , do presente , e do passado seculo , com incansavel trabalho , e zelo da verdade , reimprimindo-se , e augmentando-se em tantos volumes , quantos nos são presentes nas suas novas edições. Nestas vem as noticias de São Torpes , mas nem huma palavra dizem os doutos Adicionadores , que o corpo do Santo fosse levado à Provença de França , o que não havião de omittir , se achassem algum fundamento na opinião de Ferrario , e dos seus sequazes.

47 Bastava a repulsa, que os doutos Es-  
critores Francezes fizeram de semelhante no-  
vidade naquella grande obra, para se julgar a  
todas as luzes quimerica, e fabulosa; mas ain-  
da mostraremos confirmada a mesma quimera  
por hum grande Pontifice. Compoz Ferrario  
a sua Topografia ao Martyrologio Romano,  
e o Cathalogo dos Santos de Italia em tempo  
de Xisto V. Este grande Papa, cujas letras,  
e virtudes o elevárão à primeira dignidade do  
Mundo, movido da grande devoção de São  
Torpes, quiz descobrir o seu sagrado corpo.  
Se as noticias de Ferrario, ou de outro al-  
gum Author, ou ainda as tradições de Pro-  
vença pudessem mover o animo do Vigario de  
Christo, mandaria fazer em França a diligen-  
cia, que mandou fazer em Portugal; mas ex-  
pedir hum Breve ao Arcebispo de Evora Dom  
Theotónio, para que na Villa de Sines da sua  
Diecese fizesse a possivel averiguação por des-  
cobrir o sagrado corpo do Santo; e não con-  
star que mandasse fazer tal diligencia a Fran-  
ça, mostra que não só julgou fabulosa aquel-  
la noticia, pois della não fez caso; mas ainda  
parece que este Decreto Pontificio foy movi-  
do por superior impulso pelo seu feliz effeito.

48 Não podemos deixar de fazer huma ponderação digna de reparo sobre o que diz Ferrario, de que o corpo do nosso Santo veyo a parar nas prayas de Provença, achando nós tambem que o lugar, ou sitio, onde veyo verdadeiramente aportar na Villa de Sines, está no meyo de hum. districto, a que chamão a Provença, sem que possa haver memoria, ou tradição, que em outro tempo se denominasse de outra sorte. Poderia Ferrario receber indistinctamente a noticia, de que o Santo fora conduzido na sua barca às prayas de Provença; e sendo verdadeira esta mesma noticia, porque as prayas da foz da Junqueira, onde o Santo foy aportar, estão na Provença, ignorando o Author esta Provença Lusitana, poz ao Santo na Provença Franceza. A semelhança de appellidos tem muitas vezes escurecido a verdade, mas esta semelhança faz que a verdade mais resplandeça. Parece mysteriosa a identidade dos nomes; pois para que não faltasse prova alguma, para mostrar que o nosso glorioso Martyr veyo a este Reino, até o vemos nelle nas prayas de Provença, como quer Ferrario, mas esta só he a em que parou o seu sagrado corpo, e não a de França. Póde ser

ser que a semelhança do nome occasionasse ao Author esta equivocação, pois a sujeito tão douto devemos desta sorte dar alguma desculpa ao seu erro, nascendo desta causa; que se outra o produzio, fica sendo indesculpavel.

49 Para abono da existencia do sagrado corpo do nosso Santo neste Reino, e não no de França, bastavão as circumstancias, que concorrêrão na sua admiravel invenção, para mostrar que sómente na Villa de Sines existio sempre, e não em outra parte, e que nella foy descoberto nos vestigios do Templo, que lhe foy dedicado. Por quanto desde que o mesmo sagrado corpo veyo parar a este Reino, sempre se conservou nelle a indefectivel tradição da sua vinda, qualificada pelos escritos mais antigos de Authores mais veridicos, e por estes motivos a Igreja Metropolitana de Evora rezou sempre deste Santo, como se vê no seu antigo Breviario, por julgar que no seu districto estavam as suas Sagradas Reliquias. Com a mesma immemorial tradição se venera em Pisa ha muitos seculos a cabeça do mesmo Santo, e só faltava para consolação dos fieis descobrir-se o seu sagrado corpo. Busca-se este em hum porto chamado Sines, como o declaram os Actos do.

do seu martyrio , em hum Templo , que se lhe tinha dedicado , e por ordem de hum Pontifice , que despreza todas as noticias contrarias à mesma tradição , e com effeito acha-se o sagrado corpo sem cabeça nos vestigios do mesmo Templo , e no mesmo porto de Sines. Todas estas circumstancias , sem que falte alguma , para que se possa fazer o menor argumento em contrario , acreditão , e tirão toda a duvida , para se julgar que o corpo do glorioso S. Torpes he o que veneramos no nosso Reino , e que a elle veyo aportar na sua barca , sendo fabulosa toda a mais noticia , de que fora parar no de França.

50 Sobre esta nova opinião de Ferrario , ou contenda entre Francezes , e Lusitanos , se estendem em dilatadas paginas os Padres Henfchenio , Papebrochio , e Janingo , continuadores da grande obra do Acta Sanctorum do Padre João Bollando no 4. Tomo de Mayo a 17. deste mez , em que fallão de S. Torpes. Primeiramente assentão que o culto deste Santo he certo , e tudo mais sóra d'elle menos certo. A certeza do culto mostrão com a authoridade de todos os Martyrologios , que d'elle fazem menção , e com as Igrejas , Capel-



pellas, e Altares, que lhe são dedicados em diversas partes. O menos certo de tudo mais distinguem na vida, e acções do Santo, e no seu corpo, e Reliquias. Trazem as Actas da sua vida collegidas de diversos Codices antigos impressos, e manuscriptos, nos quaes se diz que o sagrado corpo fora conduzido, e sepultado: *In portum, qui cognominatur Sines*. Passão depois a tratar do corpo, e Reliquias do Santo, do seu antigo culto em Provença, e da invenção do seu sagrado corpo pelos Lusitanos, e em largas dissertações expõem tudo o que seu estudo, e affecto podia dizer por parte dos Francezes, e muito pouco por parte dos Portuguezes; e ainda que foy indefeza a causa destes, pôde com tudo tanto esse pouco, que pela sua parte allegarão estes doutos Jesuitas, que embargou a sua decisão, dizendo (5) que suspendião o seu juizo nesta parte até mayores averiguações, julgando das taes noticias, que substancialmente tinham al-  
gu-

(5) Acta SS. 17. Maii §. 3. ibi: *Suspendi ergo iudicium donec praerita cum presentibus contulisset, ac denique iudicari ex his ista accipere probabilis monumentum non omnino nullum; quodque Provincialium traditioni, quamvis praedictis validissimis firmate, si non prevalere, saltem eatenus possit resistere, quoad novo argumento certior, evidentiorque illa fiat ad deturbandos ea, quam praesentunt, possessione Lusitanos.*

guma probabilidade, e que a tradição de Provença, posto que formada em juizos muito válidos, se não prevalecia, ao menos podia resistir, até que por novo argumento se fizesse mais certa, para tirar aos Lusitanos da sua posse.

51 Com esta indifferença, e irresolução pertendem estes Authores mostrar, que acharão iguaes fundamentos por huma, e outra parte; mas como deixarão lugar para novos argumentos, póde ser que se fossem examinados por elles os que temos expostos, que mudassem de sentimento, julgando por certa, e validissima a posse, em que estão os Portuguezes de realmente possuirem as sagradas Reliquias do glorioso S. Torpes, e por fabulosas, e quimericas as razões, com que os de Provença pertendem imaginariamente logralas. Tudo o que se podia dizer por parte dos Francezes, diffusamente allegão aquelles Authores, mas são humas conjecturas sem fundamento solido. Por parte dos Portuguezes dizem muito pouco para o muito, que se podia dizer, não por falta dos Escriptores, mas das noticias, que procurarão, e não lhe foram remettidas, como elles dizem; mas este pouco bastou para contrapezar aquelle muito,

se-

senão he que de huma parte a razão dos Portuguezes, e da outra o affecto para os Francezes, poz em igual equilibrio a balança da justiça, para suspender a sua inclinação, por quanto estes doutos Authores (6) se declaram amigos dos de Provença, confessando dever-lhes algum obsequio, e protestando-lhes que de outra sorte decidirão esta materia a não ser a verdade. Onde se manifesta claramente, que nestas obsequiosas satisfações mostram a pouca razão, que lhes achárão, e tacitamente se está conhecendo, que decidirão por parte dos Portuguezes, buscando o prudente meyo da indecisão, ou dando-se por suspeitos na causa para a não sentenciarem, por não desgostarem aos seus amigos, a quem se confessão obrigados.

52 Contra os fundamentos, que se allegão por parte dos de Provença, se podia fazer huma mais larga impugnação, provada pela razão; pelos Authores, e pelos proprios Francezes, como já fica ponderado; mas bastará o que até aqui temos escrito, para mostrarmos o errado conceito de Ferrario, e dos

Dd de

(6) Et paulo infra à loc. citat. ibi: *Fretus ergo hujusmodi judiciis, de mea sinceritate formatis apud Provinciales amicos, quibus alias veritati salva quodvis obsequium debere profiteor, &c.*

de Provença em se persuadirem que o corpo do glorioso S. Torpes foy aportar nas prayas de Fraxineto, onde ainda o suppõem incognito, e assim o estará até o fim do mundo; pois como em nenhum tempo existio naquella parte, nunca nella se poderá descubrir. Ultimamente diz hum Author (7) Francez, fallando da vinda de Sant-Iago a Hespanha, que muito tarde chegou esta imaginação aos Castelhanos. O mesmo podemos applicar aos Provençaes sobre a pertendida vinda do corpo de S. Torpes àquella Provincia, que muito tarde lhes chegou esta imaginação.

53 Mas não me admira tanto de que Ferrario, e alguns Francezes queirão levar o corpo do nosso Santo a Provença, quando hum Hespanhol moderno o quer conduzir a Africa: novidade, que agora li com admiração em hum livro, que proximamente se imprimio na lingua Castelhana na Cidade de Valença no anno de 1742. com este titulo: „ Censura „ de Historias fabulosas, obra posthuma de D. „ Nicoláo Antonio, &c. que publica D. Gregorio Mayans y Siscar, Author da vida do „ mesmo D. Nicoláo Antonio. „ Este livro he hu-

(7) O Abbadé de Comanville.

humacrissis aos Chronicões de Dextro, Luitprando, e Juliano, e outro mais, em que pretende mostrar serem apocrifos, e inventados pelo Padre Jeronymo Roman de la Higuera, douto Jesuita da sua mesma nação; o que já o mesmo D. Nicoláo Antonio ostentou na sua Bibliotheca Hispanica com bem aparada penna, e com a mesma modernamente o disse o Padre Mestre Fr. Jacintho Segura no seu Norte Critico. Muitos Authores tambem Castellhanos, e muito dóutos defendem a verosimilidade dos taes Chronicões, como apontey no livro 2. §. 52: mas deixando a certeza, ou incerteza destes suppostos, ou verdadeiros livros, digo que como nelles se falla dos nossos Santos Torpes, e Celerina, logo forão o objecto da mayor impugnação; e não valendo no seu conceito os muitos, e antigos Authores não ignorados por este Critico, nega sem fundamento o martyrio à nossa Santa Celerina; é a recepção, que fez do inclyto Martyr na nossa Lusitania, levando-o por huma errada conjectura para Africa, e interpretando alheyos discursos, dá o veneno da sua sinistra intenção em pirola dourada. Por quanto no liv. 5. cap. 8. §. 21: allegando com Pe-

dro Galefino à 17. de Mayo o Bispo Equilino liv. 5. e. 8. Duarte Nunes de Leão e. 74. Fr. Bernardo de Brito Monarch Lusit. part. 2. liv. 5. cap. 6. diz que o corpo do nosso Santo fora recebido por Santa Celerina em Sines da nossa Lusitania; e logo falla nestes termos, ibi: „ Yò no pretendo derogar en nada a la „ piedad, que tiene esto por mas cierto: di- „ gò lo que otros pueden discurrir en contra- „ rio, y voi a descubrir el pensamiento, que „ tuvo Dextrò de hazer Martyr à Celerina. „ En la ediccion de Equilino de el Cathalogò „ de los Santos no la primera de el año 1521. „ sinò la de Leon de el año 1543. no se lee „ *Hispaniam*; sed *Hisponiam*; y haviendo lu- „ gar en Africa con titulo de Hyppo, casi en „ frente de la costa de Italia, y puerto de „ Pifa, donde por la boca del rio Arno se „ arrojò el cuerpo del Santo Martyr al mar „ en una nave desierta, y medio deshecha, „ nò es poco verisimil, que arribasse alli, y „ no à Portugal, dando tan gran buelta por „ el estrecho, y saliendo del mar Mediterra- „ neo al Occano, &c. „

54 Confesso ingenuamente, que quan- do isto li, entrey na duvida de que o escre- vesse

vesse hum sujeito tão grande como D. Nicoláo Antonio, honra de toda a Hespanha, e credito da Republica literaria, confirmando-me mais este conceito o saber, que morrendo este grande Escriitor na primavera do anno de 1684. e sahindo a sua grande obra da Bibliotheca Hispanica, estivesse esta de censura de Historias fabulosas sepultada no esquecimento 58. annos, sem haver quem se lembrasse de a dar à luz, que levando o nome de seu Author, lhe augmentava a gloria, e para quem a deſte ao prelo as conveniencias da impressão. Os partos muito dilatados sempre forão infelices; e quando se retarda muito o nascimento aos posthumos, ou se julgão monstruosos, ou se reputão por filhos de outros pays. A razão, que tenho para entender que hum tão douto Escriitor não havia de pôr em papel o que delle deixo escrito, he que se não havia de valer a sua grande capacidade do erro de huma letra da segunda, ou terceira impressão, para nelle estabelecer tão nova idéa. As impressões mais certas são as primeiras, pois são tiradas do original dos Escriitores; e se o Bispo Equilino diz na primeira edição *in Hispaniam*, como póde dar forças ao juizo, que se

se faz, o descuido do impressor de Leão, mudando somente o *a* em *o*? Esta mudança diz *Hisponiam*; que não tem semelhança com *Hyp-pi*, pois para ter alguma; devia o mesmo impressor esquecer-se também do *l*; para ficar *Hyponiam*. He de admirar, e também de reprehender, que andem os Criticos modernos examinando as edições dos livros, e sobre o erro, ou mudança de huma letra em huma só edição; formarem huns juizos quimericos, e irrisorios, desfigurando a verdade, e pondo em seu lugar a mentira, trazendo-a tão arrastada, e violenta; que parece vem pelos cabellos, como se vê na presente questão. Sobre o que se veja o que já disse no livro 3. §. 39. e agora acrescento o que achei em hum discreto Politico; (8) que ainda que a differente assumpto, he proprio para o presente, ibi: ,, Contentemo-nos do sentido literal, não queiramos descobrir hum segredo debaixo de huma syllaba, ou de hum ponto: não demos tanta liberdade ao nosso entendimento na explicação dos entendimentos alheyos: não queiramos achar as causas aos conselhos dos seculos passados, ,, nem

(8) Monsieur Balsac no seu Aristippo, ou Homem de Corte disc. 4.



„ nem os motivos aos acontecimentos , &c. „  
55 Mas dando de barato a este Critico a sua mal fundada conjectura , de que na tal edição de Leão achou *Hisponiam* , e que por ella se entende Hyppo , he necessario averiguarmos quantas Cidades ; ou Lugares nos dá deste nome a Geografia antiga , além de Hyppo em Africa , a quem os Latinos denominavão : *Hyppo Regius*. Hum grave Author (9) com outro , que allega , diz que Hyppo he Cidade de Hespanha , e outro Author Castelhano , ( 1 ) a quem dão o titulo de Restaurador das letras humanas naquella Monarquia , ( 2 ) affirma que Hyppo he Cidade de Hespanha na Betica ; e hum grave Escritor ( 3 ) nos segura , que a Lusitania comprehendia parte da Betica , o que confirmão outros Authores ; ( 4 ) e à vista do que nos segurão Escritores tão doutos , temos a Hyppo Cidade na Bethica , e com melhor conjectura no nosso Portugal , pois que a Lusitania comprehendia

(9) Abrahão Ortelio no seu Theouro Geografico , allegando com Tito Livio no liv. 39.

(1) Nebrixa. Dictionar. Geograf. verbo *Hyppo*.

(2) O grande Dictionar. Histor. de Moreri , edição de Pariz. Verbo *Nebrixe*.

(3) Stephanus de Urbibus na palavra *Lusitania*.

(4) Fr. Heitor Pinto sobre Ezequiel ao cap. 27. a quem segue o Author da defenza da Monarch. Lusit. cap. 29. fol. 32.

dia parte da Bethica; e se este Critico tinha em Hespanha aquella Cidade, não sey com que motivo se valeo do erro da impressão de Leão; tirando com violencia, e impropriedade o nome de Hyppo. daquella palavra *Hispouiam*, quando o tinha claro, e distincto na nossa Lusitania, onde devia conduzir o corpo do nosso Santo; pondo-o no verdadeiro lugar, em que aportou; e não levalllo tão violentamente a Hyppo. Africano, ao qual sómente a sua extravagante idéa o conduzio; mas não o quiz trazer tão longe; porque como achou quasi defronte da Costa de Italia o porto de Pifa, àquellê Hyppo de Africa, diz elle, que lhe pareceo mais verosimil que alli chegasse, e não a Portugal, dando tão grande volta pelo estreito, e sabindo do mar Mediterraneo ao Oceano. Se este Author escreve, que a barca, que conduzio o Santo corpo, era, expliquemo-nos pelas mesmas suas palavras, ,, de,, fierta, y mediõ deshecha, ,, como podia desta sorte, sem milagre, navegar de Italia a Africa, sem que logo se submergisse? E se hum Anjo a conduzio, como affirmão todos os Authores, que tratão desta admiravel trasladação, tanta difficuldade havia para ser levada

vada

vada a Africa, como a Portugal, à Persia, à China, ao Perú, e dar huma volta ao Mundo pelo mar Glacial da nova Zembla; pois para Deos nada he impossivel; e isto que nos parece muito, para a grandeza da sua Omnipotencia he nada.

56 Como este Critico não quiz que a barca de S. Torpes sahisse pelo estreito ao Oceano, e lhe podião fazer argumento com a embarcação, que conduzio da Palestina o corpo do glorioso Apostolo Sant-Iago Mayor até o lugar do padrão em Galiza, continúa desta forte, ibi: „ Que aunque se pueda dezir, que „ la misma navegacion, saliendo del estrecho, „ hizo la otra, que traía las Reliquias de nues- „ tro Apostol, y Patron Sant-Iago, ay diffe- „ rencia, en que de necesidad, por las in- „ formaciones seguras, y authenticas, que „ dan deste memorias antigas, debemos ad- „ mittir-lo assy; y de la navegacion, que hi- „ zo la nave, que llevaba el cuerpo de San „ Torpete, nõ solo nõ ay tradicion antigua, „ però ni aun del Autor; que lo escribió ca- „ si en nuestros tiempos, se puede dezir que „ ciertamente lo dixesse, &c.; „ Não há mais bem achada differença; que a que dá este Es-

Ee

cri-

critor; porque diz que a de Sant-Iago de necessidade se deve admittir pelas seguras informações, que dão as memorias antigas, e da de S. Torpes, que não ha tradição antiga, ou moderna, que o segure. Se este Critico trocasse os termos, melhor podia defender esta proposição; porque menos impugnada he a vinda de S. Torpes a Portugal, que a de Sant-Iago a Hespanha; sobre o que deixo escrito no liv. 2. §. 40. bastantes provas, que o qualificão nos Authóres, que allego, e nos mais, que aponto se póde ver a pouca noticia, que este Escriitor tem dos muitos, que segurão a vinda do corpo de S. Torpes a este Reino.

57 Não satisfeito porém do Hyppo, que descobrio com tanta infelicidade na edição de Leão, se valeo ainda do Sinense, em que falla Dextro para o levar a Africa, por achar nella huma Cidade deste nome. Se este Escriitor, por achar Sinense nesta parte do Mundo, lá quiz collocar o corpo do nosso Santo, com mais propriedade pelo mesmo nome o pudera levar a Azia na Armenia menor, pois acharia nella huma povoação chamada Sines, como nos declara hum Author de boa nota,

ta, (5) e desta sorte consideravamos o corpo do nosso Martyr nas trez partes do Mundo naquelle tempo conhecidas; e se a America não fosse descoberta tantos seculos depois, nella se encontraria alguma povoação, que houvesse no seu nome alguma semelhança com o de Sinnes, para là se collocar. He digno de toda a censura; que andem os Criticos modernos desenterrando os corpos dos Santos, e levando-os na sua idéa a lugares estranhos, collocando-os em mentirosas sepulturas, e o que mais he não os querendo no seu paiz; pois delle os separão, quando a piedade Catholica se interessa tanto em os possuir.

58. Continúa o Escriitor em comprovar o seu pensamento, querendo descobrir o que teve Dextro, dizendo que tambem em Africa se acha o nome de Celerina Avó do Santo Diacono Celerino, e coroada com o martyrio, de quem falla S. Cypriano na Epist. 34. com grandes elogios, como de igual ao seu tempo, confessando tambem que esta Santa não padeceo martyrio no tempo de Neró. Examinemos agora por huma razão chronolo-

(5) Abrahão Ortel. no Thesour. Geograf. lit. S. ibi: *Sinis colonia. Tholom. Militenz Urbi in Armenia Minore ad Eufratem fluvium eadem esse cum Colonia, &c.*

gica o tempo ; em que esta gloriosa Martyr floreceo. Foy S. Cypriano Bispo de Carthago em Africa ; succedeo a Donato ; ou Agripino ; como querem alguns Authores no anno de duzentos quarenta e oito ; ou 250. Se esta Santa foy contemporanea de S. Cypriano ; como diz o Escritor , he certo que existio quasi 200. annos depois do martyrio de S. Torpes ; pois foy este no anno 64. e como ha huma tão extraordinaria differença ; parece desnecessario o dizer ; que tambem em Africa se acha o nome de Celerina ; por quanto neste reparo quer persuadir que seria esta Santa a que em Africa recebeo o corpo do nosso São Torpes ; o que he moralmente impossivel , como fica manifesto ; e se em Africa não ha memoria de outra Celerina mais , do que esta Santa ; de quem fallã S. Cypriano , a qual não podia receber o corpo de S. Torpes pela differença dos tempos ; em que existirão ; qual seria a Celerina ; que naquella parte fizesse a recepção , de que fallão os Authores , narrando os Actos do Santo Martyr. Eu o não sey ; nem o Escritor o ha de mostrar ; pelo que se está conhecendo a mal fundada idéa de semelhante proposição.

59 Diz mais que a nossa Santa Celerina Lusitana não foy Martyr , como quer Dextro ; e por adivinhar o pensamento , que este teve em lhe dar este titulo , a levou a Africa com o nosso S. Torpes , confundindo-a com Santa Celerina Africana. A desordenada paixão do Author contra os Chronicões de Dextro , Juliano , e Luitprando lhe fez não advertir que muitos annos antes de apparecerem ao publico , ( 6 ) foy proclamada por Martyr a nossa Santa Celerina por Escritores tão doutos como João Vaseo na Chronica de Hespanha , Pedro Galesino , e Philippe Ferrario nos seus Martyrologios , e outros muitos Authores , e os antigos Cathalogs dos Santos de Portugal , e Martyrologios do nosso Reino assim o certificação , além de huma tradição constante , e antiga , com que he esta Santa venerada por Martyr , e Lusitana ; mas nada basta , para que o Author lhe deixe de negar estes predicados ; porque como Dextro:lhos attribue , no seu conceito havião de ser fabulosos ; sem attenção a que antes da invenção dos Chronicões já a nossa Santa Celerina era

(6) Foy a primeira edição dos Chronicões no anno de 1619. como diz o Author impugnado.

contada em o numero dos Mártires em Chronicas, e Martyrologios.

60. Continúa o Antegonista dos nossos Santos a dizer que as Actas de S. Torpes são em muita parte legitimas, mas que nellas se lêm algumas circumstancias, que arguem o contexto todo de menos puro. Primeiramente que se faz muito difficultoso de crer o Templo, que Nero fez construir a Diana, pelo silencio dos Authores daquelle tempo: ao que se responde, que os Escritores das acções de Nero forão Gentios; e como o Templo de Diana foy destruido, e reduzido a cinzas pelas orações do Santo, ficando sepultados nas suas ruinas tanta multidão de idolatras; não havião aquelles Authores de escrever a injuria, com que os seus Deoses se virão abatidos, e humilhados às vozes de hum homem, que seguia a Ley de outro, a quem os Ministros do mesmo Imperio tinham feito morrer tão affrontosamente; e para não deixarem memoria de hum tão prodigioso milagre, que exaltava a Ley de Christo, e aniquilava a dos Romanos, callarão a construcção do Templo de Diana, que durou tão pouco, que apenas Nero ostentou aquella vaidade, que imitava

o. fir.



o firmamento Celeste , logo permittio Deos que pela oração do seu Santo Martyr se ar-ruinasse , e desfizesse , por cuja causa não devião os Escritores Romanos fazer ostentaçãõ de huma obra , cujo fim foy huma perpetua af-fronta da sua vã idolatria. Confirmaõ este pen-samento os grandes prodigios , que Deos obrou com os mais Santos Martyres , que padecê-rão no dominio dos mesmos Romanos : e por-que estes os não escrevêrão , deixou a nossa piedade de os acreditar por verdadeiros : E assim como passárão à nossa noticia , pela que nos deixarão os Christãos daquelles tempos , da mesma sorte a construcção , e ruina do Templo de Diana se faz verosimil pelos an-tigos Actos do martyrio do nosso S. Torpes , repetidos por mais de doze seculos por tantos Authores dignos do máyor credito por santos , e doutos.

61 Em segundo lugar diz o Author , que a Genealogia do nosso Santo está errada ; por-que não era da familia dos Sylvios , mas sim dos Salvios. Este reparo fizemos antes que vis-femos o do Author , como declarámos no prin-cipio desta historia ; mas seria equivocação , ou erro de huma letra da impressão , de que não

não havemos de fazer tanto caso, como fez o Author, pois não altera a substancia da mesma historia: Diz mais, que se faz duro de crer que Santa Celerina edificasse hum Templo de tanta magnificencia à vista dos Gentios, e mais que tudo na perseguição de Nero; e que ainda que D. João Tamayo, respondendo ao Padre Bivar, diga que o Templo se edificou depois da morte deste Empèrador, que sempre fica a mesma duvida; porque nos primeiros annos da Igreja Catholica, os poucos Christãos se contentavão com ter as suas Igrejas muito escondidas, e pobres, não dando lugar a outra cousa os Juizes, e Governadores Gentios, logo como se pôde julgar que Santa Celerina se atrevesse a construir hum Templo dedicado a hum homem, a quem os Ministros do mesmo Imperio tinham tirado a vida com affrontosa morte, cuja acção não devião consentir contra os seus Deoses. &c. Estas razões, que dá o Author, podia com muito mayor razão applicar à construcção do Templo de nossa Senhora do Pilar de Caragoça, feito, como querem os da sua nação, por Santiago Mayor, pois se edificou por sete, ou nove homens estrangeiros em huma Cidade

das

das mais populôfas de Hespanha, e zelofa da idolatria, cuja circumftancia não havia em Sines, por fer huma povoação de pouco nome, e tão efcondida na mefina Hespanha, que della não havia noticia, fendo o Templo édificado por huma Senhora muito illuftre, e Hespanhola, já fóra da perseguição de Nero, como o escreve hum Santo veneravel, e douto (7) ha mais de onze feculos. As razões, que houve para Santa Celerina poder construir o Templo em Sines fobre a fepultura do noſſo S. Torpes, deixo já referidas no liv. 2. §. 33. onde fe podem ver; e fenão forem capazes de destruir os fundamentos do Author, tomára ver os que tem, para authorizar a fundação do Templo de Caragoça por Sant-Iago; pelas razões, com que nega o de S. Torpes em Sines.

62 Diz mais, que he falſo o que as Actas dizem, de que Santa Celerina tinha Imperio fobre ametade de Hespanha, quando naquelle tempo era fujeita aos Romanos, onde mandavão os feus Legados, ou Governadores, &c. Esta palavra Imperio não fe entende; como

Ff mo

(7) O Veneravel Beda no feo Martyrolog. 17. de Mayo, ibi: ...  
*Et de facultatibus suis, cessante persecutione, Ecclesiam supra construxit, &c.*

mô o Author a interpreta , com dominio absoluto , senão com dominio delegado. Foy Santa Celerina Espôsa de Lucio Vennonio , ou Venancio , Patrão , ou Governador da Augusta Colonia Tarraconense ; e como governou esta grande parte de Hespanha , por esta causa dizem as Actas , que tinha imperio , ou mando sobre ametade de Hespanha , e neste sentido se lhe attribue o tal dominio , e não no absoluto , a que o Author se persuade. Sobre o que se veja o que dissemos no liv. 2. §. 6.

63 Desta sorte impugna este Author o martyrio de Santa Celerina , e a recepção ; que fez dô corpo de S. Torpes em Sines , cujos fundamentos são de tão pouca entidade , como se manifesta. Nada fez em impugnallos , porque elles por si se estão contradictando. Eu me persuado , que se nos suppostos Chronicões se não encontrassem os nossos Santos Torpes , e Celerina , não se fallaria nelles com tão desordenada crissis , não servindo a opposição , e censura mais , que de idear historias fabulosas contra a sua verdadeira existencia no nosso Reino ; mas para que a verdade mais resplandecesse ; foy necessario ser contradictada.

64 Este nosso illustre Martyr , soberano pela origem , augusto pelo merecimento , e glorioso pelo seu heroico triumpho , foy sempre adorado de todos os fieis pelas excellencias de suas eminentes virtudes , e frequentes beneficios , com que faz o seu nome mais venerado , bastando invocar o seu patrocínio , para o achar prodigiosamente propicio. Todos o tem assim experimentado , e especialmente a Cidade de Piza , que por mais interessada nas glorias deste seu Padroeiro , o busca com fé viva ; e este illustre Martyr , reconhecendo-a por theatro glorioso dos seus mais heroicos triumphos , a tem tomado debaixo da sua protecção com hum prompto soccorro nos seus mayores trabalhos. Gemia esta Cidade na mayor afflicção , que se póde considerar entre os mortaes , naquelle horror mais lastimoso , naquelle flagello da ira Divina , e naquelle fatal estrago , que não reserva desde o Monarca até o escravo , pois faz em todos igual effeito. He este aquelle mal , que nega a quem o padece as Leys da piedosa hospitalidade ; pois quando buscão o refugio alheyo , encontrão com violencia a morte , de que fugião. Não o experimentou assim aquelle afflicto povo no nosso

Santo , de quem buscárão o patrocínio ; pois recorrendo a elle no dia 29. de Abril , que foy o do seu martyrio com huma solemne Procissão , em que foy levada a sua sagrada cabeça , achárão nelle saude , e vida , pois logo cessou a peste , não morrendo daquelle dia em diante os feridos daquelle terrivel contagio. Este grande milagre admirou a toda a Christandade ; mas quando não foy qualquer acção do glorioso S. Torpes hum prodigioso assombro. ? Em perpetua memoria desta maravilha ; e em gratificação de tanto beneficio , vay todos os annos o Clero , e Magistrados a visitar o Santo , e lhe celebra Missa em acção de graças. Este milagre referem huns Autores graves , ( 8 ) dizendo também que no mesmo acto da Procissão dera o Santo vista a hum cego.

o 65 Não lie menos de admirar hum grande milagre , que se lê com assombro , ( 9 ) succedido no decimo terceiro seculo. Occupava a Cadeira Arquiepiscopal da mesma Cidade o Arcebispo Federico , em cujo tempo se padeceo nella huma extrema seccura por falta de chu-

( 8 ) A<sup>ta</sup> SS. 17. Maii §. 4. Macedo Divi Tutelares fol. 128.

( 9 ) Idem A<sup>ta</sup> SS. loc. cit.

chuva, com que os campos não-produzião os deseçados frutos. Como o unico remedio de semêlhante calamidade he recorrer a Deos pelos seus Santos, buscou aquelle afflicto povo ao seu Protector, e Padroeiro o glorioso São Torpes, e em solemne Procissão foy levada a sua cabeça pelo Arcebispo por toda a Cidade até perto da foz do rio Arno, onde na praya se lhe fez huma devota deprecação; e immergindo na agua a sagrada Reliquia, se continuárão a Deos as rogativas de lhe pedir que pelo merecimento, que naquelle lugar tinha alcançado o seu glorioso Martyr, désse aos campos a chuva necessaria. Com a vehemencia desta supplica se descuidou mysteriosamente o Prelado, largando das mãos a sagrada cabeça, que foy arrebatada da corrente das aguas. Poz aquelle successo ao Arcebispo na mayor consternação, e com os joelhos em terra, e copiosas lagrimas pediu a Deos lhe restituísse aquelle precioso thesouro. Foy de tanta efficacia aquella oração, que retrocedendo o rio a sua corrente contra a ordem natural, poz nas mãos do Arcebispo aquella Reliquia, que se julgava perdida. Admirado todo o povo deste prodigio, começou a dar:

dar a Deos as devidas graças , acendendo-se em seus corações mayor devoção ao Santo ; e para que ficassem inteiramente satisfeitos , foy Deos servido dar logò chuva em tanta abundancia , que teve o Arcebispo ; e a sua familia necessidade de carruagens para voltar para a Cidade. Esta grande maravilha referem quasi pelas mesmas palavras huns Autho- res doutos , ( 1 ) e ella nos persuade piedosa- mente a crermos que he aquella cabeça do nos- so Santo , porque o prodigio authoriza o cul- to. Desde este tempo foy a veneração dos Pi- sanos mais excessiva para com S. Torpes , que tem continuado até o presente , recebendo do mesmo Santo repetidos favores.

66 Entre as maravilhas , que na Villa de Sines se contão do nosso inclyto Santo , que por muitas não repito , direy sómente hum continuado milagre , ou hum sem numero del- les , que effectivamente obra com os enfermos de sezões. Todòs os devotos do Santo , que padecem esta enfermidade , lhe promettem ir offerecer na sua sepultura hum pão , e hum peixê , se Deos pelos merecimentos do mes- mo Santo os livrar daquella penosa molestia. He

( 1 ) Acta SS. 17. Maii §. 4.



He tão continuo ouvir o nosso Santo estas rogativas , e querer a satisfação destas promessas , que muitas , e repetidas vezes se estão encontrando na sua sepultura estas oblações , final certo da milagrosa faude , que cobrará os que nella as offerecêrão. Além de ser esta maravilha tão notoria , posso eu tambem depor nesta materia de facto proprio ; pois padecendo humas perigosas sezões , alcancey a desejada faude por meyo desta promessa. Tambem sou fiel testemunha , que fazendo caminho pela foz da Junqueira , onde está a sepultura do nosso Santo , achey nella dous pães , e dous peixes , demonstração da faude , que conseguirão os que nella os tinham deixado. Tem introduzido o costume aproveitarem-se destas offertas aquelles , que primeiro as encontram , rezando primeiro ao Santo de joelhos hum Padre nosso , e huma Ave Maria. A piedosa devoção , e fé viva , com que os doentes buscão desta sorte o seu remedio no nosso glorioso Martyr , he tão antiga , que excede a memoria de todos os moradores daquella Villa , cujo principio , ou origem daquella qualidade de offertas totalmente se ignora. Com a continuada repetição de tantos

milagres parece que quer o Santo fazer lembrado o lugar da sua sepultura, já que a vê-tão esquecida para a sua justa decencia, e veneração, levantando-lhe desta sorte hum glorioso, e eterno padrão, que os homens lhe negarão depois da ruina do seu Templo, mostrando com tantas maravilhas, que naquelle lugar existio verdadeiramente o seu sagrado corpo, e que se agrada que a nossa piedade lhe tribute aquelle culto.

67 Pela gloria, que a Cidade de Pifa conseguiu em ser regada com o precioso sangue do nosso invicto Martyr, o elegeo por seu Padroeiro, desempenhando o Santo com prodigiosas maravilhas a sua protecção, como fica mostrado. Tambem o devemos considerar Tutelar da Villa de Sines, por nella lograrmos a sua sepultura, e as Reliquias do seu sagrado corpo, e Templo. Hum Author (2) o faz especial Protector dos navegantes, que devotamente o invocão, como tambem o devemos julgar particular advogado dos enfermos de sezões pelos repetidos milagres, que com elles obra. Em especial attenção a este grande Santo lhe ordenou a Sé Apostolica Officio

(2) O Padre Fonteca Evora Glor. part. 2. §. 348.

ficio duples , que teve até o anno de 1616. mas no seguinte , augmentando-lhe o culto , lhe conferio duples de 2. class. Assim o refero hum Escriitor ( 3 ) por noticia , que lhe communicou Bartholomeu Castro Caro , certificando-nos tambem. que o Papa Urbano VIII. por Bulla passada no anno de 1642. mandára que este Santo tivesse festa propria. A Igreja de Evora o celebrou sempre , como se vê do seu antigo Breviario , que o Mestre Rezende estampou de novo no anno de 1548. mas deixou a reza do glorioso S. Torpes , e de dez-oito Santos mais , que em Mayo celebrava , depois que recebeu o novo Breviario Romano do Papa Pio V. em 1568. como diz hum Author moderno. ( 4 )

68 Finalmente para repetir as grandes prerogativas , e continuados milagres do sempre venerado , e esclarecido Martyr S. Torpes , glorioso assumpto desta breve historia , seria necessario occupar muitos volumes , e ainda parece que faltaria o papel , e a tinta para se escreverem. Por esta pequena parte , que a minha grande devoção pode descobrir ,

Gg

fe

(3) O Padre Antonio de Macedo. Divi Tutelares, fol. 128.

(4) O Padre Fofc. Evor. Glor. part. 2. §. 348.

se conhecerá o agigantado de suas maravilhas, o immenso dos seus prodigios, e o esclarecido de suas virtudes. Por tão nobres, e superiores excellencias devemos buscar a este grande Heroe da santidade; e, para nos fazermos dignos de merecermos o seu patrocínio, he preciso que o amemos com hum cordeal affecto, que o invoquemos com huma viva fé, e o veneremos com a mais ardente devoção, para que desta sorte consigamos os maravilhosos effeitos da sua protecção, sendo remedio universal em nossos trabalhos, consolação em nossas afflicções, e especial Advogado no Ceo para com Deos Senhor nosso. Praza a este Omnipotente Senhor fazer-nos participantes da mesma gloria, que logra este seu triunfante Martyr, para que assim vejamos o premio dos seus altos merecimentos.

**FIM DO TERCEIRO LIVRO.**

# INDEX

ALFABETICO

DAS COUSAS PRINCIPAES,  
que contém este Livro.

## A

*Lampada.* Vide *Lampada.*

**A** *Antioquia.* A sua Igreja foy a primeira da Christandade, edificada pelos Apostolos, liv. 2. num. 32.

*Apostolos.* Com a sua prégacao, e graça, que recebêrão do Espirito Santo, vencêrão todo o poder do Gentilismo, liv. 3. num. 2.

*Arno.* Rio em Pifa. Nas suas margens he cortada a cabeça de S. Torpes, l. 1. n. 57. e 58.

*Artemio* (Santo) Noticia deste Santo, Chronista de S. Torpes. Sua morte, e sepultura, liv. 2. num. 57. e 58.

*Audax* (Santo) Lusitano, ajudou a sepulturar S. Torpes. Sua noticia, morte, e sepultura, liv. 2. num. 57. e 58.

## X E B

**B** *Afilicás.* Noticia da origem deste nome, e sua applicação, liv. 2. num. 31.

*Borboletas.* O celebre prodigio destes insectos succedido todos os annos em Sines, attribuido a S. Torpes, l. 3. n. 17. e 18. n. 53. e 54.

## C

**C** *Abeça.* A de S. Torpes se venera em Pifa, liv. 3. num. 31. 32. e 33. Mi-

lagres, que tem obrado naquella Cidade, *Caligula*, Emperador Romano: Dizem alguns

Authores, que no seu tempo se prégara a Ley de Christo em Hespanha, liv. 2. n. 2.

*Caragoça.* Cidade em Castella. Não se faz verosimil que nella fundasse Sant-Iago hũ-

ma Igreja a N. S. do Pilar, liv. 2. n. 44.

*Casco* da cabeça, que se achou na porta do tumulo de S. Torpes da parte de fóra, l. 3. n.

12. Discursos, e conjecturas feitas pelo Authór sobre este mesmo casco, ib. n. 31. até 36.

*Celerina.* (Santa.) Nobilissima Matrona Lusitana, e segundo objecto desta historia. Foy

Ce-

Esposa de Lucio Venonio , ou Venancio ,  
Patrão, ou Governador da Colonia Augus-  
ta Tarraconense ; liv. 2. n. 7. A sua natu-  
ralidade, e illustre nobreza, num. 8. Per-  
de a seu Esposo , e retira-se para Sines,  
num. 12. Descrição desta Villa, num. 9.  
10. e 11. Alcança huma solida virtude. He  
admoeitada por hum Anjo em sonhos, que  
receba o corpo de S. Torpes, e lhe dê de-  
cente sepultura. Vay no dia seguinte à pra-  
ya, acha a barca com o sagrado corpo com  
o cão, e gallo, como em Pisa. O deitirão  
pela foz do rio Arno, num. 13. 14. e 15.  
He sepultado pela Santa junto à praya,  
num. 21. Dá parte deste prodigioso succes-  
so a S. Manços, primeiro Bispo de Evora,  
n. 20. Notícia deste Santo Prelado, n. 19.  
Edifica esta Santa hum magestoso Templo  
sobre a sepultura de S. Torpes, que dizem  
foy consagrado por S. Manços, num. 22.  
e 23. Mostra-se que foy este Templo o pri-  
meiro de Europa, e segundo da Christan-  
dade. Impugnaõ-se as opiniões contrarias,  
num. 25. até 51. Martyrio desta gloriõsa  
Lusitana, num. 54. 55. e 56. *Tomé*  
*Cesar*, primeiro Emperador Romano. Depois  
de

o de conseguir gloriosos triunfos, foy morto violentamente na sua propria Corte; l. i. n. 15.

**Claudio.** Emperador Romano, antecessor de Nero; liv. i. num. 6.

**Critica.** Sua definição, e o para que serve, liv. 3. num. 39.

**D**

**Diana.** Divindade do Gentilismo, a quem o Emperador Nero fez construir hum Templo na Cidade de Piza com a mayor magnificencia. Sua descripção, liv. i. n. 35. e ruina, num. 55.

**Discipulos** de Sant-Iago. Trazem de Judéa o corpo de seu Mestre para Galiza. Pedem a Dona Loba lugar para o sepultarem. Esta lho nega, e os remette ao Rey de Galiza, que os prende. São soltos por hum Anjo. Mandá-os seguir por gente de cavallo, que ao passarem huma ponte, se arruina esta com morte dos perseguidores. Este milagre com a pregação deste Varões Santos converte o Rey à verdadeira Religião, liv. 2. num. 4.



**Documento** authenticò, que transcrevê o Author com a notícia do que se achou na sepultura de S. Torpes na foz da Junqueira, e o mais, que ella contém, liv. 3. n. 22.

**Domiciano**, Emperador Romano. Na perseguição, que moveo à Igreja, foy coroada com o martyrio a nossa Santa Celerina, liv. 2. num. 54. e 55.

**E**

**Velino**, illustre Romano do Conselho do Emperador Nero. He reduzido à verdadeira Ley pelos milagres, que admira em S. Torpes. Seu constante martyrio, liv. 1. num. 50.

**F**

**Foz da Junqueira**. Praya na Villa de Sinnes, onde veyo aportar o corpo do nosso Santo, liv. 2. num. 17. Neste lugar lhe foy construido hum magnifico Templo por Santa Celerina, num. 22. Nos seus vestigios

gãos se achou o tumulto, em que estava o  
sagrado corpo do nosso glorioso Martyr,  
liv. 3. num. 12.

**G**

**G**odos. Com as mais nações Septentrio-  
naes destroem o Imperio Romano, e  
se senhoreão de Hespanha, que estabelecê-  
rão em Monarquia, liv. 3. num. 4.

**Gratidão.** Sua definição. A que S. Torpes  
usou com S. Paulo, liv. 1. num. 30.

**I**

**I**mperio Romano. Sua decadencia, liv. 3.  
num. 3. Ponderação sobre o principio,  
e fim de varios Imperios, e Monarquias,  
num. 6.

**Iria Flavia.** He hoje o lugar do padrão em  
Galiza, onde chegarão de Judéa os disci-  
pulos de Sant-Iago com o seu sagrado cor-  
po, liv. 2. num. 4.

**Julião (Dom) o Conde.** Dá entrada aos  
Mou-

Mouros em Hespanha, que a conquistaõ toda em dous annos, liv. 3. num. 7.

# L

**L** *Ampada* sepulchral, achada no tumulo de São Torpes Dissertação sobre os seus usos, liv. 3. num. 24.

*Lucio Vennonio*, ou Venancio Ebociano, natural de Evora, Patrão, ou Governador de Colonia Augusta Tarraconense, Esposo de Santa Celerina, liv. 2. n. 7. Juizo, que faz o Author, que esse he o Rey de Galiza, por cuja ordem fora morto S. Pedro de Rates, num. 5. Depois se converte à verdadeira Ley. Foy tambem Tribuno em Galiza, num. 7. Sua morte, num. 8. Epitafio da sua sepultura, num. 5.

*Luzes* perpetuas, e inextinguiveis, que preparavão os antigos, para arderem nos seus sepulchros. Dissertação do Author sobre a possibilidade destas luzes, liv. 3. num. 24. 25. e 26.

## M.

**M** *Anços*, (Santo) primeiro Bispo de Evara. Noticia da sua vida, virtudes, e martyrio, liv. 2. num. 19. Recebe de Santa Celerina a noticia da admiravel trasladação de S. Torpes. Vem a Sines, n. 20. Querem alguns Authores, que o Templo, que Santa Celerina edificou sobre a sepultura de S. Torpes, fosse consagrado por este Santo Bispo, num. 23.

*Marco*, (Salvio Otho) Emperador Romano, tio de S. Torpes, liv. 1. num. 3. He offendido por Nero no mais sensível da honra. Para o apartar da presença do aggravo, o manda governar a Lusitania com titulo de seu Legado. Governa dez annos com grande aceitação dos Lusitanos. Depois conseguiu o Imperio, que pouco tempo logrou, liv. 2. num. 1.

*Martha*, (Santa) irmã de Lazaro. Não veyo a França com seus irmãos, segundo a opinião dos mesmos Francezes, nem edificou a Igreja em Avinhão, que se lhe quer attribuir, liv. 2. num. 35. 36. e 37.

*Mar-*

*Martyrologio.* ( Romano ) Quanto faz celebrê o dia da trasladação do corpo de S. Torpes , liv. 2. num. .17.

*Milagres* attribuidos a S. Torpes , e à sua sacro-santa cabeça , que se venera em Pifa , liv. 3. num. 17. 18. 53. 54. e 55.

## N

**N**ero , Emperador Romano. Governou os primeiros cinco annos com o melhor acerto , liv. 1. num. 8. e 9. Depois foy horror do genero humano , num. 10. Seus detestaveis vicios , e crueldades , praticadas com suas proprias mãy , e mulher , num. 33. Queima Roma , e attribue este incendio aos Christãos , n. 34. Conquista a Cidade de Pifa , e nella faz edificar o soberbo Templo de Diana. Sua descripção , num. 35. Manda nesta Cidade prender a S. Torpes , e o deixa entregue a Satelicio , seu Governador , num. 37.

**O** **O**  
**O** *Tho.* Vide *M. Salvio Otho.*

**P**

**P** *Adrão.* Vide *Iria Flavia.*  
*Paulo.* (Santo) Sua admiravel conversão. Vem prégár á Roma por ordem de Christo. He instrumento prodigioso da conversão de S. Torpes, liv. 1. num. 12. até 16. Persuade a este Santo a abraçar a verdadeira Ley, e o reduz a seguilla, num. 17. Sua conversão, num. 23. Dizem muitos, e bons Authores, que este Sagrado Apostolo soy o primeiro, que prégou a Ley da Graça em Hespanha, liv. 2. num. 39.  
*Pedro* (Santo) de Rates, primeiro Arcebispo de Braga, e primeiro Apostolo, e Martyr de Hespanha, como querem alguns Authores. Dilata a doutrina Euangelica. Cura a filha de hum Rey de Galiza, e a baptiza com sua mãy. He morto a golpe de espada por ordem do mesmo Rey, l. 2. n. 3.

*Pe-*

*Pedra.* No tumulo de S. Torpes se achou huma. Sua figura , liv. 3. num. 27. Dissertação do Authior sobre as figuras gravadas nella, liv. 3. num. 28. 29. e 30.

*Pelayo* (Dom) o Infante , retirado dos Mouros nos montes das Asturias. He aclamado Rey , e dá principio à restauração de Hespanha , vencendo grandes batalhas , l. 3. num. 8.

*Pisa.* Cidade na Toscana , conquistada por Nero , liv. 1. num. 35. Nella he prezo, atormentado , e morto S. Torpes , n. 37. 43. e 58. A sua cabeça obra nesta Cidade dous grandes milagres , liv. 3. num. 53. e 54. He o nosso Santo seu Padroeiro , num. 56.

## R

**R** *Eligião* Catholica. Suas excellencias. Mostra-se pela razão natural fer a unica , e verdadeira Ley , liv. 1. num. 18. e 19.

*Religião* dos antigos Romanos. O quanto era opposta à razão natural , liv. 1. num. 19.

*Roma*: Cabeça do Mundo Catholico, e patria de S. Torpes, liv. 1. n. 2. He queimada por ordem de Nero, cujo incendio attribue falsamente aos Christãos, n. 33. e 34.

## S

**S** *Abelico*. (ou *Satelicio*) Governador da Cidade de Pisa, a quem Nero entregou a S. Torpes para o martyrio, liv. 1. n. 37. Persuade ao Santo, para que deixe a Religião Catholica, num. 40. Resposta do Santo, num. 41. Manda-o atar a huma columna, e açoutar cruelmente, n. 43. Cahe a columna, e o edificio, e mata a este tyranno com morte de mais de sincoenta Gentios, num. 44.

*Santi-lago*. (Mayor) Seu sagrado corpo foy trazido de Judéa por seus discipulos a Galiza. onde se venera, liv. 2. n. 4. A sua missão Euangelica em Hespanha he contestada de varões doutos, num. 38.

*Satelicio*. Vide *Sabelico*.

*Saulo*: Acerrimo inimigo de Christo. Sahio da



da Cidade de Tarso a perseguir os Catholicos. Apparece-lhe o mesmo Christo, e muda em hum S. Paulo, liv. i. num. 12.

*Seneca.* Mestre de Nero. Atribue-se a amizade, que este grande Filosofo teve com S. Paulo, à industria de S. Torpes, para affim acreditar, e dilatar a Fé Catholica, liv. i. num. 29. Morre por ordem de Nero, num. 33.

*Sepultura.* He descuberta a de S. Torpes na foz de Junqueira na Villa de Sines em tumulo de pedra, no qual se achão seus sagrados ossos, mas sem cabeça, com humia lampada sepulchral, e humia pedra preta debuxada, liv. 3. num. 12. Milagre continuo, que Deos obra em os enfermos de fezões, que vão offertar hum pão, e hum peixe nesta sepultura, liv. 3. num. 55.

*Simão Marques,* (o Doutor) Desembargador da Relação Ecclesiastica de Evora, e Vigario Geral de Beja. Vem a Sines por ordem do Arcebispo D. Theotonio de Bragança a fazer a diligencia de descobrir o corpo de S. Torpes, que executa felizmente, achando-o na foz da Junqueira em tumulo de pedra, cujos sagrados ossos fez

tras-

de trasladar para a Sacristia da Matriz da mesma Villa, liv. 2. num. 12.

*Silvino*. Vide *Sylvino*.

*Sines*. Villa maritima da Comarca do Campo de Ourique da Provincia do Alem-Tejo.

Sua descripção, liv. 2. num. 9. 10. e 11.

He celebre, por vir a portar nas suas prayas, e ter nella sepultura o corpo do glorioso S. Torpes, num. 17.

*Sylvino*, ou *Sylvano*. Filho de Satelicio. Succedeo no governo de Pifa a seu pay, l. 1.

num. 45. Novamente persuade a S. Torpes a que deixe a Ley de Christo, n. 46.

Resposta do Santo, n. 47. e 48. He este por sua ordem levado ao Anfiteatro, e

lançado às feras, que o não offendem com manifesto milagre; num. 49. Manda dar

ao Santo crueis bofetadas, num. 52. Depois o manda levar ao Templo novo de Diana para sacrificar aos idolos. Cahe o Templo por terra, num. 53. Manda cortar a

cabeça ao Santo nas ribeiras do rio Arno, e metter o sagrado corpo em huma barca

velha com hum cão, e hum gallo, como fazião aos parricidas, e lançallo pela foz

do rio ao Mediterraneo, num. 58. e 60.

*Tem-*

## T

**T** *Emplo.* O de Diana em Pifa , edificado por Nero. Sua grandeza , e magnificencia , liv. 1. n. 35. Arruina-se com morte de innumeráveis Gentios , sendo levado a elle S. Torpes , n. 55. O de São Torpès , edificado por Santa Celerina sobre a sua sepultura. Sua magnificencia , l. 2. num. 22. e 23. Quando se acabou , obrou Deos varios prodigios , num. 24. Mostra-se que foy o primeiro de Europa , e segundo da Christandade , que se edificasse expressamente para culto de Deos , e se impugnaõ as opiniões contrarias , n. 25. até 51. Nas suas ruinas se descobrio o corpo do Santo , livro 3. num. 12. Tambem se achárão mais huns ossos , que se entende serem de Santa Celerina , e dos Santos Artemio , e Audax , num. 13.

*Theotonio* (Dom) de Bragança , Arcebispo de Evora. Recebe do Papa Xysto V. huma Bulla , para que na sua Diccese procure as Reliquias do glorioso S. Torpes. Entra nesta averiguação , mandando a Sines o Doutor

Simão Marques, seu Desembargador, e Vigario Geral de Beja, com Provisão sua a fazer esta diligencia, que executa felizmente, descobrindo a sepultura do Santo com os seus sagrados ossos, liv. 3. n. 11. e 12. São julgados por verdadeiros, n. 14. *Título: Tituli impositio.* Sua applicação, l. 2. num. 30.

*Torpes* (Santo) Romano. Genealogia da sua nobreza. Sua educação, liv. 1. num. 2. 3. e 4. Foy válido do Emperador Nero, n. 6. Ouve a S. Paulo, num. 17. Pondera as excellencias da verdadeira Ley, e reconhece as miserias deste Mundo, num. 18. até 22. Converte-se pela prégação de S. Paulo, num. 23. He tambem attribuida esta conversão a outro Varão Santo chamado Antonio. Impugna-se esta opinião, n. 26. e 27. He baptizado por S. Paulo, n. 28. E fortalecido na Fé por hum Anjo, n. 32. He prezo por mandado de Nero, e entregue a Satelicio, num. 37. Este o persuade a que deixe a Ley de Christo, n. 40. Resposta do Santo, n. 41. e 42. He atado a huma columna, e cruelmente açoutado, n. 43. Cahe a columna com morte de Satelicio, e de

de fincoenta Gentios mais , n. 44. Sylvino , que succede a Satelicio , novamente persuade ao Santo , que deixe a Ley de Christo , n. 45. e 46. Resposta do Santo , n. 47. e 48. He lançado às feras , que o não offendem com prodigiosa maravilha , n. 49. Esta reduz a Evelino , que dá logo a vida por Christo , num. 50. He o Santo atormentado com crueis bofetadas. Sua admiravel constancia , n. 52. He levado ao soberbo Templo de Diana , para sacrificar aos Deoses , n. 53. Arruina-se o Templo pela oração do Santo com morte de muitos Gentios , n. 55. He conduzido fóra da Cidade , e nas ribeiras do rio Arno lhe cortão a cabeça , n. 58. Mettem o seu sagrado corpo em huma barca velha com hum cão , e hum gallo , como fazião aos parricidas ; e guiada por hum Anjo , vem aportar às prayas de Sines neste Reino , n. 60. e 61. Onde Santa Celerina por ordem de Christo lhe dá sepultura , l. 2. n. 16. Edifica sobre ella hum magestoso Templo , n. 22. e 23. Arruinado este , e passados muitos seculos , se descubrio o corpo do Santo . l. 3. num. 12. A sua cabeça se venera em Pifa ,

n. 32. e 33. Milagres, e predicados deste glorioso Martyr, n. 17. 18. 53. até 56. *Tradições.* Sem documentos antigos são muy falliveis, l. 2. n. 46. Assim succede à mayor parte das dos Castelhanos, num. 47.

## V

**V** *Erdade.* Esta preciosa virtude se vê escurecida por muitos Authores, l. 3. n. 39. A opposição, que a ella se encontra em muitos livros, tem feito com que muitos Escritores duvidem, e desconfiem das mais-constantes, e seguras noticias. Apon-tão-se varios exemplos, num. 40.

## X

**X** *Ysto V.* (Papa) expede huma Bulla a D. Theotonio de Bragança, Arce-biúpo de Evora, para que na Villa de Sines da sua Diecese faça diligencia por descubrir o corpo de S. Torpes, dando-lhe commissão para o approvar, e reconhecer por verdadeiro, liv. 3. num. 11. até 14.

F I M.



177. *Acta synodalia ...*  
 ...  
 ...  
 ...

V

V. *Venerabilis ...*  
 ...  
 ...  
 ...

X

X. *XXII. (Paris) ...*  
 ...  
 ...  
 ...

F I M

28





